

SINCLAIR B. FERGUSON

SOMENTE PELA GRAÇA

COMO A GRAÇA DE DEUS ME SURPREENDE




VIDA NOVA

SINCLAIR B. FERGUSON

SOMENTE PELA GRAÇA

COMO A GRAÇA DE DEUS ME SURPREENDE




VIDA NOVA

Esse é um belíssimo livro, uma confluência providencial do coração de dois pastores (separados por tempo e cultura) sobre o tema da graça. Primeiro, temos o coração pulsante de um pastor africano quase desconhecido, Emmanuel T. Sibomana, que, muitos anos atrás, compôs o magnífico hino de sete estrofes O how the grace of God amazes me [Oh, como a graça de Deus me surpreende]. Depois, temos o coração grato e sensível do conhecido pastor e teólogo Sinclair Ferguson, que tomou as sete facetas reluzentes desse hino africano e as colocou contra a multiforme luz da Palavra de Deus para que agradeçam e iluminem ainda mais nossa alma. Somente pela graça é um livro que encherá seu coração de fervor.

R. Kent Hughes, professor de Teologia Prática do Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos

As meditações bíblicamente perceptivas e pastoralmente profundas de Sinclair Ferguson sobre a multiforme graça de Deus são ligadas como pérolas em um colar nas estrofes do hino africano O how the grace of God amazes me [Oh, como a graça de Deus me surpreende]. Cristo ocupa o centro, como deve acontecer: nele, nosso coração escravizado encontra liberdade, nosso coração culpado encontra perdão, nosso coração angustiado encontra um Defensor em meio às trevas e nosso coração assolado encontra forças para resistir às tentações do inimigo. Corações sedentos, venham a Jesus e bebam profundamente de sua fonte de graça maravilhosa e vivificadora, que nos enche de alegria e sustenta nossa esperança.

Dennis E. Johnson, professor de Teologia Prática do Westminster Theological Seminary e coautor de Aconselhamento a partir da cruz (Vida Nova)



ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

■

Ferguson, Sinclair B.

Somente pela graça : como a graça de Deus me surpreende / Sinclair B. Ferguson ; tradução de Susana Klassen. — São Paulo : Vida Nova, 2021.

ISBN 978-65-86136-30-2

Título original: By grace alone: how the grace of God amazes me

1. Graça (Teologia) I. Título II. Klassen, Susana

20-2167

CDD 234

■

Índices para catálogo sistemático

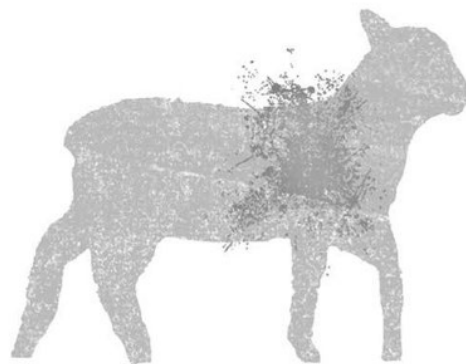
1. Salvação e graça

SINCLAIR B. FERGUSON

SOMENTE PELA GRAÇA

COMO A GRAÇA DE DEUS ME SURPREENDE

TRADUÇÃO
SUSANA KLASSEN




VIDA NOVA

©2010, de Sinclair B. Ferguson

Título do original: By grace alone: how the grace of God amazes me,
edição publicada por Reformation Trust Publishing,
uma divisão de Ligonier Ministries (Orlando, Flórida, EUA).

©2010, de Church Mission Society

Título do hino (citado ao longo de toda a obra): O how the grace of God amazes me,
letra de Emmanuel T. Sibomana e melodia de Frederick John Barff. Usado com permissão.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da

New King James Version. As citações com indicação da versão in loco foram traduzidas

diretamente da English Standard Version (ESV) e da New International Version (NIV).

Todo grifo em passagens bíblicas é de responsabilidade do autor.

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Leandro Bachega

Danny Charão

Preparação de texto

Matheus Augusto Belmont Nobre

Marcia B. Medeiros

Revisão de provas

Rosa M. Ferreira

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Faceout Studio

Vania Carvalho (adaptação)

Conversão para ePub

SCALT Soluções Editoriais

Para

Murdo e Alison Maclean,

outrora colegas, sempre amigos,

com gratidão e afeição.

Sumário

[Preâmbulo](#)

[Prefácio](#)

um: Meus grilhões caíram

dois: Amor incondicional

três: À custa de Deus

quatro: Uma grande troca

cinco: Segurança garantida

seis: Libertos do mal

sete: Verdadeira liberdade

PREÂMBULO

Conheci Sinclair Ferguson em julho de 2009 em Genebra, na Suíça, em um encontro de líderes de igrejas para comemorar os quinhentos anos do nascimento de João Calvino, um dos célebres reformadores europeus e pregadores da graça divina. Quando Sinclair me pediu para escrever o prefácio deste livro, eu não sabia o tamanho da surpresa que a graça de Deus tinha reservado para mim.

Em uma manhã de quarta-feira, em setembro deste ano, fui fazer uma visita em um bairro na cidade de Kampala, em Uganda. O local que visitei não era uma casa qualquer, mas um lar que tira das ruas órfãos e crianças necessitadas e lhes oferece o amor de Jesus. Fomos recepcionados por cerca de trinta crianças sorridentes, com expressão feliz, saudável e confiante no rosto. Em seguida, começaram a me contar suas histórias. Uma menina tinha sido resgatada pela polícia depois de ser abandonada e rejeitada com apenas três semanas. Outra havia sido encontrada no frio, sem comida, nem abrigo, nem roupas. As narrativas prosseguiram.

As crianças nos relataram suas histórias em uma canção escrita pelo diretor desse ministério. Era uma canção triste, mas também alegre; pessimista, mas com uma nota de vitória. Ao ouvir as palavras e a melodia, fui despojado de minha formalidade. Meu coração se derreteu.

Ana (nome fictício), uma menina de treze anos, chamou minha atenção. O Espírito Santo destacou o rosto dessa garota enquanto eu a via cantar. Ela era linda, mas tinha um ar de tristeza em suas feições. Havia perdido pai e mãe quando pequena e, com grande dificuldade, vivido sozinha nas ruas de Kampala antes de chegar a esse lar de transição.

Eu sabia que a imagem dessa menina me perseguiria pelo resto da vida se eu não fizesse nada. Duas semanas depois desse encontro, Ana se tornou parte de minha família.

Neste livro, Sinclair Ferguson revela as extraordinárias surpresas divinas que chamamos “graça”. Mostra-nos como Deus se curva para alcançar a alma

perdida sequiosa, que trilhou o caminho de solidão e trevas e que, como Ana, nunca imaginou a possibilidade de mudança. Deus vem porque olha com grande amor e age com ternura inexprimível. Seu desejo é resgatar os aflitos e ensanguentados, os perdidos e solitários.

Sinclair oferece um vislumbre dessa graça para a mente indagadora e para a alma faminta. Recomendo este livro a quem anseia conhecer a verdade a respeito do Deus que nos procura. Sua alma será nutrida e sua fé será fortalecida.

Reverendíssimo Henry Luke Orombi,
arcebispo da Igreja Anglicana de Uganda,
Kampala, Uganda.

Outubro de 2009.

prefácio

A inspiração por trás destas páginas é o hino singular escrito pelo pastor africano Emmanuel T. Sibomana. O pastor Sibomana nasceu em 1915 e viveu perto de Musema, uma missão batista na região central do Burundi. Tornou-se cristão no fim da adolescência ou no início da vida adulta e, posteriormente, foi ordenado pastor batista. Em 1946, publicou um hino chamado *Umbuntu bwimana*. O hino do pastor Sibomana foi traduzido por uma missionária inglesa em Ruanda, Rosemary Guillebaud, sob o título *Oh how the grace of God amazes me* [Oh, como a graça de Deus me surpreende].

O hino capta os ricos contornos e o caráter multifacetado da graça de Deus. Em várias ocasiões, a melodia fácil de cantar trouxe suas palavras a minha mente de modo espontâneo. A reflexão sobre os temas de suas estrofes me levou, por fim, a estudar o conteúdo bíblico por trás deles. Este livro é o resultado.

Embora em formato diferente (há menos capítulos, porém mais longos), Somente pela graça acompanha a obra *In Christ alone: living the gospel-centered life* [Somente em Cristo: vivendo a vida centrada no evangelho].¹ Os dois hinos estão entre os magníficos lemas do ensino bíblico e captam duas importantes ênfases da teologia histórica evangélica.

Mas por que mais um livro sobre a graça de Deus? Porque, como o hino do pastor Sibomana lembra, “a graça de Deus me surpreende”. É impossível refletir o suficiente sobre a graça de Deus.

O tema não é, de maneira nenhuma, exclusivo desse hino. O mais famoso hino do ex-comerciante de escravos e convertido John Newton começa, evidentemente, com as palavras “Maravilhosa graça — quão doce o som — que me salvou, a mim tão grande pecador!”.² Dois grandes compositores de hinos, os ingleses Isaac Watts e Charles Wesley também escreveram sobre esse tema. Watts refletiu sobre “Amor tão surpreendente, tão divino”.³ Wesley, que parece ter escrito praticamente um hino por dia em seu tempo livre, ensinou a igreja a cantar estas palavras: “Surpreendente amor! Como é possível que tu, meu Senhor, tenhas morrido por mim?”.⁴ Bem mais tarde, Charles H. Gabriel

confessou: “Maravilho-me na presença de Jesus, o Nazareno”.⁵

Ainda assim, por que um livro sobre “Como a graça de Deus me surpreende”? Por um motivo: nem todos os cristãos a consideram tão surpreendente.

Surpreender-se com a graça é sinal de vitalidade espiritual. É o teste conclusivo da firmeza e da realidade de nossa compreensão do evangelho cristão e da proximidade de nossa caminhada com Jesus Cristo. O cristão em processo de crescimento considera a graça de Deus maravilhosa e surpreendente.

E, no entanto, com frequência deixamos de dar à graça de Deus o devido valor. Pensamos: “Claro que Deus é repleto de graça”. Ou “Claro que merecemos sua graça. Afinal, não somos seu povo?”. Talvez nunca digamos essas coisas em voz alta. Mas, quando pensamos dessa forma, a graça de Deus deixa de ser surpreendente. O mais triste é que também deixa de ser graça.

É possível que um importante motivo para a fraqueza da igreja cristã no Ocidente, para a pobreza de nosso testemunho e para qualquer falta de vitalidade em nossa adoração seja o fato de que cantamos sobre “maravilhosa graça” e falamos de “graça surpreendente”, quando, muitas vezes, ela deixou de nos surpreender. Infelizmente, talvez possamos cantar de modo mais sincero sobre “graça habitual”. Perdemos a alegria e a energia vivenciadas quando a graça parece verdadeiramente surpreendente.

Com a ajuda do hino do pastor Sibomana, estas páginas refletem sobre a graça de Deus por sete ângulos. Provar o poder da graça de Deus pode revitalizar os santuários interiores de nosso ser e expulsar a letargia e a indiferença espirituais que nos levam a desconsiderar o valor da graça de Deus. Afinal, se a graça de Deus não nos surpreende, será que estamos verdadeiramente vivendo imersos nela? A graça de Deus, por natureza, maravilha quem a experimenta e surpreende quem a recebe.

Sou grato àqueles que me incentivaram a preparar estes estudos para publicação.

Eve Huffman, minha secretária na igreja First Presbyterian Church, em Columbia, mais uma vez contribuiu com sua ajuda caracteristicamente disposta e eficiente. Sou profundamente agradecido a nossos presbíteros e diáconos e aos membros de nossa igreja pelo ânimo que dão para que a equipe de pastores prossiga com a obra do ministério.

Greg Bailey foi, novamente, meu editor, amigo e “Barnabé literário”, e desejo expressar a ele o quanto valorizo sua ajuda contínua.

Somente pela graça celebra o evangelho por meio de um hino da igreja na África. Sou especialmente grato, portanto, a Henry Orombi, arcebispo da igreja anglicana de Uganda, por ter escrito o prefácio. Quando a editora Reformation Trust sugeriu a possibilidade de que um cristão africano escrevesse o prefácio, o nome do arcebispo Orombi me veio à mente de imediato. Ele é solidário com todos os homens e mulheres que andam na graça, como descobri em um domingo inesquecível no qual compartilhamos o privilégio de pregar do púlpito de João Calvino na Catedral de São Pedro, em Genebra, Suíça. No tempo de Calvino, a mensagem da graça do evangelho se propagou por todo o hemisfério norte e para o oeste; em nossos dias, ela se espalha como uma inundação para o hemisfério sul e para o leste. Hoje, norte e sul, leste e oeste podem se regozijar juntos pelo modo em que a graça reina em muitos corações entre as nações. Verdadeiramente, “como a graça de Deus me surpreende!”.

Minha esposa, Dorothy, e com ela toda a nossa família, continuam a prover doses generosas de amor e devoção que me cercam e sustentam no ministério. Mais uma vez, desejo expressar meu amor e gratidão pelos sacrifícios que têm feito ao longo de muitos anos e meus agradecimentos pela graça de Deus em sua vida e suas famílias.

A graça não é uma “coisa”. Não é uma substância que pode ser medida ou um bem a ser distribuído. É “a graça do Senhor Jesus Cristo” (2Co 13.14). Em essência, é o próprio Jesus. Exclusivamente por esse motivo, não poderia haver melhor livro para acompanhar In Christ alone [Somente em Cristo] que Somente pela graça.

Sinclair Ferguson,
First Presbyterian Church,
Columbia, South Carolina.
Setembro de 2009.

¹Sinclair B. Ferguson; Maurice England, *In Christ alone: living the gospel-centered life* (Sanford: Reformation Trust, 2007).

²Do hino *Amazing grace!*, de John Newton, 1779. [Uma tradução desse hino, feita pela Comissão do HCC e por João Wilson Faustini, denominada *Preciosa a graça de Jesus*, encontra-se em *Hinário para o culto cristão* (Rio de Janeiro: JUERP, 1992), sob número 314.]

³Do hino *When I survey the wondrous cross*, de Isaac Watts, 1707. [Uma tradução desse hino, de Manoel da Silveira Porto Filho, denominada *Contemplação da cruz*, encontra-se em *Salmos e hinos: com músicas sacras* (Rio de Janeiro/São Paulo: Igreja Evangélica Fluminense/Vida Nova, 1990), sob número 109.]

⁴Do hino *And can it be that I should gain*, de Charles Wesley, 1738.

⁵Do hino *I stand amazed in the presence*, de Charles H. Gabriel, 1905.

Oh, como a graça de Deus me surpreende

*Oh, como a graça de Deus
me surpreende!*

*Das cadeias me desvencilhou
e me libertou!*

Por que assim foi?

*De uma coisa eu sei:
agora desfruto visível liberdade,
que ele, por sua vontade, me concedeu.*

*Meu Deus me escolheu,
embora eu nada seja,
para assentar-me junto a meu Rei
na corte celestial.*

Ouça o que fez meu Senhor.

*Oh, o amor que o fez correr
ao encontro de seu filho perdido!
Foi isso que Deus realizou.*

*Não por justiça minha,
pois não tenho justiça nenhuma,
mas por sua misericórdia,
Jesus, Filho de Deus,
no madeiro do Calvário sofreu,
crucificado com ladrões,
imensa foi sua graça por mim,
que sou tão inconstante.*

*E, quando reflito que ele
no Calvário sobre si levou
o castigo do pecado
em meu lugar,
surpreso me pergunto por que ele,
sem pecado, morreu
por alguém tão vil quanto eu;
ele é meu Salvador!*

*Agora em meu coração
há um desejo somente:
permanecer no amado Salvador*

*e nele me esconder.
Ele é meu escudo e broquel,
que me cobre e me defende;
junto dele protegido estarei
dos dardos de Satanás.*

*Senhor Jesus, ouve minha súplica,
concede-me tua graça;
quando maus pensamentos brotarem
pela artimanha do Inimigo,
expulsa-os para longe
e a cada dia preserva-me
debaixo de teu poder,
ó Rei de meu coração.*

*Venha agora todo o meu ser,
olhos, ouvidos e voz.
Acompanhe-me toda a criação,
com gritos de alegria:
louve aquele que me livrou
do domínio do pecado*

e me libertou!

Cante e regozije-se!

— Emmanuel T. Sibomana

capítulo 1

meus grilhões caíram

Oh, como a graça de Deus

me surpreende!

Das cadeias me desvencilhou

E me libertou!

Por que assim foi?

De uma coisa eu sei:

agora desfruto visível liberdade,

que ele, por sua vontade, me concedeu.

Agraça “das cadeias me desvencilhou e me libertou!”.

Essas palavras simples expressam a experiência do cristão típico em todos os lugares, eras e línguas.

A graça de Deus em Jesus Cristo proporciona liberdade. Experimentar essa graça é libertação. Cadeias, grilhões e fardos — não importa como chamemos — são rompidos. Somos livrados de uma consciência culpada. Passamos a crer em Cristo e, de imediato, somos libertos. Aos poucos, passamos a desfrutar essa liberdade. Não vivemos mais em escravidão. Antes, somos homens e mulheres livres em Jesus Cristo.

Emmanuel T. Sibomana começa seu hino “Como a graça de Deus me

surpreende” nesse ponto da experiência pessoal.

Claro que, na realidade, nossa experiência não é onde a graça de Deus em si começa. Ela é muito anterior ao momento em que a experimentamos como indivíduos. O hino, contudo, tem como ponto de partida nossa experiência, pois é nesse ponto que, com os primeiros passos conscientes, entramos no mar da graça. Descobrimos, então, que ela é um oceano infinito que não parece ter chão. Ao afundarmos nele, começamos a perceber que sua origem se encontra no próprio Deus na eternidade.

Essa é a graça que “das cadeias me desvencilhou”.

De uma coisa eu sei:

agora desfruto visível liberdade,

que ele, por sua vontade, me concedeu.

Charles Wesley expressou essa mesma ideia. Se você tem algum conhecimento a respeito dos irmãos Wesley, John e Charles, sabe que, antes de crerem em Jesus Cristo, tinham uma vida exteriormente impecável. Charles era ministro da igreja anglicana. Não havia cadeias visíveis. Não tinha vícios aparentes. Em seu tempo de estudante na Universidade de Oxford, era conhecido por sua rigorosa integridade moral e seu serviço enérgico. Poucos imaginavam que poderiam se equiparar a ele em santidade. Um de seus livros prediletos era *A serious call to a devout and holy life* [Um chamado sério para uma vida devota e santa].¹ Esse título resumia quem ele era.

E, no entanto, Wesley percebeu, à medida que Deus trabalhava em sua vida, uma escravidão moral em que estava “acorrentado ao pecado e às trevas de minha natureza”,² como escreveu posteriormente. Depois que foi conduzido à fé em Jesus Cristo, porém, este era o cântico que ele queria entoar repetidamente no aniversário de sua conversão:

*Meus grilhões caíram, meu coração foi liberto,
levantei-me, saí e te segui.³*

Essa liberdade não é limitada a um grupo seleto de cristãos famosos. O evangelho promete a mesma coisa para todos que creem em Cristo.

Ser liberto da escravidão é um tema central no ensino de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele disse aos judeus de sua época que somente o evangelho poderia soltar suas amarras: “A verdade vos libertará” (Jo 8.32). Mas que verdade? Jesus explicou: “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36).

Temos aqui duas lições fundamentais.

Primeira lição — escravidão

Jesus ensinou que todos nós vivemos, por natureza, na escravidão do pecado. Ele teve de ser cruel para ser bondoso.

Os judeus aos quais Jesus se dirigiu, de modo semelhante a nós, tinham convicção de que não eram escravos de nada. Sua reação à declaração de Jesus, contudo, revelou a profunda escravidão em que se encontravam. As palavras de Jesus os irritaram e enfureceram.

“Quem você pensa que é, para dizer que precisamos ser libertos? Como ousa! Somos filhos de Abraão, seus descendentes nascidos em liberdade.” Arrogavam liberdade espiritual como seu direito inato, mas estavam em escravidão espiritual.

Jesus lhes disse: “Em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34).

É mesmo necessário destacar essa realidade? Jesus considerou que era e, talvez, alguém que esteja lendo estas páginas precise de ajuda para entender o que Jesus

diz aqui:

Não nos tornamos pecadores ao cometermos atos específicos.

Cometemos atos específicos de pecado porque somos pecadores.

Em resumo, meu problema não consiste nas ações isoladas que, a meu ver, são aberrações de minha verdadeira identidade. Se penso dessa forma, engano a mim mesmo. Essas ações não são aberrações, mas revelações do que está em meu coração. Mostram que cometo pecado porque sou escravo do pecado.

Paulo desenvolve esse tema em Efésios 2. Tanto o apóstolo quanto seus leitores (v. 3) eram, por natureza, escravos do pecado: “mortos em transgressões e pecados” (v. 1). Quando ouviram o nome de Deus e souberam de sua graça em Jesus Cristo, seu coração permaneceu frio. Como homens e mulheres mortos, eram continuamente levados pela correnteza, seguindo “o curso deste mundo” (v. 2).

Por natureza, costumamos negar que vivemos em escravidão espiritual. Esforçamo-nos para mostrar nossa liberdade ao ser diferentes. De uma forma ou de outra, porém, nossa tendência é copiar outros. Essa é uma manifestação de nossa escravidão. De acordo com a letra satírica de Ray Davies, na canção de sucesso da banda The Kinks:

Esse indivíduo que busca prazer sempre parece impecável,

pois é devoto seguidor da moda.⁴

Claro que essa realidade tem um lado mais sombrio na influência sinistra do “príncipe do poder do ar, o espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (v. 2). Faremos várias outras considerações a seu respeito adiante.

Como Jesus deixou subentendido, essa pecaminosidade afeta todas as dimensões de nossa vida:

Nossa mente. Não pensamos com clareza. Podemos ser instruídos e ter um QI elevado, mas isso não garante que pensemos claramente sobre coisas espirituais.

Nossos desejos. Quando estamos sozinhos e somos absolutamente honestos, reconhecemos que não somos senhores de nossos desejos. Tentamos dominá-los. Temos uma consciência moral que diz: “Você precisa assumir o controle”. Interiormente, porém, estamos desgovernados. Há um mundo dentro de nós sobre o qual não temos domínio nenhum.

Nossa vontade. Ela é escrava do pecado. Dizemos: “Claro... Essa mensagem a respeito de ser justificado diante Deus... Pensarei nela outro dia. É uma decisão minha e posso tomá-la quando bem entender”.

A verdade, porém, é que não somos capazes de pensar com clareza a respeito de Cristo nem o desejar por meio de nossa decisão não assistida. Por que não? Não conseguimos atender à boa-nova do evangelho enquanto não desejamos Cristo, e não conseguimos desejar Cristo simplesmente por meio de uma decisão que podemos tomar quando bem entendermos. Não somos capazes de dizer, por vontade própria: “Quero pertencer ao Senhor!”. Está além de nosso poder. Ninguém é capaz de obrigar a vontade a desejar aquilo que ela não quer! Somente a graça de Deus pode nos libertar para que venhamos a crer nele.

Por que assim foi?

De uma coisa eu sei:

agora desfruto visível liberdade,

que ele, por sua vontade, me concedeu.

Eis, portanto, nossa maior necessidade. Primeira lição: somos escravos de nosso coração pecaminoso.

O pecado na perspectiva de Davi

O rei Davi descobriu essa verdade meses depois de seu pecado com Bate-Seba. Ele havia transgredido a lei de Deus. Havia cobiçado, cometido adultério, tomado a esposa de um dos homens mais íntegros que ele conhecia e tramado a morte desse homem (veja 2Sm 11 e 12).

Quando Davi se deu conta da realidade de sua escravidão espiritual, também percebeu que remontava ao início de sua vida: “Sou pecador [...] desde que minha mãe me concebeu” (Sl 51.5, NIV).

Ao sermos inicialmente convencidos do pecado, tomamos a decisão de melhorar. Assim que removemos uma camada de pecado, contudo (pensando: “foi apenas uma falha superficial de minha parte”), descobrimos abaixo dela outra camada. Enquanto Davi não identificou que a origem de seu pecado se encontrava no início de sua vida, permaneceu em um estado de negação espiritual. Quando, porém, percebeu a verdade acerca de si mesmo, reconheceu a corrupção que havia se instalado desde o princípio, quando ele ainda estava no ventre de sua mãe. Então, clamou a Deus: “Purifica-me” (Sl 51.7, NIV) ou: “Esfrega-me para que eu fique limpo”.

Houve ocasiões em minha infância em que eu ficava tão sujo que minha mãe tinha de me esfregar com uma esponja. Quantas vezes senti a força de seu braço enquanto ela removia a sujeira de minha pele. Eu me contentaria com um banho superficial, mas minha mãe estava decidida a fazer uma limpeza completa, mesmo que isso a matasse, ou a mim.

A forma de Davi se expressar, “purifica-me [...] lava-me”, é uma súplica por esse tipo de limpeza vigorosa e rigorosa. Seu pecado havia se infiltrado profundamente. Havia camadas de engano, pecado e escravidão em seu coração. Somente Deus podia limpá-lo e libertá-lo.

É disso que Jesus está falando. Seus contemporâneos conheciam as Escrituras.

Participavam com regularidade de cultos religiosos. No entanto, ainda estavam presos ao pecado e não tinham como se libertar de seu domínio. Eram escravos do pecado, não filhos de Deus. Por isso, Jesus lhes disse: “Seu problema fundamental é que vocês não conhecem Deus como seu Pai”.

Como Jesus podia ter tanta certeza? “Porque”, disse ele, “se verdadeiramente conhecessem o Pai, sua atitude para com seu Filho seria completamente diferente. Seria de amor e admiração. Vocês criam em mim” (veja Jo 8.42-47).

Eles falavam de Deus, mas sua atitude em relação ao Filho de Deus revelava que não eram membros de sua família. Eram hostis a ele. Tramavam “religiosamente” livrar-se dele. Não tinham lugar para ele em sua vida, pois não tinham espaço para o Pai dele.

Desprovidos de todo mérito

Indivíduos religiosos sempre ficam profundamente perturbados quando descobrem que não são, e nunca foram, cristãos verdadeiros. Sua religiosidade toda não tem valor nenhum? As horas na igreja, o tempo dedicado a boas obras e à participação em atividades religiosas não contam diante de Deus? Não lhes permite dizer: “Vejam o que fiz. Acaso não mereço o céu?”.

Infelizmente, imaginar que mereço o céu é sinal inequívoco de que não tenho entendimento nenhum do evangelho.

Jesus desmascarou a terrível verdade a respeito de seus contemporâneos. Resistiram a seu ensino e rejeitaram sua palavra porque eram pecadores e escravos do pecado.

Alguns anos atrás, a mídia na Inglaterra noticiou que uma denominação presbiteriana havia recolhido cinquenta mil cópias impressas de uma edição de sua revista mensal. De acordo com a notícia, o autor de um artigo tinha se referido a um membro proeminente da família real britânica como “miserável pecador”.

É curioso que o membro da família real, como membro da igreja anglicana,

provavelmente usasse as palavras da “Oração de confissão geral” do livro de oração anglicano que traz um pedido de perdão pelos pecados de “transgressores miseráveis”. Por que, então, a revista foi recolhida? O comentário oficial foi: “Não queríamos dar a impressão de que as doutrinas da fé cristã provocam traumas emocionais”.

Por vezes, contudo, é exatamente isso que as doutrinas da fé cristã fazem, e de modo necessário.

Ou será que devemos dizer: “Como Jesus foi cruel com esses pobres judeus! Imagine dirigir-se a eles dessa forma!”?

Sim, Jesus disse: “Vocês são míseros pecadores”. Desmascarou transgressores e deixou clara a verdade: “Em vocês não há lugar para minha palavra” (Jo 8.37, NIV). Tinham ouvido a palavra, mas resistiram a ela. Jesus mostra o resultado: “Por que minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que digo” (Jo 8.43, NIV).

Jesus já havia explicado pacientemente esse fato a Nicodemos: “A menos que o Espírito de Deus abra seus olhos, você não conseguirá enxergar o reino de Deus. A menos que Deus o liberte da escravidão do pecado, você jamais entrará no reino de Deus” (veja Jo 3.3,5). Posteriormente, Jesus declarou: “O fato é que vocês não ouvem o que estou dizendo porque não são, verdadeiramente, filhos de Deus” (veja Jo 8.41,44). Como Paulo expressou, estavam espiritualmente “mortos” (Ef 2.1).

Algum tempo atrás, em um belo dia de verão, enquanto descansava em férias nas Terras Altas da Escócia, sentei-me ao ar livre para desfrutar uma xícara de café logo cedo. A poucos metros de distância, vi um lindo tordo vermelho. Admirei suas penas, seu belo peito escarlate, seu bico afiado e liso, sua beleza simples. Peguei-me instintivamente falando com ele. Mas não houve nenhuma reação, nenhum movimento. Embora tudo estivesse intacto, o pequeno tordo estava morto. O mais competente veterinário do mundo não poderia fazer absolutamente nada por ele.

O mesmo se aplica a nós do ponto de vista espiritual. Apesar das aparências, em meu estado natural me encontro morto para Deus. Não há vida espiritual em mim.

Somente quando entendo esse fato começo a compreender por que a graça de

Deus é surpreendente e maravilhosa. Isso porque a graça de Deus vem a pessoas espiritualmente mortas para dar vida e libertação.

Essa é a primeira verdade que preciso reconhecer. Estou em escravidão espiritual. Essa escravidão pode ter várias manifestações. Elas podem diferir de um indivíduo para outro, mas a escravidão em si é, fundamentalmente, a mesma.

Com base nessa realidade e dentro desse contexto, Jesus ensinou a segunda lição.

Segunda lição — liberdade

Há boas-novas.

Por um lado, Jesus destacou a escravidão na qual nos encontramos por natureza. Por outro lado, falou da liberdade à qual ele conduz os pecadores pela graça: “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36).

Como o Filho poderia libertá-los? Poderia fazê-lo em virtude de quem ele era: o Filho enviado ao mundo pelo Pai. Ele conhecia o plano do Pai. Tinha o relacionamento mais íntimo possível com o Pai. Tinha ouvido tudo o que Pai tinha dito e veio com a mensagem de boas-novas: “O Pai me enviou para libertá-los” (veja Jo 8.28).

De que maneira, então, Cristo nos liberta?

João respondeu a essa pergunta anteriormente no versículo mais conhecido de seu Evangelho. Esse Deus, esse Pai, amou de tal maneira o mundo em sua pecaminosidade e escravidão que lhe enviou seu Filho. Tinha somente um Filho, mas o enviou para que morresse na cruz a fim de salvar todos que nele creem (veja Jo 3.16).

O Filho seria “levantado” — ou seja, alçado a uma cruz, exposto a humilhação pública, pendurado entre o céu e a terra, debaixo do julgamento de Deus contra nossos pecados — para que todos que creem nele não pereçam, mas tenham vida eterna (Jo 12.32; 3.16).

Jesus Cristo é capaz de nos libertar porque ele tratou do pecado que nos escraviza.

Jamais poderemos expiar nossos pecados. Jamais poderemos quebrar seu poder. Jamais poderemos chegar a Deus e dizer: “Deus, certamente fiz o suficiente para compensar meus pecados”. Nada do que somos capazes de fazer pode compensá-los. No entanto, Deus enviou seu Filho — pense nisso, o próprio Filho — que nos substituiu, se colocou em nosso lugar. Ele teve uma vida perfeita. Uma vez que não tinha nenhum pecado próprio para expiar, era qualificado para oferecer um sacrifício por nossos pecados. Nenhum sacrifício que oferecêssemos poderia ser adequado para expiar o pecado. Contudo, ele era capaz de fazê-lo e estava disposto a realizar essa obra. Por isso, podemos ser libertos da culpa e da escravidão que ela cria.

Cristo também nos liberta de outra maneira: por meio da verdade que ele revela a respeito de Deus e de nós mesmos. Se crermos nele, conheceremos a verdade, e a verdade nos libertará (Jo 8.32). Essa é sua promessa.

Conheci pessoas excepcionalmente inteligentes que não são capazes de entender o evangelho cristão. Ouvem a mensagem como se fosse uma palestra sobre moralidade. E, no entanto, o evangelho não é difícil de entender. O problema está dentro de nós, a saber, nossa cegueira espiritual. Se há resistência no coração para amar a Deus, haverá resistência na mente para conhecer a Deus e, portanto, ouvir e buscar a Deus. Somente a verdade pode nos libertar.

Mais adiante no Evangelho de João, Jesus falou do envio do Espírito Santo a seus discípulos. O Espírito seria como um imenso holofote brilhando na mente deles, iluminando-os para que comesçassem a ver e entender Jesus e o que ele havia feito. O Espírito removeria o engano espiritual, transformaria os espiritualmente mortos e glorificaria Cristo.

Portanto, Jesus pode nos libertar em virtude de quem ele é e daquilo que ele nos mostra.

Consequentemente, agora podemos ter a ousadia de chamar Deus de “Pai”.

Essa é uma das diferenças mais óbvias entre um indivíduo “religioso” e um cristão. O indivíduo religioso provavelmente se dirigirá a Deus, especialmente em um momento de crise, com as palavras “Ó Deus”, e não “Ó Pai”. Isso acontece por um motivo simples. A menos que você conheça Deus como seu

Pai, jamais clamará a ele em sua necessidade como “Aba, Pai” (Rm 8.15,16).

Muitas escravidões, uma solução

Como tudo isso se aplica a nós?

O coração pecaminoso de cada um de nós compartilha de uma escravidão em comum, embora suas formas possam variar. Algumas pessoas têm escravidões que as levam à sarjeta. Contudo, também existem escravidões “respeitáveis”. As aparências podem ser diametralmente opostas, mas em cada caso o coração é igualmente cativo, prisioneiro, escravo.

O que você não consegue dominar, mas que o domina? Que pecado capturou seu coração e o endureceu em relação a Deus? As cadeias que o prendem talvez sejam diferentes das cadeias que prendem seus vizinhos, seus colegas ou seus amigos. No entanto, são igualmente reais.

Deus tem muitas formas diferentes de nos levar a descobrir que estamos escravizados e que somos pecadores espiritualmente mortos. Contudo, ele oferece apenas uma solução para a escravidão, apenas um Salvador, o mesmo Jesus que se colocou diante de seus contemporâneos, e que agora se coloca diante de nós, para dizer:

“Quem comete pecado é escravo do pecado. A verdade, porém, o libertará. E, uma vez que sou Filho de Deus e Salvador, posso libertá-lo.

Sou aquele que tem operado em sua vida em tempos recentes.

Sou aquele que o tem instigado a fazer perguntas de longa data desconsideradas e a se recordar de pecados que outrora você trivializava.

Sou aquele que o fez perguntar por que um cristão conhecido seu tem algo que lhe falta.

Tudo isso o levou a me buscar. Agora você está no limiar de crer em mim como o Salvador que o libertará e lhe dará uma vida nova.

Está começando a perceber por que a graça é tão maravilhosamente surpreendente.

Creia em mim agora”.

Charles Wesley escreveu:

*Por longo tempo meu espírito permaneceu aprisionado,
acorrentado ao pecado e às trevas de minha natureza.⁵*

É o seu caso? Talvez você tenha experimentado de tudo para encontrar liberdade e satisfação, mas ainda esteja “acorrentado ao pecado e às trevas de [sua] natureza”. Talvez ninguém saiba disso. Você precisa de uma obra do poder e da graça de Deus em sua vida.

*Teu olhar difundiu um raio vivificador;
despertei, e o calabouço ardeu em luz.
Meus grilhões caíram, meu coração foi liberto.
Levantei-me, saí e te segui.⁶*

Descobrir a graça de Deus em Jesus pode acontecer quase antes de você se dar conta. Afinal, ele estava à sua procura antes mesmo de você buscá-lo ou perceber que ele estava por perto. Você sabia apenas que tinha uma forte sensação de necessidade. Ele o atraiu para si, e você lhe disse: “Seja meu. Seja

meu Salvador!”. Ele respondeu: “Eu sou. Seja meu, filho meu”.

Oh, como a graça de Deus

me surpreende!

Das cadeias me desvencilhou

e me libertou!

Por que assim foi?

De uma coisa eu sei:

agora desfruto visível liberdade,

que ele, por sua vontade, me concedeu.

Enfim, a liberdade!

Sim, a graça é surpreendente.

¹A obra de William Law *A serious call to a devout and holy life* foi publicada inicialmente em 1728 e se tornou o texto básico para um grupo de amigos que, com John e Charles Wesley, formaram o chamado “Clube Santo”. George Whitefield participava do grupo e já conhecia a reputação do clube mesmo antes de ingressar na University of Oxford.

²Do hino *And can it be that I should gain*.

³*Ibidem*.

⁴Da canção *Dedicated follower of fashion*, de Ray Davies e Raymond Douglas (1966).

⁵Do hino *And can it be that I should gain*.

⁶Ibidem.

capítulo 2

amor incondicional

*Meu Deus me escolheu,
embora eu nada seja,
para assentar-me junto a meu Rei
na corte celestial.
Ouça o que fez meu Senhor.
Oh, o amor que o fez correr
ao encontro de seu filho perdido!
Foi isso que Deus realizou.*

Agraça de Deus é capaz de nos libertar de tudo o que nos escraviza. Podemos tentar nos convencer de que essas cadeias são inexistentes ou mesmo triviais. Quando tentamos nos libertar, porém, descobrimos que somos tão impotentes para nos desvencilharmos delas como temos sido para lhes resistir. Então, começamos a entender o quanto precisamos da graça de Deus — e por que ela é tão surpreendente.

Ninguém descobre a natureza da graça de Deus sem antes descobrir o motivo pelo qual precisa dela. A segunda estrofe do hino de Emmanuel T. Sibomana, “Como a graça de Deus me surpreende”, destaca esse fato:

*Meu Deus me escolheu,
embora eu nada seja,
para assentar-me junto a meu Rei
na corte celestial.
Ouça o que fez meu Senhor.
Oh, o amor que o fez correr
ao encontro de seu filho perdido!
Foi isso que Deus realizou.*

É provável que você reconheça a alusão nas três últimas linhas. Refletem a reação do pai do filho pródigo quando o viu voltar de uma terra distante (Lc 15.11-32). O filho havia desperdiçado a vida e, provavelmente, um terço da fortuna da família. Quando ele voltou para casa, porém, seu pai o viu (há quanto tempo estava esperando e vigiando?) e correu ao seu encontro.

Essa parábola de Jesus recebeu vários títulos. O mais conhecido é “Parábola do Filho Pródigo”. Como veremos, porém, na verdade a história tem três filhos.

Parábolas

Por que Jesus usou parábolas para ensinar? Ao que parece, não foi pelo motivo que costumamos imaginar.

É comum pregadores cristãos ouvirem: “Por que você não usa mais histórias, como Jesus fez? São mais fáceis de entender. Jesus simplificou as coisas para que as compreendêssemos”.

Mas o próprio Jesus colocou um sério ponto de interrogação ao lado dessa

declaração. Quanto a suas parábolas, ele disse: “Pois ao que tem se dará mais, e terá em grande quantidade; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo em parábolas, porque vendo, não veem e, ouvindo, não ouvem nem entendem” (Mt 13.12,13).

Jesus usou parábolas para que aqueles que se imaginavam capazes de ver fossem cegados e aqueles que tinham consciência de sua cegueira pudessem ver.

Entender uma parábola é como resolver um cubo mágico. Se você conhece a chave (como lembro que meu filho mais velho conhecia), o cubo multicolorido pode ser restaurado à ordem original em questão de segundos, não importa quão embaralhado esteja. Pode até ser feito com uma das mãos nas costas. É um quebra-cabeça apenas se você não conhece o segredo. Mas, se você tem a chave, tudo se encaixa.

O mesmo se aplica às parábolas. Sem a chave, o significado e a intenção de Jesus nos escapam. Se você não tem a chave, não capta a mensagem.

Qual é, então, o segredo? O próprio Jesus Cristo. As parábolas ensinam como ele estabelece seu reino de maneira totalmente inesperada.

Coisas perdidas

Lucas 15 apresenta três parábolas. Em certos aspectos, as três fazem parte de uma só parábola maior, uma só mensagem a respeito de encontrar coisas perdidas, e cada episódio é relatado em um contexto de complexidade crescente e maior tensão.

A primeira cena retrata um pastor que perdeu uma de suas ovelhas. Ovelhas eram, e ainda são, animais valiosos. No entanto, essa ovelha era apenas uma dentre cem, ou seja, um por cento.

A segunda cena trata de uma mulher que perdeu uma moeda de prata. A moeda é valiosa para ela; talvez a tivesse guardado para um momento de necessidade. A mulher perdeu uma moeda dentre dez, ou seja, dez por cento, uma perda bem maior.

A terceira cena, porém, é muito mais comovente. O pai de dois filhos perde um deles. Perdeu cinquenta por cento dos filhos, e não uma ovelha ou uma moeda. Essa é uma perda insuportável.

Evidentemente, Jesus estava desenvolvendo o argumento central. As cenas da terceira parábola são narradas de modo bem mais demorado, com grau muito maior de complexidade e intensidade de emoção. Além disso, há mais personagens na terceira história — dois filhos e o pai — e cada um deles expressa seus pensamentos e sentimentos com respeito à situação.

Além disso, cada um deles reflete de modo claro o contexto em que Jesus estava falando.

Coletores de impostos e “pecadores” se reuniam ao seu redor para ouvir; ele os atraía como um ímã. Talvez alguns deles tivessem visto amigos serem radicalmente transformados por Jesus.

Quando os fariseus e os mestres da lei viram o que estava acontecendo, resmungaram: “Este homem recebe pecadores e come com eles” (Lc 15.2).

Os fariseus eram uma “seita” judaica dedicada à observância minuciosa da lei. Haviam acrescentado regras extrabíblicas rígidas para definir exatamente como as pessoas deviam guardar a lei.

Os “mestres da lei” eram especialistas na interpretação dessas tradições.

Uma vida dedicada à lei

Ao escrever estas palavras, estou em um avião com destino a Tel Aviv. Há muitos judeus a bordo. As roupas que alguns deles vestem mostram que são judeus hassídicos; em certos aspectos, são herdeiros dos fariseus e dos mestres da lei.

No terminal, antes de embarcarmos, os homens se reuniram para orar, e o fizeram novamente durante o voo. Um deles deveria ter sentado no banco entre o meu e o da senhora junto à janela em minha fileira. Vi o constrangimento no

rosto dele quando verificou o cartão de embarque. Preferiu encontrar outro assento em vez de se sentar ao lado de uma mulher, ela própria judia, como descobri depois. (Ele não sabe que Cristo reuniu de modo maravilhoso crentes judeus e gentios em um só corpo.)

Observo esse homem durante o voo que durará a noite toda. Até agora, ele passou a maior parte do tempo estudando seu comentário da Torá. Deseja ser como o homem justo do salmo 1, que medita na lei de Deus dia e noite. Faz parte de um povo separado. O estudo da Torá por meio das tradições dos rabinos é sua vida. Ele não sabe, porém, que, enquanto a Torá veio por intermédio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo (Jo 1.17).

O mesmo se aplicava aos fariseus e mestres da lei. Constituíam um povo separado. A grande tentação para indivíduos desse tipo é se sentirem não apenas separados, mas também melhores. Afinal, são “os fiéis”, enquanto os outros são “pecadores”. Em seguida, começam a suspeitar de homens bons que se misturam com aqueles que não são fiéis, mesmo que não apresentem as mesmas falhas morais. Para ser santo é preciso não se misturar com os profanos.

Jesus fez amizade com coletores de impostos e pecadores. Por isso os fariseus e escribas murmuravam críticas contra ele pelas costas.

Temos aqui, portanto, uma tríade de figuras: (1) coletores de impostos e pecadores, (2) fariseus e mestres da lei e (3) Jesus. Quando observamos a segunda parte do capítulo, a história do homem que tem dois filhos, vemos que também há três personagens nessa história. Não devemos perder de vista essa conexão.

Há o pai, que “representa” Jesus, que havia sido acusado e condenado com veemência: “Este homem recebe pecadores e come com eles” (Lc 15.2).

E há os dois filhos (Lc 15.11), o irmão mais novo e o mais velho.

Como muitas histórias verdadeiramente extraordinárias — sem dúvida as grandes histórias da Bíblia —, esta nos convida a lê-la pela visão de cada um dos personagens envolvidos na narrativa. É uma história com mais de um ponto de vista. No intuito de ver o panorama completo, precisamos focalizar não apenas o filho mais novo (o “pródigo”), mas também ver pelos olhos do pai e do irmão mais velho.

A perspectiva do país distante — o pródigo

Temos aqui um rapaz. Ele é solteiro. Deseja romper com todas as amarras da vida em família. Exige do pai a parte que lhe cabe por direito dos bens e da riqueza da família. Evidentemente, deveria ter esperado.

Como todas as parábolas da Bíblia, esta é cheia de pequenos sinais que devem ter tocado o coração e a mente dos primeiros leitores.

O filho mais novo diz ao pai: “Dá-me a parte dos bens que me cabe por herança” (v. 12, ESV). O pai, então, divide os bens entre os dois filhos. O texto diz, literalmente, que o pai divide sua “vida” (bios, v. 12b).

Essa é uma história de vida — e morte. Mais adiante, serão usados os termos “morto” e “vivo”. Esse rapaz quer vida, mas procura por ela no lugar errado. O que encontra é uma existência miserável que mais parece morte. Então, de modo maravilhoso, é trazido da morte para a vida (v. 24).

A ofensa e a vergonha

Os primeiros ouvintes devem ter percebido o quão ofensivo foi o pedido desse filho. A ofensa é multidimensional:

Ele é o filho mais novo. Mais que qualquer coisa, deseja se livrar das “restrições” da vida no lar da família, onde os planos e o bem-estar do pai ocupam o primeiro lugar. Deseja “aproveitar a vida” sem impedimentos. Insulta seu pai.

“Dá-me”, ele diz ao pai. “Dá-me a parte que me cabe da vida. Dá-me meu próprio modo de vida”. Por certo, o subtexto daquilo que ele está dizendo é:

“Não quero esperar até que você morra para receber minha parte da herança”. Em outras palavras (e sem fazer rodeios): “No que me diz respeito, você pode morrer hoje mesmo. Não me importo. Só quero minha própria vida”. Ele despreza o pai.

O pai é um rico proprietário de terras. No entanto, as terras precisam ser vendidas para obter recursos monetários. Diante da necessidade de vender propriedades às pressas para atender à exigência do filho, o pai se vê suscetível a grande prejuízo quando outros donos de terras ao redor percebem uma excelente oportunidade de aumentar o próprio patrimônio por um valor reduzido. Mais que isso, se esse homem vender uma parte extensa de suas terras, é provável que a perca para sempre. Se entregar uma porção tão considerável de sua propriedade, a perspectiva de redimi-la é mínima. O filho empobrece o pai.

Os ouvintes, atraídos para dentro da história, sabiam que as exigências do filho mais novo eram não apenas ofensivas, mas também destrutivas. Um filho como esse podia destruir a si mesmo e talvez, com o tempo, também o pai. Esse filho deveria ser rejeitado para sempre. Aliás, considerava-se que um filho rebelde como esse abria mão de seu direito à vida.

Como poderia um pai bem-sucedido, com motivos de sobra para se satisfazer com suas realizações, andar de cabeça erguida em público depois dessa rejeição por seu filho mais novo?

Ecos do passado

O restante da história constitui um relato brilhante daquilo que já é esperado. O rapaz que deseja vida acaba em “uma terra distante”. No que se refere a sua família, está morto.

Nas tradições de narração, os relatos são cheios de indícios verbais que funcionam como sinalizadores para alertar os ouvintes. Por exemplo, em histórias infantis, a aparição da madrasta geralmente sinaliza a crueldade e o perigo que a enteada (geralmente a heroína) enfrentará antes que ocorra um ato

extraordinário de livramento.

Os primeiros ouvintes da parábola de Jesus eram muito mais aptos na arte de ouvir do que nós costumamos ser. Uma vez que as pessoas tinham prazer em contar e ouvir histórias, procuravam, reconheciam e apreciavam os sinais e ecos verbais que despertavam emoções associadas a outras histórias conhecidas.

A história de Jesus apresenta indícios desse tipo. Os ouvintes podem muito bem ter sido lembrados de outros relatos bíblicos em que indivíduos tentaram se apropriar da vida com avidez, desejando insensatamente livrar-se de todas as amarras. Talvez tenham pensado em Jacó, o enganador, que também foi parar em uma “terra distante”, ou no primeiro homem, Adão, cuja vida terminou do lado de fora do Éden.

Deus cercou Adão com as ricas bênçãos da vida. No entanto, Adão queria a vida em seus termos e à sua maneira, livre dos “impedimentos” impostos sobre ele pelo Pai. Por isso, estendeu a mão para tomar do fruto proibido, uma tentação intensificada pelo fato de que a mulher que ele amava já havia feito o mesmo.

Infelizmente, Adão e Eva descobriram que, ao tentarem se apropriar avidamente daquilo que desejavam sem Deus, perderam Deus e aquilo que desejavam. Em vez de experimentarem vida, provaram morte. Terminaram em uma “terra distante”, uma expressão que, sem dúvida, também lembrou os ouvintes de Jesus da Babilônia e da expulsão da presença de Deus.

É esse o rumo que o rapaz está tomando. Não está apenas emigrando; está fazendo uma peregrinação desastrosa para longe da segurança e da fartura. A casa do pai é “terra que dá leite e mel” (Êx 3.8). No entanto, ele quer algo diferente. Lá no país distante, exilado de seu pai, ele esbanja sua herança naquilo que a New International Version chama, vividamente, de “uma vida desenfreada”. Ele desperdiça tudo (v. 13). Tragicamente, acaba desejando ter a mesma alimentação que os porcos pelos quais ele (um judeu) é responsável (v. 16).

Que queda terrível. Ele atravessou o céu como um meteoro reluzente; agora não resta brilho nenhum. Desejou tudo; agora não tem nada.

Mas prazeres são como papoulas no campo,

*da flor colhida, o viço se esvai.*¹

Cair em si

Então, de modo surpreendente, vem a reviravolta. O prídigo “caiu em si” ou “recobrou o juízo” (v. 17, NIV). O que Jesus quis dizer?

O irmão mais novo começa a enxergar a si mesmo e sua situação por uma nova perspectiva. Lembra-se de seu pai. Pensa no quanto se afastou, no quanto caiu. Pensa em como foi arrogante e egoísta. Agora, está esgotado. Lançou-se confiantemente na empreitada de encontrar satisfação, mas se tornou exemplo típico de um homem insatisfeito. Muito antes dos Rolling Stones, ele poderia ter cantado:

Não encontro satisfação nenhuma.

Não encontro satisfação nenhuma.

Eu tento e me esforço, tento e me esforço.

*Não encontro, não encontro...*²

Essa é a história de todo aquele que dá as costas para Deus. Tentamos calar a voz de advertência da consciência. No entanto, nunca somos inteiramente bem-sucedidos. Nem mesmo todas as canções do iTunes podem abafar a recordação do lar. Incapazes de apaziguá-la, precisamos endurecer nosso coração contra o Deus que nos adverte por meio dela.

Claro que mascaramos essa hostilidade. Mas nunca conseguimos escondê-la de todo.

Por vezes, fica mais evidente para outros que para nós que estamos fugindo de

Deus. Nossas reações negativas, constrangidas ou hostis a cristãos, ao nome de Jesus, a referências à grandeza, maravilha e bondade de Deus e de suas obras são sinais claros. Não somos, de maneira nenhuma, intelectual ou pessoalmente objetivos a respeito de Deus, nem indiferentes a ele. Em última análise, somos intelectual e emocionalmente contrários a ele; se não é o caso, por que tanto ressentimento?

Essa é a situação do pródigo. Ele tem uma visão distorcida do pai, e agora se defende cuidadosamente da verdade. Imaginou que poderia manter essa defesa para sempre, mas é uma tarefa impossível.

Simplesmente não há como construir uma defesa própria coerente contra as investidas e incursões de Deus. Não há um metro quadrado no Universo para o qual alguém possa ir e dizer: “Aqui posso me esconder de Deus e escapar dele”. Deus já está ali. Ele se revelou em toda a criação. Nenhum lugar é um refúgio.

Esse é o argumento que Paulo desenvolve tão incisivamente em Romanos 1:

Pois a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que suprimem a verdade pela sua injustiça, pois o que se pode conhecer sobre Deus é manifesto neles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo seus atributos invisíveis são vistos claramente e compreendidos por meio das coisas criadas, até mesmo seu eterno poder e divindade, de modo que esses homens são indesculpáveis, porque, mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem foram gratos, mas se tornaram fúteis em seus pensamentos, e seu coração insensato foi obscurecido. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e substituíram a glória do Deus incorruptível por imagens feitas à semelhança do homem corruptível, às aves, aos quadrúpedes e aos répteis (Rm 1.18-23).

O filho pródigo sentiu que, por fim, estava longe de seu pai. Podia esquecer seu lar. O passado jamais voltaria para assombrá-lo. O pai jamais o encontraria, mesmo que tentasse. No entanto, descobre que não pode escapar tão facilmente, nem mesmo em uma terra distante. Nem mesmo um chiqueiro é um lugar de fuga. Não pode tirar de sua mente, de sua memória e de sua consciência o conhecimento inserido em seu ser: ele é o filho pecador, rebelde e desobediente

de um pai afetuoso. Não pode fechar as cortinas e apagar a memória do lar.

Da mesma forma, não temos como escapar do Pai celestial.

A volta ao lar

O que o filho desviado faz? Diz para si mesmo: “Eu me levantarei, irei à casa de meu pai e direi: ‘Pai, pequei contra o céu e diante de ti’” (v. 18). Muito bem. Ele percebe que sua vida está uma calamidade. Nas palavras do hino do pastor Sibomana, agora ele sabe que não é “nada”.

Ele ensaia o discurso de volta ao lar: “Pequei contra o céu e diante de ti e não sou mais digno de ser chamado teu filho. Faze-me como um de teus empregados” (v. 18,19).

Os ouvintes de Jesus sabiam o que um filho pródigo podia esperar ao voltar para casa: a cerimônia de kezazah, em que a ira do pai seria expressa publicamente contra o filho.³

“Trata-me como servo”, o filho planeja dizer. Essa é uma expressão do instinto natural de pessoas cujo coração foi despertado para seu pecado e sua necessidade. Seu primeiro impulso é dizer: “Vou colocar minha vida em ordem. Vou começar a fazer aquilo que agrada a Deus. De agora em diante me sairei melhor na obediência à lei. Mudarei meu estilo de vida, me esforçarei mais. Trabalharei para recuperar seu favor”.

Portanto, o filho pródigo inicia sua longa jornada de volta para casa com o seguinte pensamento: “Quem sabe, ao me sair melhor, eu possa refazer minha vida. Embora nunca possa voltar a ser filho, quem sabe consiga pagar parte daquilo que devo a meu pai e tentar contrabalançar minha rebeldia com obediência. Talvez possamos fazer as pazes se eu estiver disposto a confessar que errei”.

E assim, ele volta para o pai.

Agora vem o choque.

Jesus prossegue: “Mas, quando ainda estava longe, seu pai o viu e teve compaixão e, correndo, lançou-se ao seu pescoço e o beijou. E o filho lhe disse: ‘Pequei contra o céu e diante de ti e não sou mais digno de ser chamado teu filho’” (v. 20,21).

A casa da família ficava na encosta de uma colina? O que levou o pai a olhar para o horizonte (“ainda estava longe”)? Como o pai o reconheceu? Tinha o hábito de olhar para o horizonte e desejar, imaginar, orar? Nunca deixara de ter esperança? Alguns dos silêncios nas narrativas de Jesus são instigantes e evocativos; fazem parte de sua genialidade como narrador.

Então chega o momento decisivo. O pai corre de onde estava observando, colina abaixo ou pela rua do vilarejo.

Enquanto pensarmos: “Claro que ele correu; seu filho estava voltando para o lar”, jamais seremos capazes de ouvir a parábola da forma que os contemporâneos de Jesus a ouviram. “Um nobre do Oriente com vestes esvoaçantes nunca corre a lugar nenhum.”⁴

Além do mais, tendo em conta a vergonha que o filho havia causado ao pai ao sair de casa, as ações desse homem devem ter abismado os vizinhos que observavam. É uma imagem espantosa. Aliás, é quase certamente escandalosa.

Quando o pai chega ao filho, as palavras ensaiadas repetidamente estão se formando nos lábios do pródigo. Mas seu pai já o está abraçando e beijando. Lágrimas começam a correr.

As palavras saem em tom ofegante: “Pai... pequei contra o céu... e diante de ti. Não sou... mais digno de ser chamado teu filho... Faze-me...”. Mas as palavras tão ensaiadas “como um de teus empregados” nunca são ouvidas. São interrompidas por esse pai amoroso, acolhedor, perdoador e, sim, espalhafatoso.

Lucas escreve: “Mas o pai disse a seus servos: ‘Trazei a melhor roupa e vesti-o; colocai um anel em seu dedo e sandálias em seus pés. E trazei o bezerro cevado e matai-o; comamos e alegremo-nos, pois este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e foi achado’. E começaram a festejar” (v. 22-24).

Não precisamos ter conhecimento detalhado do antigo Oriente Próximo para entender a mensagem: da morte para a vida; de perdido a achado; da pobreza do chiqueiro às vestes, ao anel, às sandálias, ao bezerro cevado e à festa de

celebração. Essa é a linguagem universal da alegria. Surpreendentemente, o pai não castiga seu filho desobediente, mas o perdoa, restaura, enriquece e abençoa.

O abraço de perdão do pai significa que o filho que volta nunca diz a última frase de seu discurso elaborado com tanto esmero. O pai não aceitará o filho de volta como empregado ou servo em sua casa. É seu filho. O pai o recebe no lar não como escravo, mas como filho ressuscitado dos mortos e adotado de volta na família.

Sim, infelizmente tudo o que o filho disse sobre pecar contra o céu e diante do pai é verdade. Mas o pai tratou dessa questão. Tomou sobre si mesmo a vergonha e a humilhação. Assume todo o custo de perdoar e restaurar seu filho desobediente.

O pai mudou? A dor o tornou mais brando?

Não, ele sempre foi esse pai generoso. Mas tem um filho que, pela dor profunda do arrependimento, aprendeu a diferença entre “dá-me” (v. 12) e “faze-me” ou “trata-me” (v. 19, ESV).

Maravilhosa graça — quão doce o som —

que me salvou, a mim tão grande pecador!

Estava perdido, mas fui encontrado,

estava cego, mas agora vejo.⁵

A perspectiva dos campos — o irmão mais velho

Acabamos de ver a história pelos olhos do pródigo que descobre a graça. Há, porém, outra perspectiva, pois a parábola fala de um irmão mais velho.

O segundo irmão não é um personagem secundário na história. Em muitos

aspectos, é tão importante quanto seu irmão mais novo e mais famoso.

As parábolas de Jesus ilustram um importante princípio de todas as boas narrativas. Estudiosos o chamam, por vezes, “o princípio da ênfase final”.

Usamos um princípio semelhante quando contamos piadas ou histórias engraçadas. O ápice nunca ocorre no meio, mas sempre no final. Se for apresentado muito cedo, a piada não funciona e ninguém ri. É penoso tanto para quem conta quanto para quem ouve. O ponto culminante da piada tem de pegar as pessoas de surpresa, e é seu caráter inesperado que produz o riso.

Pode se dizer o mesmo das parábolas de Jesus. Em geral, precisamos ler até o final para entender a moral da história. Nesta parábola, ela nos pega de surpresa. A moral da história depende da presença do irmão mais velho.

Fariseus desmascarados

No início de Lucas 15, somos informados de que Jesus “lhes contou esta parábola” (v. 3). Contou para quem? “Os fariseus e os escribas [que] murmuravam” (v. 2). Nessa parábola, Jesus estava apontando para aqueles que o criticavam por receber pecadores e comer com eles.

Jesus usou o irmão mais velho para retratar, ou melhor, desmascarar, esses líderes judeus. Ele havia derramado graça sobre homens e mulheres pecadores, e eles tinham atendido a sua mensagem sobre o reino de Deus. Tinham se aproximado dele para receber amor, perdão, acolhimento e restauração. Os fariseus, contudo, se ofenderam com a graça demonstrada pelo Senhor Jesus e o desprezaram em absoluto por causa dela, assim como desprezavam aqueles que a receberam.

Jesus retratou de modo vívido o espírito desses homens no irmão mais velho. Quando ele ouve os sons de comemoração, volta do campo, range os dentes e exige uma explicação. É informado da notícia, mas se recusa a ter qualquer participação na festa.

Seria de imaginar que a graça o alegraria. Em vez disso, o deixa infeliz. Parece

incapaz de receber graça ou regozijar-se nela.

O aspecto da graça que exaspera o irmão mais velho é exatamente o fato de que é graça. A seus olhos, o filho mais novo não merece o que está recebendo. Seu pai não tem senso de justiça? O mais triste é que ele próprio nunca desfrutou com o pai um relacionamento caracterizado pela graça.

É uma imagem e tanto de alguém cuja religião não tem lugar para graça e, portanto, de alguém que nunca a vivencia. Sua religião é sua escravidão, e não sua liberdade. Ele é cativo do que Paulo chama “espírito de escravidão” (Rm 8.15). É, verdadeiramente, uma figura trágica.

O irmão mais velho mora na propriedade da família e tem todas as oportunidades possíveis de ser próximo de seu pai. Existe, porém, uma distância entre ele e o pai que, mesmo no fim da parábola, não é transposta.

Os fariseus e escribas foram retratados no irmão mais velho. Conheciam a Torá, provavelmente de cor. Deles, Jesus disse: “Examinai as Escrituras, pois julgais ter nelas a vida eterna” (Jo 5.39). Mas depois acrescentou tristemente: “Mas não quereis vir a mim para terdes vida” (v. 40). A história do irmão mais velho é, em si mesma, uma parábola de João 5.39,40, dentro da parábola mais ampla de Lucas 15.

A tragédia

A religião pode ser prejudicial a sua saúde espiritual. Cumprir deveres religiosos (até mesmo bons) pode ser extremamente enganoso. Pode desgraçar a graça. Os fariseus não viam necessidade de chegar-se a Cristo; afinal, examinavam as Escrituras.

Jesus destacou outra característica da religião desprovida de graça. Não há indicação nenhuma na parábola de que a família tenha recebido notícias do filho mais novo enquanto ele estava na terra distante. O pai parece supor que ele morreu. Quando o príncipe volta para casa, porém, o irmão mais velho o critica energicamente. A principal característica dessa crítica é seu enfoque sobre aquilo que a graça teria encoberto (“o amor cobre muitíssimos pecados”, 1Pe 4.8):

“Assim que chegou este teu filho, que desperdiçou teus bens com prostitutas, mataste para ele o bezerro cevado” (Lc 15.30). Observe a distância hostil que o filho cria em relação a seu pai: “este teu filho”, não “meu irmão”. Agora o filho mais velho se considera superior não apenas a seu irmão, mas também a seu pai. Esfrega os pecados do irmão no rosto do pai.

Essa é uma característica de muitas pessoas religiosas que não provaram a graça de Deus e que nunca experimentaram nem desfrutaram o perdão de pecados. Por que desejariam aquilo de que, a seu ver, não precisam? Afinal, seu histórico certamente é aceitável para Deus, não é? São melhores que a maioria. Claro que não são perfeitas, mas o que se pode esperar? Caso a graça seja necessária, é delas por direito. Para destacar essa ideia, enfatizam as falhas de outros. Falam a linguagem do irmão mais velho: “Assim que chegou este teu filho...”.

Observe a bondade que o pai demonstra ao irmão mais velho: “Tudo o que tenho é teu” (v. 31). O filho mais velho, contudo, não quer saber disso.

Temos aqui, portanto, dois sinais inequívocos de que nossa religião, mesmo que a chamemos cristã, não é autêntica. Não ficamos felizes quando vemos a graça de Deus tocar a vida de homens e mulheres necessitados para que sejam conduzidos à fé em Jesus Cristo, e não sentimos necessidade específica de perdão para nós mesmos. Não nos consideramos “nada”.

Há um terceiro sinal. “Há tantos anos te sirvo; nunca transgredi uma ordem tua; e, no entanto, nunca me deste um cabrito sequer para eu festejar com meus amigos” (v. 29). A tradução da New International Version é mais vívida e expressiva: “Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo para o senhor”.

Essa é sua religião, não da liberdade de filho, mas da servidão de escravo? A vida cristã é um fardo para você? Exaspera-o ver outros “receberem algo por nada”, enquanto você sente tão pouca alegria verdadeira no Senhor? Esse é o irmão mais velho. Também é você?

O irmão mais velho é herdeiro de grandes riquezas. E, no entanto, fala como uma criança resmungona: “Você nunca me deu nada. Nunca me deixou fazer nada”. É dessa forma que o Senhor retrata o espírito de escravidão, não o Espírito de filiação (Rm 8.15).

A perspectiva do lar — o pai

Felizmente, essa parábola tem uma terceira perspectiva: a do pai.

O pai nessa parábola é considerado, com frequência, um retrato do Pai celestial. No contexto, porém, Jesus está retratando a si mesmo. Ele é o pastor que salva a ovelha perdida. Ele é a mulher que encontra a moeda perdida. Ele é o pai que recebe de volta o filho pródigo.

O que isso nos diz a respeito de Jesus? Há algo escandaloso na liberdade da graça do pai. Ele corre ao encontro do filho, cobre-o de perdão e o tranquiliza. Abraça e beija o pródigo. Confere-lhe sinais de seu amor. “Tragam a melhor roupa.” Será que ele estava guardando essa roupa na esperança improvável de que seu filho voltasse? “Coloquem um anel em seu dedo.” No antigo Oriente Próximo esse era um sinal de autoridade, por vezes até de realeza. “Coloquem sandálias em seus pés.” Nem escravos nem convidados calçavam sandálias. Apenas os membros da família calçavam sandálias.

Todos esses gestos mostram que o pai não tem nenhuma intenção de receber o filho perdido como empregado ou de torná-lo um servo permanente. Ele o aceita na família porque o perdoa, porque o ama. Ele o recebe não para servidão, mas para filiação. “Matem o bezerro cevado”, ele grita com alegria. “Façamos um banquete e celebremos, pois este meu filho que exigiu vida e só encontrou morte está vivo outra vez; estava em um chiqueiro em uma terra distante, mas agora está em casa!”

A festa da graça

Até você chegar ao fim da jornada para o lar, isto é, até chegar à fé em Jesus Cristo, é provável que, no fundo, não espere outra coisa de Cristo senão castigo. Quando o pródigo faz essa jornada, porém, descobre uma festa em família.

Os Evangelhos contêm várias referências a celebrações e festas. Esse fato expressa de modo maravilhoso a perspectiva de Jesus do que significa pertencer

ao reino de Deus, à comunhão de seu povo e à igreja que ele estava começando a construir. Somos convidados para uma celebração. Sim, a vida cristã tem outro lado, e ele é expresso aqui: profunda tristeza pelo pecado, arrependimento e graça custosa. A alegria do perdão, contudo, está sempre presente.

Vista de fora, a vida cristã pode parecer bastante sóbria. Em muitos aspectos, é. Vista de dentro, porém, também é uma vida de grande alegria. Ao entrar no reino de Deus, você encontra pessoas que participam do perdão e da absolvição concedidos por Deus.

Você pode ter levado uma vida de libertinagem, longe de Cristo, e depois ter sido maravilhosamente conduzido a crer nele como Salvador e Senhor. Ou pode ter levado uma vida de rígida disciplina religiosa e, sem perceber, ter se afastado de Cristo. De qualquer modo, quando você diz: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti, não sou mais digno de ser chamado teu filho”, antes que outra palavra saia de sua boca, o Pai o abraça. Você percebe, então, que ele não apenas o perdoou e o considerou justo. Também o trouxe para sua família e o tornou seu filho.

Onde você está? Em casa? Bem perto de casa, mas sem ter verdadeiramente crido no Salvador? Ou bem longe de casa e começando a ouvir a voz do Salvador?

O que você deve fazer?

Essa parábola é chamada, por vezes, “parábola dos dois filhos”. Anteriormente, porém, dei a entender que, na realidade, há três filhos.

O terceiro filho

Você identificou o terceiro filho?

Conte os filhos.

Um saiu de casa e voltou.

O segundo ficou em casa, mas permaneceu distante.

Onde está o terceiro filho?

O terceiro filho é o Filho que conta a história. É o Filho que estava em casa com seu Pai, mas que veio para a terra distante. Se não o enxergarmos, não entenderemos o sentido da parábola. Os personagens no relato, por mais verossímeis que pareçam, são imaginários. Mas Jesus não é. Ele é Aquele que, por meio de graça custosa e de grande humilhação, provê o caminho para que os pródigos sejam acolhidos em seu lar.

Esse é o tema central da história. Quando Jesus a contou, estava falando para filhos pródigos e irmãos mais velhos e convidando-os a vir até ele, crer nele e experimentar a alegria de pertencer a ele.

O hino do pastor Sibomana poderia muito bem ter sido entoado pelo filho pródigo.

*Meu Deus me escolheu,
embora eu nada seja,
para assentar-me junto a meu Rei
na corte celestial.
Ouça o que fez meu Senhor,
oh, o amor que o fez correr
ao encontro de seu filho perdido!
Foi isso que Deus realizou.*

Quem dera o irmão mais velho tivesse cantado com ele!

É natural e correto perguntar: Onde estou nessa história? Com quem você se identifica? É o pródigo ou o irmão mais velho?

Mais importante, porém, é perguntar: Você vê Jesus como seu Salvador nessa história?

Esse é o ponto de partida.

¹Do poema Tam O'Shanter: a tale, de Robert Burns.

²Da canção (I can't get no) satisfaction, de Mick Jagger e Keith Richards (1965).

³Veja Kenneth Bailey, *The cross and the prodigal*, ed. rev. (Downers Grove: InterVarsity, 2005), p. 66ss. É possível que nenhum autor tenha contribuído tanto quanto o dr. Bailey para esclarecer como os palestinos do primeiro século “ouviram” a Parábola do Filho Pródigo. Além da obra acima, suas reflexões em *Poet and peasant* (1976) e *Through peasant eyes* (1980), ed. comb. (Grand Rapids: Eerdmans, 1983) [edição em português: *As parábolas de Lucas*, 3. ed., tradução de Adiel Almeida de Oliveira (São Paulo: Vida Nova, 1995)], em *Finding the lost: cultural keys to Luke 15* (St. Louis: Concordia, 1992) e em *Jacob and the prodigal* (Downers Grove: InterVarsity, 2003) proporcionam uma leitura elucidativa e cativante.

⁴Kenneth E Bailey, *Poet and peasant* (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), p. 181.

⁵Do hino *Amazing grace*.

capítulo 3

à custa de Deus

*Não por justiça minha,
pois não tenho justiça nenhuma,
mas por sua misericórdia,
Jesus, Filho de Deus,
no madeiro do Calvário sofreu,
crucificado com ladrões,
imensa foi sua graça por mim,
que sou tão inconstante.*

“Como a graça de Deus me surpreende” nos conduz, passo a passo, pelas várias dimensões da graça divina salvadora. A terceira estrofe nos traz ao tema deste capítulo, salvação custosa para Deus. Emmanuel T. Sibomana escreve:

*... Jesus, Filho de Deus,
no madeiro do Calvário sofreu,
crucificado com ladrões,*

imensa foi sua graça por mim,

que sou tão inconstante.

Vários anos atrás, ouvi Jonathan Aitken, ex-ministro do governo britânico, falar em particular e em público sobre a solidão que sentiu quando foi detido por perjúrio, julgado, declarado culpado e preso e, talvez pior de tudo, publicamente despojado de sua reputação como político de destaque e possível primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Pela graça de Deus, Aitken se tornou cristão.¹ Hoje ele seria o primeiro a dizer que a solidão, o sofrimento e a perda de reputação, por mais que os tenha sentido, foram pequenos em comparação com a profundidade da solidão e a intensidade do sofrimento de Jesus quando ele foi preso, julgado e condenado e, no caso dele, injustamente.

Os escritores dos Evangelhos (talvez especialmente Lucas que, pelo visto, era bastante sensível a essas questões) destacam o custo da salvação pela forma em que acompanham as últimas 24 horas da vida de Jesus. O significado de sua Paixão é entretido na trama da narrativa. Essas horas nos levam da refeição de Páscoa que ele fez com seus discípulos no cenáculo até o momento do Gólgota, em que ele serenamente curvou a cabeça e entregou o espírito a seu Pai celestial.

Entrar na solidão

A história toda da Paixão de Jesus, sua prisão, seu julgamento, seu sofrimento e sua execução pública, é de estarecedora solidão e isolamento experimentados voluntariamente a fim de nos restituir a comunhão com Deus.

Depois da refeição no cenáculo, Jesus foi para o jardim do Getsêmani. Ali, procurou consolo de seu Pai e encorajamento de seus discípulos. Levou consigo Pedro, Tiago e João (os discípulos mais chegados) e os separou dos outros no grupo. Em seguida, isolou-se até mesmo deles e ficou inteiramente sozinho.

Nas horas subsequentes, esse movimento em direção ao isolamento teve continuidade e se intensificou. Jesus foi separado de seus discípulos, amigos e membros da família, embora tenham corajosamente vindo para estar com ele em sua execução. Sem dúvida esse foi o momento que o idoso Simeão anteviu quando disse à jovem Maria: “Uma espada atravessará sua alma” (Lc 2.35).

Do momento em que Jesus foi detido até o ponto em que recebeu a ajuda de Simão de Cirene para carregar a cruz, ele não teve nenhum contato próximo com auxílio humano; aliás, só viu Simão Pedro enquanto este praguejava (Mt 26.74; Lc 22.61). Será que Jesus também sentiu uma espada atravessar sua alma quando ouviu as palavras: “Não conheço esse homem!”? Somente no Gólgota ele teve contato com aqueles que melhor o conheciam e mais o amavam.

Houve, contudo, algo muito além do isolamento de contato humano, algo muito pior. Jesus se sentiu desamparado por Deus e clamou da cruz: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27.46).

De acordo com o relato de Lucas, o julgamento de Jesus teve duas partes: uma religiosa e outra civil ou secular. Os líderes religiosos zombaram dele, como fizeram os soldados romanos. Os (supostamente) piedosos conspiraram com os ímpios para concretizar a execução e destruição de Jesus de Nazaré.

Lucas destaca seu enredo com uma série de perguntas a respeito de Jesus feitas e respondidas à medida que os acontecimentos se desenrolam. Elas pontuam toda a narrativa da Paixão (Lc 22.47—23.56). De maneiras diferentes, respostas são apresentadas à pergunta: “O que realmente está acontecendo aqui nessa demonstração flagrante de injustiça?”.

Lucas elabora sua narrativa de forma meticulosa. Escolhe cenas e palavras para nos ajudar a entender as questões verdadeiramente importantes. Mostra que essa série de acontecimentos aparentemente absurdos tem sentido. Esse sentido se revela à medida que a narrativa se concentra nas perguntas sobre a identidade de Jesus.

Filho do homem e Filho de Deus?

A primeira pergunta foi feita pelos principais sacerdotes e pelos mestres da lei ao se reunirem com o conselho de líderes judeus (o Sinédrio): “Tu és o filho de Deus?” (Lc 22.70).

Eles não estavam interessados na verdade. Estavam praticando o que, na realidade, era uma forma de tortura mental e física. Ou eles destruiriam Jesus, ou ele destruiria a si mesmo com uma confissão de blasfêmia.

A pergunta: “Você diz ser o Filho de Deus?” foi feita em razão daquilo que Jesus tinha dito: “A partir de agora, o Filho do Homem estará assentado à direita do poder de Deus” (v. 69).

A designação própria “Filho do Homem” é usada quase exclusivamente por Jesus. Fora dos Evangelhos, o mártir Estêvão é a única pessoa que a emprega: “Vejo o céu aberto e o Filho do Homem em pé, à direita de Deus” (At 7.56).

Os discípulos mais próximos de Jesus, que o ouviram usar esse título com frequência, não parecem ter se referido a ele como “Filho do Homem”. Jesus, porém, usa esse título em quarenta ocasiões distintas.

O que se espera que aprendamos com isso? Nosso Senhor usou essa designação própria preferida basicamente de três maneiras ou em três contextos:

ao descrever o caráter humilde de sua vida e de sua obra;

ao falar de como sua Paixão e seu sofrimento seriam terríveis;

ao falar de sua futura entronização e do esplendor, majestade e glória antevistos por ele e que sucederiam à sua morte.

Esses três contextos indicam que “Filho do Homem” não é uma referência à natureza humana de Jesus, enquanto “Filho de Deus” expressa sua natureza divina. Sem dúvida, “Filho do Homem” é usado no contexto do rebaixamento de Jesus, para expressar sua humildade e humanidade. Abrange, contudo, muito mais que isso.

A visão de Daniel

O uso desse título por Jesus é derivado, em parte, de Daniel 7.13,14:

Eu estava olhando nas visões noturnas e vi que alguém parecido com o Filho do Homem vinha nas nuvens do céu! Ele se dirigiu ao Ancião de Dias e o fizeram chegar a ele. E foi-lhe dado domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino é tal que não será destruído.

Daniel vê Deus Pai, o Ancião de Dias, assentado no trono em majestade resplandecente, cercado por sua corte celestial. Na visão, alguém vem nas nuvens do céu em direção ao Deus glorioso. Parece usar as nuvens como sua carruagem triunfal ao se aproximar do trono da Majestade nas alturas. Vem ao trono para ser exaltado. Recebe do Altíssimo toda a autoridade nos céus e na terra.

Trata-se, evidentemente, de um retrato da identidade oculta do Senhor Jesus. Ele é o Filho do Homem. É o único qualificado para assentar-se à direita da Majestade nas alturas.

Portanto, ao usar a designação “Filho do Homem”, Jesus entreteceu o fato de que tinha vindo participar de nossa natureza humana com o fato de que veio fazer por nós o que não pudemos fazer sozinhos. Veio ministrar a nós e sofrer por nós. Depois disso, porém, voltou para assumir seu lugar legítimo à direita da Majestade nas alturas como Rei dos reis e Senhor dos senhores. O Filho do Homem saiu de sua humilhação para participar do trono de exaltação, e compartilhará seu triunfo e sua glória com todos os seus santos (Dn 7.18).

Os líderes religiosos conheciam bem Daniel 7. Quando perguntaram: “Tu és o filho de Deus?” e Jesus responde que veriam o Filho do Homem assentado à direita do trono de Deus, reconheceram sua asserção. Eles o estavam injuriando.

Era seu prisioneiro, humilhado, fraco, destinado a mais rejeição e vergonha. Procuravam intimidá-lo e obrigá-lo a confessar para que pudessem condená-lo sem julgamento. Jesus, porém, se dirigiu a eles com dignidade régia: “O Filho do Homem se assentará à direita do poder de Deus”. De imediato, arremeteram contra ele para matá-lo: “Logo, tu és o Filho de Deus?”. Ele respondeu: “Vós dizeis corretamente que sou” (Lc 22.70). Ao que disseram: “Nós mesmos o ouvimos [i.e., blasfêmia] de sua própria boca” (v. 71).

Jesus certamente confessou sua verdadeira identidade. Sim.

Mas cometeu blasfêmia? Não.

Esses líderes não investigaram a veracidade nem a legalidade da asserção de Jesus. Não tinham interesse nenhum em fazê-lo. A asserção em si foi suficiente para que exclamassem: “Blasfêmia! Não precisamos de nenhum outro depoimento. Não precisamos mais tentar subornar testemunhas. Podemos dispensar as formalidades legais. Ouvimos de seus próprios lábios. Somos testemunhas de que esse homem afirmou ser Filho do Homem e Filho de Deus”.

Portanto, acusaram Jesus de blasfêmia e o condenaram por esse crime.

Mudança de acusação

O castigo apropriado era a morte. No entanto, os líderes eram serpentes e sabiam que as autoridades seculares não aceitariam essa acusação. Ela não lhes dava força suficiente para convencer os romanos a executar Jesus. Afinal, a teologia do Império Romano tinha espaço para todo um panteão de figuras divinas; que mal faria mais uma, desde que professasse que “César é senhor”?

Na sequência, toda a assembleia se levantou e levou Jesus a Pôncio Pilatos.

As acusações contra Jesus, porém, foram alteradas. Diante de Pilatos, não o acusaram de blasfêmia, mas de subverter a nação, de se opor ao pagamento de impostos a César e de afirmar ser “Cristo, um Rei” (Lc 23.2).

Pôncio Pilatos, governador romano, era um homem ganancioso, cruel e

inflexível que desprezava os judeus e os tratava com desdém. A essa altura de sua vida, porém, sua carreira parecia correr perigo, o que pode muito bem explicar sua fraqueza durante o julgamento de Jesus. A simples menção da palavra rei foi suficiente para deixá-lo preocupado.

Isso nos leva à segunda pergunta que se destaca na passagem.

Rei dos judeus?

A segunda pergunta se formou nos lábios do governador provincial romano. Sua indagação é apropriada, tendo em conta como Jesus foi trazido diante dele. “Quais são as provas dessa acusação de sedição?” E, para Jesus: “Tu és o rei dos judeus?” (Lc 23.3a).

Jesus respondeu a Pilatos com palavras semelhantes às que havia usado para responder ao Sinédrio: “É como dizes” (v. 3b).

Pilatos talvez fosse um romano cruel e intolerante, mas não era ingênuo. Cargos públicos romanos no exterior eram antecédidos, supostamente, de alguma forma de treinamento. Pilatos tinha noção de que as Escrituras judaicas prometiam a vinda de um Rei messiânico. Aliás, logo no primeiro rolo de seus livros sagrados, havia uma promessa sinistra de um Conquistador vindouro. Pilatos sabia muito bem que o Deus deles (“O Nome”, como o chamavam) tinha prometido que estabeleceria seu Rei no trono de Davi. Provavelmente o governador desprezava essas profecias, mas era impossível que fosse ignorante a seu respeito. Aliás, lidar com esperanças messiânicas, ou seja, suprimir essas esperanças, era uma de suas tarefas mais fundamentais como governador.

Os líderes judeus também sabiam o que estavam fazendo quando apresentaram essa figura humilhada a Pilatos. O governador se mostraria indiferente à acusação de blasfêmia, mas bastante sensível à de traição. Esse era o trunfo deles. Sabiam que Pilatos não lidava bem com situações desse tipo e, pelo menos nessa ocasião, tinham certeza de que podiam se aproveitar desse fato.

Portanto, acusaram Jesus de ser uma ameaça à Pax Romana. Qualquer reivindicação de realeza era problemática para Roma. E problemas para Roma

significavam problemas para Pilatos, algo que ele tinha de evitar a todo custo. Estava plenamente ciente das políticas messiânicas e seus perigos. Conhecia bem as táticas de guerrilha. Permanecia vigilante, esperando informações sobre os diversos movimentos secretos de resistência.

Agora, porém, estava diante dele — envergonhado, humilhado, maltratado, aviltado, escarnecido e intimidado depois de uma noite insone — Jesus de Nazaré.

Pilatos não tinha como antever que as próximas horas o tornariam uma das figuras mais famosas de toda a história, a única figura política romana cujo nome é pronunciado por milhões de pessoas semanalmente quando recitam o Credo Apostólico em uma centena de línguas: “Creio [...] em Jesus Cristo [...] que [...] padeceu sob Pôncio Pilatos”.

Ali estava, portanto, o Homem que, de acordo com os sacerdotes e o Sinédrio, era extremamente subversivo. Os líderes o haviam acusado de blasfêmia, que, para eles, era o mais hediondo de todos os pecados. Agora, haviam acrescentado a acusação de traição, a subversão a Roma, o mais sério de todos os crimes civis.

O que Pilatos faria?

Acusações: verdadeiras ou falsas?

Todos os quatro Evangelhos deixam claro que Pilatos sabia que as acusações eram falsas. Ele tentou, sem sucesso, desvencilhar-se da situação quando soube que Jesus era da Galileia. Essa região estava sob a jurisdição de Herodes. Pilatos sabia que Herodes estava em Jerusalém para a Páscoa e enviou Jesus até ele. Herodes e seus soldados, porém, simplesmente maltrataram Jesus e o enviaram de volta a Pilatos vestido com “um manto esplêndido” (Lc 23.11). Foi sinal de que, para Herodes, Pilatos podia fazer o que bem entendesse? Herodes estava dizendo que apoiaria Pilatos não importava o que acontecesse?

A inquietação de Pilatos ainda perdurava. Será que esse homem era, mesmo, culpado de traição? Será que era, mesmo, um revolucionário e inimigo de Roma? Apesar da humilhação à qual evidentemente tinha sido submetido, tinha

um ar de dignidade e compostura, era cortês e inspirava respeito.

Em vez de Pilatos acusar Jesus, viu-se envolvido em uma discussão com ele. Alguma coisa estava muito errada, como, posteriormente, a esposa do governador o lembrou (“Não te envolvas com esse homem”, ela disse, “pois hoje, em sonho, sofri muito por causa dele”; Mt 27.19). Não havia em Jesus nenhuma hostilidade judaica arrogante; não era um fanático. Traição, deslealdade ao imperador? “Não há outro rei além de César!”, Pilatos ouviria a multidão gritar. Mas aquele homem tinha uma graciosidade régia. Falava como se não estivesse debaixo da força e do poder de Roma, aliás, como se não estivesse debaixo de nenhum poder terreno.

Diante disso, o infeliz Pôncio Pilatos foi obrigado a investigar a acusação capital. Em pouco tempo (e de modo exageradamente dramático), ele “lavaria as mãos” em relação a Jesus de Nazaré, ou assim imaginava (sem fazer ideia de que seria lembrado na história apenas por suas mãos ensanguentadas). A acusação capital levou inexoravelmente à pena capital.

Esse desdobramento ocorreu apesar de dois fatos.

Primeiro, Jesus explicou pacientemente a Pilatos que seu reino não era um governo político terreno (Jo 18.33-38).

Mais importante, porém, é o segundo elemento do relato de Lucas. Ele entretence em sua narrativa uma série de asserções em que Jesus é declarado inocente. Repetidamente, quando as acusações são apresentadas, há o reconhecimento pleno de que Jesus não é culpado.

Essa relação de absolvições é tão impressionante que vale a pena observá-la em detalhes:

Lucas 23.4 (NIV): Pilatos — “Não encontro motivo para acusar esse homem”.

Lucas 23.14: Pilatos — “Examinando-o em vossa presença, não encontrei culpa nenhuma neste homem naquilo de que o acusais”.

Lucas 23.15: Pilatos — “Ele não fez nada digno de morte”.

Lucas 23.22: Pilatos — “Não encontrei nele nenhum motivo para morte”.

Lucas 23.41 (NIV): Um dos criminosos crucificado com Jesus — “Nós estamos sendo castigados com justiça, pois estamos recebendo o que nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal”.

Lucas 23.47: Centurião romano encarregado da execução — “Certamente este era um homem justo!”.

Jesus não foi declarado culpado com base em uma interpretação equivocada das provas. Foi executado apesar de ter recebido o veredicto de inocente.

Mesmo do ponto de vista da dramaticidade humana da situação, há forte tensão aqui, um choque entre dois mundos. À medida que a narrativa avança inexoravelmente rumo à crucificação de Jesus, condenado por blasfêmia e traição, um coro crescente de vozes declara sua inocência e integridade até que, por fim, uma figura romana solitária aparece no centro do palco para resumir tudo o que foi dito: “Ele é inocente! Este é um homem justo”.

Por que a inocência de Jesus está impressa indelévelmente nas páginas em que é relatada sua Paixão?

Por que se dá tanta atenção ao fato de que Jesus foi acusado dos crimes específicos de blasfêmia e traição?

E por que, apesar de as duas acusações serem comprovadamente falsas e impossíveis de sustentar em um tribunal, Jesus não foi solto?

Por que ele foi executado em razão de crimes que jamais cometeu?

O Cristo?

Na verdade, o objetivo da narrativa toda é levantar essas perguntas, como fica evidente quando observamos na passagem uma indagação anterior sobre sua

identidade: “Se tu és o Cristo, dize-nos” (Lc 22.67).

Perguntaram a Jesus: “Tu és o Filho de Deus?”. A resposta foi sim.

Perguntaram-lhe: “Tu és Rei?”. Mais uma vez, a resposta foi sim.

A primeira pergunta, contudo, foi: “Tu és o Cristo?”.

O termo Cristo não faz parte do nome próprio de Jesus. É um título, uma tradução grega da palavra hebraica Messias, “a pessoa que foi ungida”, nesse caso, a pessoa ungida por Deus. “Jesus Cristo” significa “Jesus, o Messias” ou “Jesus, o Ungido de Deus”.

No tempo do Antigo Testamento, Deus por vezes se revelou a seu povo por meio de imagens e ilustrações da obra que, mais adiante, ele realizaria em Jesus Cristo. Ele deu aos israelitas profetas para que lhes anunciassem sua Palavra, deu-lhes sumos sacerdotes para que, entre outras coisas, oferecessem sacrifícios por seus pecados, e deu-lhes reis para que os conduzissem como nação nos caminhos do Senhor. Todos que desempenhavam essas funções eram ungidos com óleo como símbolo de que Deus os havia chamado para um ministério especial em favor de seu povo.

Jesus é o Cristo; ele cumpre esses três papéis. A função maior de profetas, sacerdotes e reis não era apenas ministrar a seus contemporâneos, mas voltar os olhos deles para Cristo, aquele que seria a própria Palavra de Deus, que ofereceria o sacrifício supremo — ele próprio — para remover o pecado e que seria o Monarca cujo reino jamais teria fim.

Essa pessoa havia sido prometida no Antigo Testamento: um profeta maior que Moisés (Dt 18.15-19), um sacerdote da ordem de Melquisedeque (Sl 110.4), um rei que governaria para sempre como Filho de Davi (Sl 2.6). Jesus é o Messias prometido, o Cristo.

Portanto, à medida que Lucas tece diante de nossos olhos a tapeçaria verbal que retrata a Paixão de Jesus, começamos a ver o que está acontecendo. Ao contrário daquilo que imaginaram aqueles que desejavam destruir Jesus, eles próprios foram envolvidos nos propósitos de Deus para trazer salvação aos pecadores por meio de seu Filho (At 2.23).

Diante de seus olhos cegados, Jesus estava cumprindo seu ministério messiânico.

Profeta, Sacerdote e Rei

Observe como tudo isso vem à tona. Os homens que estavam guardando Jesus começaram a zombar dele e espancá-lo. Vendaram seus olhos e ordenaram: “Profetiza! Quem foi que te bateu?” (Lc 22.64). Escarneceram de Jesus: “Profeta! Profeta! Se você é profeta, profetiza!”.

À medida que a Paixão de Jesus progredia, Herodes e seus soldados também o ridicularizaram e zombaram dele. Colocaram nele um manto elegante, régio, e o mandaram de volta para Pilatos (23.6-12). Foi como se dissessem: “Se você é rei, deve ser vestido como rei”.

Em seguida, enquanto o povo escarnecia de Jesus e zombava dele durante a crucificação, um dos criminosos crucificado ao lado dele disse: “Se tu és o Cristo, salva a ti mesmo e a nós” (23.39).

Essa era a tarefa específica do sumo sacerdote. Era seu ministério singular e supremo no Yom Kippur, o Dia da Expição observado anualmente. O sacerdote oferecia sacrifícios para o perdão dos próprios pecados e, depois, levava o sangue do sacrifício para o Lugar Santíssimo, o lugar mais santo de todos, tão sagrado que somente um homem podia entrar ali, e somente uma vez por ano. Nesse dia sagrado, ele aspergia o sangue do animal sacrificado sobre o trono simbólico de Deus na terra e orava por perdão pelos pecados do povo. Entrava na presença de Deus para “salvar outros” e, ao fazê-lo, colocava a própria vida em risco (Êx 28.35).

Portanto, quando o ladrão à beira da morte se voltou para Jesus e disse: “Se você é o Cristo, então seja o Grande Sumo Sacerdote e salve a si mesmo e a outros”, não percebeu que salvar outros era justamente o que Jesus estava fazendo. Para isso, Jesus teve de perder a própria vida.

Zombaram dele como se não fosse verdadeiro profeta. Pouco depois, contudo, Jesus se voltaria para o ladrão crucificado ao seu lado, que disse: “Senhor, lembra-te de mim quando entrares em teu reino” (Lc 23.42) e lhe falaria com a majestade e autoridade do Profeta absoluto e verdadeiro: “Em verdade te digo que hoje você estará comigo no paraíso”.

Esse ladrão crucificado viu algo que ninguém mais teve olhos para ver. Viu que Jesus era Rei e que seu reino se estenderia além da morte de ambos.

Ele era, verdadeiramente, o Cristo.

Nas horas finais da vida de Jesus, houve escuridão na terra inteira. Os autores dos Evangelhos simplesmente observam o fato, sem comentários ou explicações. Essa ocorrência pode ter lhes trazido à memória mais de um acontecimento importante do passado. Um deles certamente foi o Dia da Expição, em que o sumo sacerdote saía dos pátios externos do templo para a escuridão de um lugar recôndito, o Lugar Santíssimo, a fim de oferecer o sacrifício e orar pelo povo. Nessa câmara interior, o sol nunca brilhava. O grande sacrifício era oferecido a Deus longe de olhares cheios de curiosidade.

No dia da crucificação de Jesus, toda a terra foi transformada no Lugar Santíssimo, onde Jesus, o Sumo Sacerdote, não apresentou um sacrifício anual, mas, sim, o sacrifício final pelos pecados. O simbolismo foi cumprido na realidade. Desse modo, o símbolo se tornou desnecessário. A grande cortina do templo foi subitamente rasgada ao meio, de alto a baixo (Lc 22.45). O caminho para Deus agora estava aberto. O próprio Deus desconsagrou o templo dessa forma dramática.

Jesus era, verdadeiramente, o Sumo Sacerdote. Todos os sumos sacerdotes anteriores eram apenas retratos, atores em uma longa representação que comunicava uma mensagem àqueles que observavam, apontando para Aquele que viria e se revelaria aos que tivessem olhos para ver. Jesus era a realidade. Ao contrário das representações sacrificiais anteriores, dessa vez o Sumo Sacerdote entrou na presença imediata de Deus. No altar do Calvário, derramou o próprio sangue. Uma vez que seu sacrifício foi o real, Deus confirmou que foi aceitável para ele ao desconsagrar, do céu, o templo aqui na terra. Foi como se estivesse dizendo: “Esse lugar não é mais necessário”. Ele destruiu a antiga ordem, pois ela havia cumprido seu propósito.

Na cruz

À medida que o drama prosseguiu, houve mais uma surpresa.

A crucificação era uma morte horrível. Era uma morte lenta. Por fim, os condenados sucumbiam por asfixia. Ao perderem as forças, não conseguiam mais levantar o corpo o suficiente para respirar. E, no entanto, lemos que Jesus clamou em alta voz (Lc 23.46). Foi apenas um tremendo esforço final de sua parte?

Além disso, ao que parece, Jesus morreu muito antes do esperado (Jo 19.31-33). Será que Lucas chama nossa atenção para o fato de que Jesus escolheu o momento de sua morte, isto é, em um sentido específico, morreu de forma deliberada, soberana e ativa? Tudo indica que ele escolheu o momento com autoridade de Rei, clamando em alta voz: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito” (Lc 23.46). Em seguida, curvou sua fronte régia e expirou.

No relato da crucificação apresentado por Lucas, é fascinante observar a frequência com que o termo salvar é usado. “Salvou os outros; a si mesmo se salve” (23.35). “Salva a ti mesmo” (23.37). “Salva a ti mesmo e a nós” (23.39).

Lucas não foi testemunha ocular dos acontecimentos do Evangelho. Converteu-se posteriormente ao cristianismo. No entanto, ele nos diz que fez todo esforço possível para falar com testemunhas oculares (Lc 1.1-4). Trabalhou como repórter investigativo. Registrou o que essas testemunhas relataram. Ao ouvir, começou a ver uma imagem se desenvolver, uma imagem espantosa. Na cruz, a palavra que esteve com mais frequência nos lábios das pessoas, até mesmo em declarações insultantes, era a chave para tudo o que estava acontecendo. Aquele que estava sendo desprezado como Profeta, como Sacerdote e como Rei na verdade era o Profeta, Sacerdote e Rei de Deus, o Cristo, o Salvador. Na realidade, estava fazendo aquilo que, cinicamente, pediram que ele fizesse. No entanto, falaram com ignorância; não entenderam que, a fim de salvar outros, ele não podia salvar a si mesmo.

Eis, portanto, o mistério da cruz, todo o seu segredo.

Testemunho de um criminoso

Poucos entenderam o segredo. Um desses poucos foi um criminoso judeu que reconheceu que o Jesus crucificado não era outro senão o Rei: “Senhor, lembra-

te de mim quando entrares em teu reino”, disse ele. Em que esse crucificado podia contribuir para sua salvação? Ele não tinha nada além de necessidade. Mas não é preciso nada mais para nos levar a Jesus, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Salvador que morreu na cruz por nossos pecados.

*Há uma fonte repleta de sangue
tirada das veias de Emanuel;
pecadores imersos nesse caudal
são purificados da nódoa de culpa.*

*O ladrão moribundo se alegrou ao ver
essa fonte em seu tempo;
e ali eu, tão vil quanto ele,
lavei todos os meus pecados.²*

Perto desse criminoso judeu que viu Jesus como Rei, estava um oficial do exército romano. Será que, anteriormente, ele havia zombado de Jesus junto com seus subordinados? É possível que sim, pois sabemos que “os soldados também zombavam dele” (Lc 23.36). Agora, porém, reconhece que Jesus era o Justo (23.47). Por que, então, estava sofrendo esse castigo? Mais uma vez, a pergunta nos é apresentada pela narrativa que Lucas desenvolve. Somos levados a entender que ele sofre em virtude da injustiça de outros. Mas de quem?

Será que esse oficial romano poderia ter proferido as seguintes palavras?

Eis, no madeiro, o Homem traz

nos ombros meu pecado.

Minha própria voz ouço a zombar —

vergonha!! — entre os culpados.

Por meu pecado foi à cruz:

viu tudo conquistado.

Sua morte vida veio dar.

Eu sei, está consumado.³

Blasfêmia e traição

Jesus foi acusado de blasfêmia (havia se equiparado a Deus) e de traição (havia rejeitado autoridade legitimamente constituída).

Por que essas duas acusações eram tão relevantes? Porque são as acusações feitas contra cada um de nós no tribunal de Deus.

Nesse tribunal, sou culpado de blasfêmia, pois coloquei a mim mesmo, e não Deus, no centro do universo.

Também sou culpado de traição, pois procurei derrubar sua autoridade legítima e bondosamente constituída sobre minha vida.

Blasfêmia e traição também foram os crimes de Adão. São os crimes antiquíssimos dos quais cada um de nós — jovens e velhos, ricos e pobres, sábios e tolos, famosos e infames — somos acusados. Temos a mesma ficha criminal. Somos todos culpados.

Mas Jesus veio!

*Condenado em meu lugar,
sob opróbrio e cruel zombar,
com seu sangue a me perdoar.
Aleluia, que Senhor!
Aleluia, Salvador!⁴*

Quão bem essa verdade é expressa nas palavras de Christopher Idle:

*Perante o tribunal compareceu,
em nosso lugar foi julgado;
sentiu seu poder de ferir,
condenado a enfrentar a cruz.*

*Nosso Rei, acusado de ser traidor;
nosso Deus, insultado como blasfemador!⁵*

Jesus veio e sofreu tudo isso para assumir nosso lugar, levar sobre si nosso julgamento, tratar de nosso pecado e nos salvar.

Vemos todos esses elementos na complexa tapeçaria que Lucas tece para retratar a Paixão de Jesus. O tema central agora fica evidente: Jesus Cristo morreu por pecadores, o Justo pelos injustos, para nos levar a Deus (1Pe 3.18).

Este é o significado da cruz: “Quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Rm 5.8).

Ele tomou meu lugar. Eu tomo sua graça. Ele se torna meu Salvador.

Essa é sua experiência?

*Não por justiça minha,
pois não tenho justiça nenhuma,
mas por sua misericórdia,
Jesus, Filho de Deus,
no madeiro do Calvário sofreu,
crucificado com ladrões...*

Você pode cantar?

*... imensa foi sua graça por mim,
que sou tão inconstante.*

¹Ele conta a história em *Pride and perjury* (New York: HarperCollins, 2000).

²Do hino *There is a fountain filled with blood*, de William Cowper (1771). [Uma tradução desse hino, de Robert Reid Kalley e Henry Maxwell Wright, denominada *Fonte divinal*, encontra-se em *Salmos e hinos: com músicas sacras* (Rio de Janeiro/São Paulo: Igreja Evangélica Fluminense/Vida Nova, 1990), sob número 158.]

³Do hino *How deep the Father’s love for us*, de Stuart Townend (1995), tradução

de Fabiano Silveira Medeiros.

⁴Do hino Man of sorrows! What a name, de Philip Bliss (1875), tradução de Fabiano Silveira Medeiros.

⁵Do hino He stood before the court, de Christopher Idle (1982).

capítulo 4

UMa GRANDE troca

*E, quando reflito que ele
no Calvário sobre si levou
o castigo do pecado
em meu lugar,
surpreso me pergunto por que ele,
sem pecado, morreu
por alguém tão vil quanto eu;
ele é meu Salvador!*

Cento e quatro homens foram arcebispos da Cantuária. Em 1093, um dos mais insignes escreveu um livro que está entre as obras de teologia de maior influência já redigidas. Era um italiano chamado Anselmo.

Anselmo viveu na Idade Média. Por vezes, é apresentado como “pai do escolasticismo medieval”, uma forma de pensar e estudar usada nas diversas “escolas” de erudição na Europa medieval, precursoras das universidades. Não é de surpreender que, por Anselmo haver escrito em latim, tenha dado a seu livro magnífico um título nesse idioma: *Cur Deus Homo*, isto é, Por que Deus-homem? Ou, talvez, Por que Deus se tornou homem?

É um excelente título. Quatro palavras simples em latim (Por que, Deus e

homem) nos conduzem à mais importante pergunta da Bíblia.

Essa é a pergunta no cerne da admiração que Emmanuel T. Sibomana expressa:

*E, quando reflito que ele
no Calvário sobre si levou
o castigo do pecado
em meu lugar,
surpreso me pergunto por que ele,
sem pecado, morreu
por alguém tão vil quanto eu;
ele é meu Salvador!*

Várias passagens do Novo Testamento respondem à pergunta de Anselmo e explicam a admiração do pastor Sibomana, entre elas, 2Coríntios 5.

O evangelho é um convite para receber uma dádiva. Muitas pessoas, contudo, ouvem-no como uma convocação para se esforçar mais. Paulo deixa claro que o evangelho não diz respeito a nada que fazemos. Diz respeito ao que Deus fez por nós em Jesus Cristo.

A lamentável situação humana é multifacetada. O evangelho é multifacetado. Precisa ser para que possa nos salvar.

Por vezes, Paulo usa a linguagem de um tribunal. Somos culpados, mas, pela graça de Deus, podemos ser justificados.

Em outras ocasiões, usa a linguagem do templo. Não temos condições de entrar na presença de um Deus santo, mas ele, em sua misericórdia, proveu um modo para que nossos pecados sejam cobertos e para que sua face seja revelada a nós

em graça.

Outras vezes, ainda, Paulo usa a linguagem de um mercado da Antiguidade, em que escravos eram colocados à venda para quem oferecesse o valor mais alto. Paulo explica que Jesus Cristo foi a esse mercado de escravos e, por meio de sua morte na cruz, pagou o preço da redenção para nos libertar da escravidão do pecado.

Cada um desses aspectos do ministério de Cristo nos ajuda a responder à pergunta de Anselmo: “Por que Deus se tornou homem?”. Cristo veio para proporcionar justificação, para fazer propiciação e para efetuar redenção.

No entanto, Paulo tem mais um aspecto para apresentar: reconciliação. Esse termo faz parte do âmbito de relacionamentos rompidos, de alienação.

Essa é a linguagem para nossos tempos. Vivemos em um mundo de relacionamentos rompidos. Temos indivíduos e organizações em nossa sociedade que se dedicam exclusivamente a tratar da alienação e promover a reconciliação.

Eis, portanto, mais uma imagem que nos ajuda a entender o que Jesus Cristo fez.

O problema básico

Alienação foi um dos termos em voga no século 20 e uma ideia central para o comunismo marxista.

De acordo com Karl Marx, um problema fundamental do mundo era a profunda alienação entre as classes trabalhadoras e os frutos de seu trabalho. Para ele, se pudéssemos libertar o trabalhador para que se apropriasse de seu trabalho, um elemento fundamental dos males do mundo seria dissipado. Essa ideia fazia parte da mensagem central do comunismo.

Marx não levou em consideração aquilo que ficou evidente por trás das cortinas de ferro e de bambu: a ganância, o orgulho e o anseio por poder de seres humanos. Nos estados comunistas ficou cada vez mais evidente que havia intensa corrupção, que atingia os mais altos escalões. Em vez de o comunismo

trazer reconciliação, simplesmente continuou a sustentar a pecaminosidade humana. A alienação permaneceu.

Com o surgimento da psiquiatria e da psicologia, sem deixar de fora suas versões populares, tornamo-nos agora uma cultura terapêutica; somos pacientes que precisam de cura, vítimas que precisam de uma autoimagem melhor. Considere-se que nosso problema mais profundo é a alienação pessoal, quer daqueles ao nosso redor quer de nós mesmos. Portanto, muitos terapeutas procuram tratar dessas alienações como se fossem doenças sem nenhuma dimensão moral, padrões de comportamento pelas quais o indivíduo não tem nenhuma responsabilidade moral.

Em muitos casos, porém, essa abordagem constitui aquilo que a filosofia chama “erro de categoria”. São tratadas como doenças os padrões de comportamento que pertencem, devidamente, à ordem de transtorno moral. Não deve nos surpreender que esse tipo de terapia não seja capaz de resolver os males do mundo. Nem devemos esperar que o faça. A terapia que não leva em conta o problema mais profundo do ser humano, o pecado, é incapaz de resolver a alienação mais profunda do ser humano, o relacionamento rompido com Deus.

Uma teoria socioeconômica não tem como promover reconciliação em escala mundial ou individual se o problema básico é moral. Tratar comportamentos pecaminosos como uma categoria médica e prescrever terapia química não resolverá as alienações que não são causadas por deficiências químicas. O problema não é, em última análise, econômico, biológico ou químico.

Em 2Coríntios 5, Paulo confronta o problema básico. Trata da alienação-mãe, que dá à luz todas as outras alienações: a alienação entre Deus e o ser humano, entre o ser humano e Deus. Seu desejo é explicar a solução divina para o problema.

Primeiro, contudo, precisamos considerar por que essa reconciliação é tão necessária.

Plano distorcido

Os cristãos não vivem mais para si mesmos (2Co 5.15). A implicação disso é que, antes de nos tornarmos cristãos, vivemos dessa forma. Nossa cosmovisão é focalizada em nós mesmos. O ser humano é, nas palavras de Martinho Lutero, *incurvatus in se*, voltado para si mesmo, obcecado consigo mesmo. Fazemos parte daquilo que Christopher Lasch denominou “cultura de narcisismo”.¹ Tudo isso contrasta vividamente com o plano divino que, como expressam as palavras famosas do Breve Catecismo de Westminster, consiste em que glorifiquemos a Deus e o desfrutemos para sempre.

Portanto, estamos seriamente desviados. Distorcemos o plano original de Deus.

Para homens e mulheres de hoje parece quase impossível imaginar que foram feitos para glorificar e desfrutar Deus. Talvez fosse mais preciso dizer que a própria ideia de viver para a glória de Deus parece corresponder ao conceito de inferno de muitas pessoas. Podemos retrabalhar as palavras famosas da peça *Sem saída*, de Jean-Paul Sartre: “O inferno são os outros”. Para muitos, o inferno é a presença de Deus. Viver para nós mesmos, contudo, é o céu.

Ou será que não?

Infelizmente, em vez de encontrar prazer duradouro e profundo no mundo de Deus, descobrimos aqui apenas alienação crescente.

Alienação de Deus é algo não apenas real, mas também perigoso, e a profundidade da alienação fica evidente no fato de que imaginamos que não corremos perigo nenhum. A verdade que nos leva a séria reflexão, porém, é que “todos devemos comparecer diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo as coisas feitas no corpo, de acordo com o que praticou, seja o bem, seja o mal”.

Em geral, as pessoas consideram essa análise desagradável. A seu ver, não estão de maneira nenhuma alienadas de Deus. Há, contudo, alguns testes simples para essa alienação. Mencione as palavras “o Senhor Jesus Cristo” e observe a reação; pode variar de silêncio constrangido a discussão acalorada. O que causa essa reação? O Novo Testamento mostra que o propósito mais amplo de Deus é que honremos seu Filho. Portanto, não honrá-lo significa, sem dúvida, estar profundamente alienado dele.

Logo, quando Paulo se refere dessa maneira à necessidade do evangelho, chega ao cerne da questão. Se lembrar as pessoas de que são, por natureza, alienadas de

Deus suscita hostilidade, não há necessidade de provas adicionais de sua alienação.

Contudo, Paulo também sabe que o evangelho é perfeitamente adequado para a condição humana. Em nossa alienação de Deus, estamos distorcidos e deformados. O evangelho nos diz que Jesus Cristo veio para substituir essa alienação por reconciliação.

Paulo usa a linguagem da reconciliação várias vezes em 2Coríntios 5 (v. 18-21). Ele é embaixador de Jesus Cristo, com uma mensagem maravilhosa: em Cristo, Deus estava reconciliando consigo mesmo o mundo. Agora somos chamados para ser reconciliados com Deus, para deixar nossa resistência e nos render a ele.

Essas palavras parecem mais um sermão para a praça pública que para a igreja local de Corinto. E, no entanto, Paulo está pregando para cristãos. É como se estivesse lhes dizendo: “Mais que qualquer coisa, vocês precisam ouvir o evangelho, e o evangelho que vocês precisam ouvir é o mesmo evangelho que prego na praça pública”. Ele tem consciência de que nossa maior necessidade, sejamos cristãos ou não, é atender ao evangelho. Portanto, quer esteja falando a não cristãos, quer a cristãos, não se envergonha de lhes dizer: “Compreendam isso, atendam à graça divina salvadora em Cristo, e a vida será transformada”.

De que maneira, porém, essa reconciliação acontece?

a troca

A reconciliação nos é provida em Jesus Cristo: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo” (2Co 5.19). Como isso aconteceu? Paulo explica: “Aquele [Cristo] que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (v. 21).

Observe que Paulo não diz que Deus reconciliou consigo mesmo o mundo porque Jesus se fez carne por nós. Não somos reconciliados pelo Natal. A encarnação é essencial, mas é apenas o começo da história. Deus reconciliou consigo mesmo o mundo porque Jesus se fez pecado por nós.

Essas palavras são o cerne do evangelho. Indicam não apenas como Deus fez seu Filho pecado por nós, mas também como aqueles que creem em seu Filho são feitos justiça de Deus. Verdadeiramente, essa é uma troca de lugares inesperada, uma permuta misteriosa, porém maravilhosa:

Jesus Cristo, que não conheceu pecado, tornou-se pecado por nós.

Nós, que não conhecemos justiça, tornamo-nos, em Cristo, justiça de Deus.

A palavra traduzida por reconciliação no Novo Testamento (grego, *katallagē*) tem como ideia fundamental “fazer uma troca”. Era usada no mundo antigo para o câmbio de dinheiro: você me dá algum dinheiro e lhe dou, em troca, outra moeda. Esse é o âmago do evangelho: em Jesus Cristo, Deus realizou uma troca singular. Fez Cristo ser pecado por nós; considera nossa a justiça de Cristo.

No tempo do Antigo Testamento, quando uma pessoa pecava, levava um animal para que o sacerdote oferecesse como sacrifício. A pessoa colocava as mãos sobre a cabeça do animal, confessava seus pecados e, simbolicamente, os transferia para ele. O animal “se tornava pecado” por ela (embora não tivesse, ele próprio, nenhum “pecado”). Em seguida, o animal era morto e oferecido como sacrifício. Esse era um símbolo visual extremamente claro do alto custo do perdão e da reconciliação com Deus.

É difícil para nós compreender o impacto que esses sacrifícios deviam causar. Afetavam profundamente os sentidos. Era possível ver e tocar o animal. O som do animal sendo imolado, a imagem do sangue e seu odor no ar deviam deixar uma impressão indelével naquele que oferecia um sacrifício.

Evidentemente, os sacrifícios tinham gradações. Uma vez por ano, havia o dia principal de sacrifício — Yom Kippur, o Dia da Expição —, em que era oferecido um sacrifício pelos pecados de todo o povo. Levítico 16 relata um ritual complexo seguido pelo sumo sacerdote. No entanto, o princípio desses sacrifícios era sempre o mesmo. Os pecados do povo eram trocados pelo sacrifício do animal inocente. O animal era tratado como se fosse responsável pelas transgressões do povo; levava sobre si o julgamento de morte que o povo merecia por seus pecados. O povo, por sua vez, era tratado aos olhos de Deus

como se fosse justo.

Agonia dupla

Paulo viu tudo isso se cumprir na morte de Cristo na cruz: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós”. Cristo aceitou o julgamento contra nosso pecado e nos livrou de sua penalidade. Agora, Deus nos trata não apenas como inocentes, mas como justos.

Até mesmo os detalhes do Dia da Expição prefiguravam a experiência posterior de Jesus. Nesse dia, eram escolhidos dois bodes. Eram lançadas sortes para selecionar o papel de cada um.

Um bode era imolado como oferta pelo pecado.

O sumo sacerdote colocava as mãos sobre o outro bode e confessava os pecados do povo. Eles eram “[postos] sobre a cabeça do bode” (Lv 16.21). Esse bode era levado para o deserto, a “uma terra desabitada” (v. 22), e solto para vagar ali sem perspectiva de regresso.

Juntos, esses dois bodes fornecem um retrato vívido das implicações de Jesus ter sido “feito pecado” por nós.

Jesus morreu por nosso pecado. Há, contudo, uma dimensão sombria e solitária de sua experiência. Durante sua crucificação, ele ficou pendurado no deserto entre o céu e a terra. Foi rejeitado pela humanidade e experimentou a sensação de ser abandonado pelo Pai, o que o levou ao clamor comovente: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). Experimentou o julgamento de Deus contra o pecado e a sensação de abandono divino que acompanhou esse julgamento. Tornou-se o sacrifício e o bode expiatório.

Ó generoso amor! Que o levou a ferir

no Homem pelo homem, seu inimigo,

aplicou sobre o Homem a dupla agonia

*que ao homem era devida.*²

É essencial entender este ensino de Paulo, quer você esteja à beira da fé cristã, quer seja crente de longa data: você não pôde, não pode e não poderá fazer nada para merecer sua salvação. Não é capaz de contribuir com ela de nenhum modo. Ela não é obtida por suas realizações, seu mérito, sua fé, seu nível de santificação, sua fidelidade ou seu serviço cristão.

A reconciliação é, do começo ao fim, um dom gratuito da graça.

Cristo já fez todo o necessário para remover seus pecados e transferir para você a justiça dele.

Sacrifícios inadequados

Claro que, em última análise, os sacrifícios veterotestamentários não removiam pecados. Eram apenas representações, e nada mais.

As pessoas entendiam isso no tempo do Antigo Testamento. Depois de oferecerem os sacrifícios um dia, sabiam que mais sacrifícios teriam de ser oferecidos no dia seguinte, e no outro, e assim por diante. Até mesmo o grande sacrifício do Dia da Expição, apresentado uma vez por ano, tinha de ser repetido anualmente.

Não era preciso ter formação em lógica para compreender que, se esse era o caso, nenhum dos sacrifícios removia o pecado e a culpa de modo pleno e definitivo.

Além disso, os crentes do Antigo Testamento devem ter percebido que era impossível o sacrifício de um animal ser pagamento apropriado, muito menos adequado, pelos pecados de um ser humano. O único substituto possível para um ser humano pecador é outro ser humano.

Sacrifícios de animais mostravam que era necessário vir alguém que pudesse morrer em lugar dos pecadores e se dispusesse a fazê-lo, mas tinha de ser alguém que não precisasse de um sacrifício para si mesmo, alguém sem pecado.

Onde, porém, seria possível encontrar um ser humano tão inocente, tão puro, tão justo que não precisaria morrer pelos próprios pecados?

Não havia ninguém assim, “porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23).

Deus resolveu esse dilema ao vir, ele próprio, na pessoa de seu Filho. Assumiu a natureza humana em sua encarnação a fim de levar nosso pecado sobre si na cruz. Em essência, trocou de lugar conosco:

*Condenado em meu lugar,
sob opróbrio e cruel zombar,
com seu sangue a me perdoar.
Aleluia, que Senhor!
Aleluia, Salvador! ³*

Ao mesmo tempo, contudo, era uma pessoa divina e, portanto, seu sacrifício tinha valor e mérito infinitos. Tinha o valor daquele que o ofereceu: o Filho de Deus. Era, portanto, não apenas um sacrifício adequado pelos pecados de apenas um indivíduo (“olho por olho, dente por dente”; Êx 21.24), mas suficiente para todos que vêm a Cristo com fé e dizem: “Tu podes me salvar; arrependo-me de todo o pecado que exigiu que fosses à cruz como meu substituto; creio em ti como meu Salvador e Senhor”.

É desse modo que a reconciliação provida para nós em Jesus Cristo se torna nossa. Essa é uma troca verdadeiramente gloriosa.

A libertação

A reconciliação por meio de Cristo nos liberta da culpa do pecado. Paulo declara que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo, não levando em conta os pecados dos homens contra eles” (2Co 5.19, NIV).

Talvez tenhamos deparado com não cristãos que dizem: “É exatamente isso que defendo. Esse é o tipo de Deus em que creio, um Deus que não leva em conta os pecados das pessoas. Você fala incessantemente de meus pecados, mas sua Bíblia diz que Deus não os leva em conta. Essa é minha convicção. Você não crê na própria Bíblia? Aqui seu grande apóstolo Paulo está ensinando exatamente aquilo em que acredito: Deus não leva pecados em conta. É nesse tipo de Deus que creio!”.

Mas o descrente não está lendo as palavras de Paulo corretamente, não é?

Paulo diz de fato que Deus não leva em conta os pecados dos homens contra eles. Mas seria um erro fatal deixar por isso mesmo. Precisamos ler suas palavras com mais atenção.

Paulo pressupõe que Deus leva em conta de fato os pecados dos homens. Ele já disse que todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo para receber o que nos é devido por aquilo que fizemos, seja o bem, seja o mal (v. 10). Os pecados serão levados em conta.

Observe, também, que Paulo diz que Deus estava fazendo essa reconciliação “em Cristo”. Paulo diz: Deus não leva em conta os pecados contra aqueles que creem em Cristo.

Contra quem, então, Deus leva os pecados em conta?

Contra seu Filho, Jesus Cristo.

Esse é o cerne do evangelho. O Filho de Deus se fez carne para que pudesse, então, se tornar pecado por nós. Como se o próprio Cristo fosse pecador, ele, que “não conheceu pecado”, levou sobre si o julgamento de Deus (v. 21). Sua justiça — praticada em uma vida em que, em favor de nós, ele guardou a lei de Deus para nós e também por meio de uma morte em que Deus o julgou, condenou e

entregou ao executor — passa a ser nossa.

A fé diz: “Sim, Deus leva meus pecados em conta. No entanto, ele não o faz contra mim. Antes, o faz contra seu Filho”. Quando estendo as mãos vazias da fé e me apego a Jesus Cristo, nesse exato momento o sacrifício de Jesus Cristo se torna meu e, nesse exato momento, sou liberto da culpa e da escravidão do pecado.

Situação legal

A culpa não é apenas um sentimento. Não é apenas uma condição psicológica, embora também possa ser. É uma situação legal.

Quando o primeiro jurado em um julgamento pronuncia a palavra culpado, não está comentando sobre os sentimentos do réu. Está pronunciando um veredicto. Está dizendo que o réu foi considerado culpado dos crimes dos quais foi acusado. O réu é culpado e será tratado de acordo com isso, não importa o que ele sinta.

Não vem ao caso se as pessoas se sentem culpadas ou não. Meus sentimentos (ou ausência deles) não aumentam nem diminuem minha culpa. Ela é, acima de tudo, uma situação pessoal diante de um Deus santo, e não uma condição psicológica.

A maravilha do evangelho é que ele trata de nossa culpa objetiva. Começamos a entender o valor de nossa nova situação diante de Deus. A essa altura, Deus começa a transformar nossos sentimentos.

As histórias de conversão de indivíduos apresentam enormes variações, mas há uma constante. Talvez eles tenham começado sem consciência de culpa e sem percepção específica de sua necessidade de Deus. Uma sondagem mais profunda talvez os tenha levado a se defender e se justificar, mas ainda assim, sentiam-se protegidos e seguros.

Contudo, ninguém pode se proteger de modo pleno e definitivo das incursões de Deus.

Deus muitas vezes cria uma sensação de desconforto nas pessoas, que as leva a uma consciência do pecado e, em seguida, a uma percepção ainda mais profunda de que são culpadas diante de Deus. Então, ele as conduz para além de um mero sentimento de culpa, a fim de que confessem: “Sou culpado diante de Deus”. Como diz o salmista: “Se observares, Senhor, iniquidades, quem resistirá?” (Sl 130.3).

Em seguida, o Espírito de Deus nos conduz à fé em Cristo. Vemos que ele levou sobre si o castigo por nosso pecado. Nossa culpa é removida. Somos perdoados. Ao começarmos a compreender melhor o evangelho, a consciência de que não somos mais culpados começa a permear nosso espírito e influenciar nossos sentimentos. Somos libertos da culpa do pecado e da culpa que sentíamos em nossa consciência por causa dele. Agora podemos começar a viver na presença de Deus. Mais que isso, ele nos acolhe como seus filhos.

Você percebe como essa é uma verdadeira terapia espiritual? O Conselheiro divino não diz para a pessoa que se sente culpada pelo pecado: “Não precisa se preocupar”. Um conselho desses produziria desespero. Essas palavras não têm nenhum poder.

Quando, porém, você diz a alguém que está se sentindo culpado: “Você é culpado; você é verdadeiramente culpado”, então também pode dizer: “Mas há uma forma de tratar sua culpa”.

Nenhum terapeuta, nenhum psiquiatra pode lhe dar alívio da culpa. Pode apenas ajudá-lo a resolver sentimentos de falsa culpa que surgem por diversos motivos. Remédios podem proporcionar certos tipos de alívio. No entanto, nenhuma terapia e nenhum tipo de tratamento medicamentoso podem livrá-lo da culpa verdadeira. Por que não? Porque ser culpado não é uma enfermidade ou um desequilíbrio químico. É uma realidade espiritual. Diz respeito a sua situação diante de Deus. O psiquiatra não tem como perdoar você; o terapeuta não tem como absolvê-lo; o conselheiro não tem como desculpá-lo.

A mensagem do evangelho, porém, é esta: Deus pode perdoá-lo, e ele está disposto a fazê-lo.

Primeiro, contudo, você precisa ser levado a dizer: “Sou culpado”.

Sua reação é justificação própria, ou mesmo raiva? “Como alguém ousa dizer que sou culpado?!”

Esse é o caso, mesmo que seja Deus quem esteja apontando sua culpa?

Enquanto não reconhecemos nossos pecados e nossa culpa, não descobrimos que podem ser perdoados. Quando o fazemos, porém, o perdão verdadeiro começa a produzir consciência de perdão no âmbito psicológico, espiritual, mental e interior. Essa consciência é acompanhada de uma percepção crescente de que a escravidão da culpa foi quebrada. Finalmente, somos libertos. Descobrimos, maravilhados, que no cerne do evangelho está o seguinte fato: Deus tomou nossa culpa sobre si em seu Filho Jesus Cristo.

Graça da aliança

Depois do julgamento do Dilúvio, Deus fez sua aliança com Noé e a representou por meio do arco-íris no céu (Gn 9.8-17). Alguns estudiosos do Antigo Testamento propuseram que o arco-íris é um arco de guerra multicolorido que Deus colocou simbolicamente no firmamento. Nesse caso, a flecha mortal aponta para o céu. Qualquer flecha de julgamento será atirada diretamente para o coração de Deus. Essa é uma alusão a coisas por vir.

Quando Deus fez sua aliança com Abraão, moveu-se como luz entre duas linhas paralelas de animais mortos (Gn 15). De forma simbólica, Deus disse a Abraão: “Pagarei o preço para cumprir a promessa de bênção da aliança, mesmo à custa de minha existência”.

Esse é o cerne do evangelho. Esse é o motivo pelo qual Deus se tornou homem. Esse é o significado da vida e do ministério de Jesus. Essa é a importância da cruz. A flecha do julgamento de Deus contra o pecado penetrou o coração do próprio Deus no Calvário. Ao cumprir o juramento feito na aliança, Deus tomou sobre si nossa culpa e seu julgamento. A cruz diz: “Levo sobre mim o castigo de sua culpa e libertarei você da escravidão e do poder dessa culpa”.

É maravilhoso o momento em que nos damos conta dessa realidade. Sim, em algumas pessoas leva mais tempo que em outras para que essa realidade verdadeiramente permeie todas as partes de sua vida. Mas essa é a verdade do evangelho: no instante em que cremos em Jesus Cristo, nossos pecados são perdoados e nossa culpa é removida.

A transformação

A reconciliação é, portanto, provida por Cristo. Ela nos liberta da culpa do pecado. Mas também transforma a vida como um todo: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21).

Podemos, verdadeiramente, ser justos aos olhos de Deus? Sim, mas a verdade é ainda mais extraordinária: em Jesus Cristo, sou tão justo aos olhos de Deus quanto o próprio Jesus Cristo. Como isso é possível?

A única justiça com que sou justo é a justiça de Jesus Cristo. É como se ele tivesse dito para mim: “Eis minha justiça. Revista-se dela; ela é sua. É perfeita e completamente adequada para suas necessidades”. Quando estou diante de Deus e ele olha para mim, ouço-o dizer: “Onde vi essa justiça antes? Chegue mais perto. Agora a reconheço. É a justiça de meu Filho. Entre! Você é bem-vindo e está seguro aqui”.

Mas esse é apenas o começo da transformação. Paulo nos leva um passo adiante: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação” (2Co 5.17a), literalmente: “Se alguém em Cristo — nova criação”. Estritamente, você não se torna “nova criatura” (como as versões mais antigas traduziam essa expressão). Ainda é ser humano. Quando, porém, se torna cristão, é unido a Cristo (“em Cristo”) e, ao passar por Cristo, a Porta (Jo 10.9), entra em uma nova ordem de existência, em um mundo inteiramente novo.

Nova criação

A nova vida em Cristo não implica apenas uma transformação individual. Todos os aspectos da vida se tornam novos. Tudo muda. Por quê? Porque agora você está em um novo lugar. Respira novo ar. Vê tudo por novos olhos. Recebe um novo coração. É inserido em uma nova comunidade. Tem um novo propósito.

Tem um novo — e glorioso — destino. Entrou em uma criação inteiramente nova. “As coisas velhas já passaram, e todas as coisas se fizeram novas” (2Co 5.17b).

A troca na cruz do Calvário é a troca fundamental. Também é, contudo, o início de trocas. Como George Wade Robinson expressa:

*O céu lá no alto é de azul mais suave,
a terra ao redor é de verde mais belo
há algo vivo em cada nuança
que olhos sem Cristo jamais contemplaram.*⁴

Essa transformação começa, então, a operar em níveis profundos de sua vida. “Embora tenhamos conhecido Cristo segundo a carne [i.e., do ponto de vista deste mundo], agora não o conhecemos mais desse modo” (2Co 5.16).

Essa é a primeira coisa, e a mais imediata: vemos Jesus de forma diferente, pois ele é Senhor e Salvador. Nós o amamos. Confiamos nele. Percebemos sua presença. Conhecemos seu poder. Vemos sua direção. Vivemos para seu louvor. Ele se tornou nosso Senhor. As coisas velhas passaram, as novas chegaram. Houve uma troca.

Há, contudo, ainda mais uma dimensão dessa troca, uma nova atitude em relação a nós mesmos: “Ele [Cristo] morreu por todos para que aqueles que vivem [porque ele morreu] não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.15). Você costumava viver para si mesmo, mas agora vive para Cristo. Seus desejos e planos são secundários. A vontade de Cristo, os desejos de Cristo, a glória de Cristo são prioritários.

Mas não é só isso. Também temos uma nova atitude em relação a outros: “Portanto [observe que Paulo considera essa uma implicação espiritual e lógica do evangelho], daqui por diante, não conhecemos ninguém segundo a carne [i.e., do ponto de vista deste mundo]” (2Co 5.16). Enxergamos as pessoas como se as

víssemos pelos olhos de nosso Senhor Jesus Cristo. Que maravilha!

Considere, por exemplo, uma jovem que agora tem fé viva em Jesus Cristo. A troca que Cristo fez por ela começa a produzir uma mudança nela. Talvez seus pais não sejam cristãos. Agora, porém, ela não fala mais de seus pais como outros fazem. Sua disposição para com seu pai e sua mãe mudou. Ela começa a amar seus pais, a se preocupar com eles, a orar por eles.

Não é extraordinário uma garota adolescente orar a cada dia, a cada noite, por sua mãe e seu pai, pois deseja que eles conheçam o que ela veio a conhecer em Jesus Cristo? Essa é uma nova ordem da realidade, um mundo inteiramente novo.

De acordo com Paulo, tudo isso vem de Deus (2Co 5.18). Ele dá e continua a dar. A prova de que recebemos suas dádivas é que essa grande troca ocorreu em nossa vida.

O dia da salvação

É por isso que Paulo parece estar falando em uma praça pública, para não cristãos. Sua voz é cheia de urgência: “Somos embaixadores de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio [o que, na realidade, ele faz]. Suplicamos a vocês por Cristo, para que sejam reconciliados com Deus” (2Co 5.20). Em outras palavras: “Venham a Cristo. Creiam em Cristo. Entreguem-se a Cristo. Pela graça de Deus, deixem as coisas velhas para trás e experimentem nova vida em Cristo, aquele que faz novas todas as coisas”.

Os responsáveis pelas divisões iniciais de capítulos em nossas Bíblias parecem ter obscurecido o argumento que Paulo desenvolve aqui. Em 2Coríntios 6.1,2, temos, na realidade, a conclusão daquilo que Paulo diz no capítulo 5: “Nós, cooperadores com ele, também vos exortamos a não receber a graça de Deus em vão. Pois ele diz: ‘No tempo aceitável eu te escutei e no dia da salvação eu te socorri’. Eis agora o tempo aceitável; eis agora o dia da salvação”.

Por que há tanta urgência? Paulo tinha observado em várias ocasiões sinais do interesse no evangelho que o Espírito de Deus produz. No entanto, tinha visto

peessoas serem colocadas face a face com Jesus e, então, dizerem: “Tomarei uma decisão depois”. Muitos fazem o mesmo hoje. Deixam passar o dia da oportunidade. Mais adiante, olham para trás e dizem: “Por que será que vi algo de interesse no evangelho cristão?”. E seu coração volta a se endurecer.

Talvez você frequente a igreja há anos, ou talvez esteja à margem. Talvez tenha até imaginado que fosse cristão. Talvez ninguém que o conheça jamais tenha duvidado que você seja cristão. Tornou-se claro, porém, que você estava apenas seguindo uma fórmula. Pode até ser uma fórmula evangélica. Ainda assim, não passa de uma fórmula. Crer em Cristo e conhecê-lo não são realidades para você.

Seria a coisa mais fácil do mundo dizer: “Se é o caso, preciso pensar melhor nesse assunto, mas não hoje”. Mas talvez seja agora ou nunca.

Quem sabe este é “o dia”. Se não for agora, talvez realmente não seja nunca. Deus tem falado com você. A questão não poderia ser mais clara do que se tornou em tempos recentes. Sua maior necessidade é receber perdão e nova vida em lugar de seu pecado e sua culpa. Na cruz, Jesus tomou sobre si nosso pecado, e ele se oferece como nosso Salvador. É preciso apegar-se a ele pela fé e dizer: “Senhor Jesus, confesso que sou, verdadeiramente, pecador”.

Talvez você seja um pecador de vinte anos ou um pecador de sessenta anos. Não faz diferença nenhuma para ele. Simplesmente diga: “Senhor Jesus, sou pecador e sei que preciso de tua graça e de teu perdão. Preciso da troca que somente tu podes oferecer”. E, quando você o fizer, ele o tomará pela mão e o trará para junto dele. Mesmo que você diga: “Senhor Jesus, não tenho certeza se posso confiar em ti”, ele dirá: “Confie em mim, confie em mim”. Confie nele e você descobrirá que toda a sua culpa se foi. Terá entrado pela Porta para uma criação inteiramente nova.

Para algumas pessoas, essa é uma experiência repentina e dramática. Para outras, é lenta e quase imperceptível. De qualquer modo, Cristo se oferece livremente a todos que se achegam a ele e creem nele.

Não o ignore quando ele falar com você por meio da Palavra.

O pastor Sibomana estava certo ao expressar surpresa com a grande troca que ocorreu no Calvário:

*Surpreso me pergunto por que ele,
sem pecado, morreu
por alguém tão vil quanto eu;
ele é meu Salvador!*

Essa realidade o surpreende?

Você pode dizer, como o pastor Sibomana: “Ele é meu Salvador”?

¹Christopher Lasch, *The culture of narcissism* (New York: W. W. Norton & Co., 1979) [edição em português: *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*, tradução de Ernani Pavanelli Moura (Rio de Janeiro: Imago, 1983)].

²Do poema *The dream of Gerontius*, de J. H. Newman (1865).

³Do hino *Man of sorrows! What a name*, tradução de Fabiano Silveira Medeiros.

⁴Do hino *Loved with everlasting love*, de George Wade Robinson (1890).

capítulo 5

segurança garantida

*Agora em meu coração
há um desejo somente:
permanecer no amado Salvador
e nele me esconder.
Ele é meu escudo e broquel,
que me cobre e me defende;
junto dele protegido estarei
dos dardos de Satanás.*

Ninguém espera que um não cristão considere a graça de Deus surpreendente. Infelizmente, nós, cristãos, que cantamos sobre a “maravilhosa graça”, às vezes deixamos de enxergar e perceber sua graciosidade. Ela deixa de nos maravilhar. Na proporção em que isso ocorre, perdemos contato com o evangelho de Jesus Cristo. Precisamos redescobrir o quanto a graça de Deus é surpreendente.

O hino composto pelo pastor de Burundi, Emmanuel T. Sibomana, “Como a graça de Deus me surpreende”, tem uma estrutura incomum. Começa com uma reflexão sobre como a graça de Deus nos liberta da escravidão espiritual: “Das cadeias me desvencilhou”.

Em seguida, incentiva-nos a cantar sobre o maior de todos os nossos privilégios espirituais, nossa adoção como parte da família de Deus: “Ó amor que o fez correr ao encontro de seu filho perdido”.

Nas duas estrofes seguintes, somos conduzidos ao cerne e à raiz do evangelho e à fonte dessas bênçãos espirituais: Jesus Cristo, nosso Salvador crucificado e ressurreto.

Em seguida, porém, talvez de modo inesperado, temos duas estrofes que focalizam as provas e tribulações da vida cristã. Aqui, vemos a graça de Deus no contexto de uma batalha espiritual, quando deparamos com os “dardos de Satanás” e a “artimanha do Inimigo”. Precisamos de proteção:

*Ele é meu escudo e broquel,
que me cobre e me defende;
junto dele protegido estarei
dos dardos de Satanás.*

Território perigoso

Assim que começamos a seguir a Cristo, vemo-nos em um território repleto de minas escondidas, dispositivos explosivos sombrios colocados ali por mãos perversas que procuram destruir nossa fé cristã.

Sem dúvida, Satanás pode atacar a verdadeira fé cristã, mas nunca a destrói de todo, pois somos preservados pela graça. Por isso, ele procura destruir nossa capacidade de desfrutar a graça de Deus. Nesse aspecto, infelizmente, muitas vezes ele é bem-sucedido.

Uma das maneiras de realizar esse propósito é por meio dos “dardos inflamados” que ele usa para atacar os cristãos.

Evidentemente, essa forma de expressão vem das palavras de Paulo em Efésios:

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais permanecer firmes contra as ciladas do Diabo. Pois não lutamos contra carne e sangue, mas contra principados e poderios, contra os governantes das trevas desta era, contra os exércitos espirituais da maldade nas regiões celestiais. Por isso, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, permanecer firmes. Portanto, permanecei firmes, trazendo em volta da cintura a verdade, vestindo a couraça da justiça, calçando os pés com a preparação do evangelho da paz; acima de tudo, usando o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos em chamas do Maligno (Ef 6.11-16).

O cristão precisa do “escudo da fé” para se proteger dos dardos de Satanás. A palavra que Paulo usa aqui para “escudo” (thureos) vem do termo grego para porta (thura). Refere-se ao escudo longo, retangular, que os soldados romanos levavam para a batalha a fim de proteger o corpo todo. Tinha mais de 1,30 metros de altura e 65 centímetros de largura.

Esses escudos eram usados de várias maneiras. Uma técnica consistia em molhá-los para que dardos inflamados atirados contra eles fossem apagados. O início do filme Gladiador retrata de modo vívido essa cena: flechas cujas pontas foram mergulhadas em piche e acesas são atiradas em direção ao exército inimigo, criando pânico entre os soldados e levando-os a fugir.

Paulo se vale dessa imagem ao descrever a armadura espiritual do cristão. Por certo ele não tem em mente o soldado romano que o guarda na prisão, embora seja verdade que esteja atrás de grades. Soldados designados para essa função não carregavam escudos quase do tamanho de uma porta! Antes, Paulo vê em sua imaginação um soldado romano no campo de batalha, equipado para entrar em ação.

Jesus edifica sua igreja em território ocupado pelo inimigo (Mt 16.18). Os cristãos vivem em um campo de batalha. Estão expostos aos ataques do Maligno. No entanto, o evangelho fornece uma armadura defensiva magnífica, capaz de suportar toda a oposição de Satanás.

O “quê” e o “como”

Uma coisa é saber que o próprio Deus é escudo para seu povo (Sl 3.3; 33.20). Outra é saber como usar o “escudo da fé” que Deus dá a seu povo para sua proteção. O conhecimento precisa sempre se traduzir em sabedoria. Não basta saber as respostas para as principais perguntas teológicas que começam com “quê”: “Que é isto? Que é aquilo? Que é verdadeiro a esse respeito? Que é o escudo da fé?”. Esse conhecimento tem pouco valor, a menos que também nos ajude a responder as perguntas que começam com “como”: “Como esse conceito funciona em minha vida? Como devo colocá-lo em prática?”.

É justamente nesse ponto que o apóstolo Paulo nos ajuda. Em Romanos 8.28 ele declara que todas as coisas “cooperam” para o bem dos crentes, pois eles foram chamados “segundo o seu propósito”. Deus tem um plano invencível. Aqueles que ele conheceu de antemão, ele predestinou. Aqueles que ele predestinou, ele chamou. Aqueles que ele chamou, ele justificou. Aqueles que ele justificou, ele glorificou (v. 29,30). Esse é o plano infalível de Deus. É imutável, invencível.

Apesar de sabermos disso, porém, talvez não faça diferença em nosso modo de viver. Como John Owen gostava de dizer, conhecimento da verdade não é o mesmo que conhecimento do poder da verdade. Podemos ter conhecimento factual a respeito do caráter de Deus — saber que ele é escudo — mas não ter confiança em sua proteção.

A verdadeira pergunta para Paulo, e para nós, não é: “Deus é capaz de manter seu povo em segurança?”, mas: “Como Deus vai me manter em segurança?”. Não é: “Sei qual é o plano de Deus?”, mas: “Que diferença prática faz em minha vida saber que Deus tem um plano?”. Não é: “O que eu sei?”, mas: “Como colocar em prática o que sei?”.

Na transição que Paulo faz de Romanos 8.28-30 para 8.31-39, ele começa a responder a essas perguntas.

Em outras palavras, Paulo crê que o cristão está protegido. Agora, porém, faz perguntas mais penetrantes: “O que isso significa para mim quando sinto como se todo o inferno estivesse atacando minha alma? O que devo fazer nessas horas? Como usar a verdade que Deus me revelou a fim de permanecer firme no dia mau? Como Deus, de modo prático, me protege quando os dardos inflamados de Satanás estão voltados contra mim e vêm em minha direção?”.

É nesse ponto que as perguntas feitas em Romanos 8.31-35 têm imensa relevância.

Paulo começa com uma pergunta iniciada por “quê...”: “Que diremos diante dessas coisas?” (v. 31a). Daqui em diante, porém, todas as suas perguntas trazem o pronome pessoal interrogativo “Quem”:

Versículo 31b: “Quem será contra nós?”.

Versículo 33: “Quem trará alguma acusação contra os escolhidos de Deus?”.

Versículo 34a: “Quem os condenará?”.

Versículo 35a: “Quem nos separará do amor de Cristo?”.

Paulo não está perguntando: “O que levantará oposição a minha perseverança na vida cristã?”. Está perguntando: “Quem o fará?”.

Por que ele formula as perguntas dessa maneira?

A resposta é que Paulo conhece a identidade desse “quem”. Em seguida, ele menciona quatro dos dardos inflamados mais poderosos que Satanás lança contra os crentes em Cristo a fim de destruir sua capacidade de desfrutar a graça de Deus:

Primeiro dardo inflamado: “Deus é contra você”, Satanás diz. “Ele não é, verdadeiramente, por você. O que o leva a imaginar que ele é por você, tendo em conta as coisas que estão acontecendo em sua vida?”.

Segundo dardo inflamado: “Tenho acusações que trarei contra você por causa de seus pecados”, Satanás declara. “O que você pode dizer em defesa própria? Nada.”

Terceiro dardo inflamado: “Você diz que foi perdoado, mas chegará o dia da

retribuição, o dia de condenação”, Satanás insinua. “Como você se defenderá nesse dia?”.

Quarto dardo inflamado: “Tendo em conta seu histórico de vida, que esperança você tem de perseverar até o fim?”, Satanás pergunta.

Esses quatro dardos inflamados atingem seus alvos na mente e na consciência de muitos cristãos. As perguntas e acusações aparecem de modo espontâneo; tornam-se parte de nosso modo de pensar e, vindas de sabe-se lá onde, assumem o primeiro plano de nossa mente. Muitos cristãos podem falar da inquietação que elas produzem no coração. De repente, nossos pensamentos ardem com medos e dúvidas; perdemos a paz, a alegria, a segurança. Não vemos, não sentimos, nem ouvimos a palavra forte do evangelho, segundo a qual nada em toda a criação jamais pode nos separar do amor de Deus em Jesus Cristo.

O que devemos fazer, portanto, quando Satanás lança seus dardos contra nós?

Ouçá Paulo no confronto com seu inimigo. Será que ele também tinha sido ferido por esses quatro dardos, talvez em mais de uma ocasião, quando Satanás procurou destruir sua fé? Sem dúvida, pois havia muita coisa no passado de Paulo para alimentar a culpa e o medo.

Quem será contra nós?

Deus prometeu fazer todas as coisas cooperarem para o bem de seu povo. Se Deus é por nós, segue-se que, em última análise, nada pode ser contra nós. É lógico. De outro modo, Deus não seria Deus. Se fosse possível algo se levantar contra Deus e vencê-lo, essa outra coisa seria Deus. Ficaria evidente que Deus é um deus falso — que não é, de maneira nenhuma, Deus. Contudo, pelo contrário, Paulo diz que, em última análise, nada pode ser contra nós se Deus é por nós.

Isso levanta, porém, a grande pergunta: “Deus é por mim?”. Talvez seja ainda mais incisiva a pergunta pessoal: “Como sei que Deus é por mim?”.

Você sabe disso? Como sabe?

Satanás é bastante insistente a esse respeito; aliás, ele insiste nessa pergunta desde o princípio. Ele a fez no jardim do Éden. As primeiras palavras registradas de Satanás são um ataque ao caráter gracioso de Deus (será que nunca vamos aprender o quanto o Inimigo odeia Deus e seu povo?): “Deus os colocou nesse profuso jardim e os proibiu de comer de todas as árvores? Que tipo de Deus faz uma coisa dessas? Você acredita mesmo que ele é por você, se ele age desse modo?” (veja Gn 3.1).

Você observará essa insinuação ser repetida de formas e com aparências variadas ao longo de toda a sua vida cristã. É preciso ter respostas bíblicas para as seguintes perguntas:

Como saber que Deus é, verdadeiramente, por você?

Onde buscar provas de que Deus é por você? Na ideia de uma vida cristã de felicidade ininterrupta? Na ideia de uma vida cristã de alegria extática?

Há somente uma resposta irrefutável para essas perguntas. Ela não se encontra em nossas circunstâncias. Encontra-se exclusivamente na providência que Deus tomou em nosso favor em Jesus Cristo.

Esse é o propósito maior da pergunta de Paulo no versículo 32. Podemos ter certeza de que Deus é por nós porque esse Deus, o Deus da Bíblia, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, não poupou o próprio Filho, mas o entregou para morrer na cruz por todos nós.

De acordo com Paulo, se isso é verdade, podemos ter certeza de que ele nos dará tudo de que precisamos.

Essa é a única maneira garantida de sabermos que Deus é por nós.

Em várias ocasiões, as páginas finais dos registros dos Evangelhos nos dizem que o Senhor Jesus foi “entregue” (e.g., Mt 26.15; 27.2,18,26). Foi entregue de uma pessoa ou grupo para outro até ser entregue a Pilatos para ser crucificado

como criminoso.

Paulo entendeu, contudo, que por trás de todo ato humano de “entregar” Jesus estava o propósito do Pai celestial. Ele “entregou” (o mesmo verbo) o próprio Filho para levar sobre si a condenação devida aos pecadores.

Esse é o cerne do plano de Deus e da maravilha do evangelho. O mais excelente de todos os seres humanos morre como se fosse o pior dos criminosos. Não é apenas uma questão de perversidade humana que destrói um homem bom. É o centro do propósito de Deus, como Isaías profetizou muito antes (Is 53.4-6,10).

Por trás do ato de entregar Jesus — efetuado por Judas Iscariotes, por Herodes, pelos sacerdotes, por Pôncio Pilatos — estavam os propósitos de seu Pai celestial, que o entregou na cruz para morrer no lugar de pecadores. Ele levou sobre si o julgamento e a ira de Deus contra nosso pecado.

Que amor inexprimível.

Uma séria implicação

Paulo insiste com os cristãos para que aprendam a pensar claramente, a chegar a deduções lógicas com base no evangelho. Portanto, destaca nessa passagem uma séria implicação prática da cruz. Deus pode apontar para a cruz e dizer:

“Vê o quanto eu amo você?”.

“Eu estava preparado para sofrer meu julgamento contra o pecado na pessoa de meu Filho”.

“Se estava preparado para fazer isso por você, não reterei nada para seu bem”.

Você só entenderá o coração de Deus quando entender essa verdade.

Se queremos entender Deus e ouvir o coração dele pulsar por nós, precisamos nos conscientizar de que seu Filho morreu na cruz por nós. É como se Deus dissesse: “Se você deseja me conhecer e entender meu compromisso de salvá-lo e abençoá-lo, se deseja ter certeza dos privilégios que são seus e da segurança que lhe provejo, não deve olhar primeiro para as circunstâncias de sua vida e concluir: ‘As coisas estão indo bem para mim; Deus deve me amar’. Não. Precisa olhar para a cruz e dizer: ‘Meu Deus se dispôs a entregar seu Filho por mim. Por isso sei que ele me ama’”.

A única maneira de verdadeiramente sentir a segurança do amor de Deus é começar a entender o significado interior da morte de Jesus na cruz. Em vez de Deus entregar você ao julgamento divino contra seu pecado, ele levou sobre si mesmo esse julgamento (se podemos expressar isso de modo reverente) na perda do próprio Filho.

Paulo diz que estava preparado para “[considerar] todas as coisas como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fp 3.8). Também podemos dizer que o Pai celestial estava preparado para considerar todas as coisas como perda. Estava preparado para considerar seu Filho como perda a fim de que pudéssemos conhecer seu amor e sua graça para conosco.

Quando este dardo inflamado vem na direção de Paulo — “Como você sabe, verdadeiramente, que Deus o ama?” — sua resposta não é: “Mereço ser amado”. Também não é: “Evidentemente, Deus me ama, pois as coisas estão indo muito bem em minha vida”. Pelo contrário, ele sabe que não merece ser amado. E, por vezes, escreve como se tudo estivesse contra ele (Rm 8.35; 1Co 4.10-13; 2Co 4.8-12; 2Co 11.23-28). Não, Paulo sabe que Deus entregou seu Filho por ele (Gl 2.20). E, se Deus entregou seu Filho por ele, nada o impedirá de conduzir Paulo à glória eterna.

“Quem será contra nós?” Ninguém, nem mesmo Satanás. Nenhuma oposição pode resistir ao amor e aos propósitos de Deus para nós.

Quem trará alguma acusação?

Se o escudo contra o primeiro dardo inflamado de Satanás é a dádiva por Deus

de seu Filho, qual é nossa defesa contra as acusações que parecem corresponder à culpa que sentimos?

Satanás é chamado especificamente “acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10). Quando ele emprega esse dardo, acusa os cristãos de culpa e pecado e afirma que essas duas coisas podem condená-los na presença de Deus.

Zacarias nos dá uma ilustração vívida dessa ideia. Ele vê Josué, o sumo sacerdote, diante de Deus. Suas roupas estão imundas. A imundície representa sua “iniquidade” (Zc 3.4). Ao lado dele está Satanás (v. 1), que o acusa: “Olhe para ele. Olhe para Josué, coberto pela imundície de seu pecado. Não é digno de estar na presença de Deus”.

Satanás é tão sutil que usa até mesmo a lei santa de Deus para nos acusar de pecado. Incita o pecado restante em nosso coração e, então, quando tomamos consciência de sua presença, começa a nos acusar implacavelmente.

Traz a nossa mente tentações repentinas, talvez pensamentos repugnantes e, por vezes, até blasfemos. Não faltam a Satanás motivos para nos acusar. “Essas coisas não têm lugar na mente de alguém que crê em Cristo”, ele grita para nós. “Como você pode pertencer a Cristo?”

A obra-prima de John Bunyan, O peregrino, apresenta essa situação de forma nítida: “Não posso deixar passar algo. Observei como o pobre Cristão estava tão confuso que não reconhecia a própria voz”.

O que significa “não reconhecia a própria voz”? Bunyan explica:

E assim o percebi [o que ele viu] quando ele estava passando pela boca da cova ardente. [Agora vem o dardo inflamado] Um dos perversos veio por trás dele e, aproximando-se sorrateiramente, aos sussurros insinuou-lhe muitas blasfêmias terríveis que ele imaginou terem vindo de sua mente. Isso perturbou Cristão mais que tudo com que havia deparado antes, de pensar que blasfemaria contra aquele que ele tanto havia amado antes; mas, se pudesse, ele o teria evitado. Contudo, não teve a sensatez de tapar os ouvidos nem de identificar de onde vinham essas blasfêmias.¹

Blasfêmias? Na mente de um cristão? Sim. Aliás, a descrição na alegoria de Bunyan é paralela a seu testemunho pessoal em sua autobiografia Graça abundante ao principal dos pecadores. Durante um ano inteiro, enquanto ele ouvia o evangelho, sua mente era tomada de blasfêmias.² Sim, blasfêmias. É a esse ponto que Satanás chega.

Charles H. Spurgeon, grande pregador batista do século 19, teve uma experiência semelhante, embora nunca tivesse ouvido alguém blasfemar contra Cristo.

Se você vivenciou algo desse tipo, não está sozinho. Aliás, muitos cristãos são oprimidos por Satanás dessa forma e paralisados espiritualmente porque imaginam que nenhum outro cristão passou por isso. Temem que, na verdade, não sejam cristãos e afundam em desespero.

De onde vem essa ideia? Vem das profundezas do inferno. O pobre Peregrino de Bunyan não sabia das artimanhas e dos dardos de Satanás. Imaginou que tudo viesse de si mesmo e, portanto, que era impossível ele ser cristão.

Muitos crentes em Cristo que tiveram essa experiência não fazem ideia de onde ela vem. Chegam à mesma conclusão que o Peregrino: “Se há tanta blasfêmia contra Jesus Cristo em minha mente, deve ser porque fui condenado ao inferno”.

O Peregrino não conseguiu discernir entre impressões em sua mente vindas de influências espirituais exteriores e o desejo permanente do novo coração que lhe foi dado para viver por Jesus Cristo e amá-lo. A verdade, porém, era que “um dos perversos veio por trás dele e, se aproximando sorrateiramente, aos sussurros insinuou-lhe muitas blasfêmias terríveis que ele imaginou terem vindo de sua mente”.³

Defesa confiável

O que você fará se algo dessa espécie acontecer? Para onde irá? Para quem poderá se voltar? De que você se valerá?

Será que pode recorrer ao fato de que é um cristão maduro ou à qualidade de seu

serviço cristão? Pode se valer de sua condição espiritual e dizer: “Sei que costumo ser melhor que isso”? Essas não são defesas garantidas contra esse dardo inflamado do Diabo.

Neste caso, como em outros, podemos aprender ao nos assentarmos aos pés dos mestres da vida espiritual. Martinho Lutero, que tinha experiência com esses ataques, enfatizou a necessidade de entender que o evangelho que nos salva é exterior a nós. Não somos justificados aos olhos de Deus por regeneração nem por santificação. O fato de que nascemos de novo não nos justifica. Dá-nos um novo coração, mas, de si mesmo, não fornece o perdão de pecados. Não, o evangelho que nos salva é inteiramente exterior a nós. É Jesus Cristo — encarnado, crucificado por nossos pecados, ressuscitado para nossa justificação — que nos salva.

A expiação por meio da qual temos com Deus um relacionamento de retidão e justificação para sempre não é uma mudança em nosso coração, nem é um novo sentimento. A justificação pode nos levar a ter vários tipos de sentimentos, mas ela se fundamenta naquilo que Deus fez por nós em Jesus.

John Newton, talvez o pastor mais sábio da Inglaterra no século 18, entendia bem essa experiência aflitiva. Escreveu sobre estar “encurvado sob um peso de pecado, intensamente assediado por Satanás”. Em seguida, contou o que fazia nessas circunstâncias opressivas: “[Posso] enfrentar meu acusador feroz e lhe dizer...”.

Permita-me fazer uma pausa e perguntar: O que você diria ao acusador? “Sou um cristão melhor que a média” ou “Tomei a decisão de seguir a Cristo vinte anos atrás”. Essas são defesas insignificantes contra os dardos inflamados do Diabo. Ele pode penetrar essa armadura inadequada com facilidade.

Então, o que você deve dizer? Eis o conselho de Newton:

*Sê, tu, meu escudo e esconderijo,
para que protegido junto a ti,
possa enfrentar meu acusador feroz*

*e lhe dizer que tu morreste.*⁴

Satanás não tem nenhuma arma capaz de penetrar essa “couraça da justiça”. Quando você lhe disser que Cristo morreu por você e levou sobre si o julgamento de Deus contra seu pecado, ele será derrotado. Mesmo que ele coloque em sua mente pensamentos que você odeia, mas dos quais não consegue se desvencilhar, suas acusações sinistras não terão poder para desfigurar a expiação de seu pecado feita por Jesus Cristo.

Sua salvação não se fundamenta naquilo que você fez, mas naquilo que Cristo fez. Portanto, você pode ter certeza dela, não importa quão fraca seja a fé com a qual você se apegue a Cristo, nem quão fortes sejam os ataques e as acusações de Satanás.

Salvos por Cristo por meio da fé

Lembre-se de que você não foi salvo por níveis mais elevados de santidade, por mais desejável que seja alcançá-los. Embora costumemos dizer que somos “salvos pela fé” ou pela “fé em Cristo”, como Benjamin B. Warfield comenta habilmente, não é nem mesmo a fé em Cristo que nos salva. É Cristo quem nos salva — por meio da fé.⁵ Sua fé é algo pobre e precário, como é seu serviço espiritual. Somente Jesus Cristo é qualificado e capaz de salvá-lo em virtude daquilo que ele fez. Apegue-se a qualquer outra coisa e estará confiando em restos de um naufrágio em um mar bravio. Acabará afundando nas ondas. Se sofrer qualquer coisa semelhante ao ataque satânico que o Cristão de Bunyan sofreu, estará perdido. Apegue-se, porém, a Cristo Jesus e à justiça dele, e nada poderá afundá-lo.

Quando você entende isso, começa a perceber por que e como pode viver diante de ataques demoníacos como esses. Você não precisa depender de seus recursos, nem de suas qualidades espirituais. Pode descansar exclusivamente naquilo que Jesus Cristo fez em seu favor. Afinal, o que ele fez por você é absolutamente perfeito.

Aquilo que Cristo está fazendo em você ainda não foi concluído. Mas, naquilo que Jesus Cristo fez por você não há nem sequer uma brecha minúscula pela qual as flechas satânicas possam penetrar. Jesus Cristo é seu escudo. Você pode dizer com Davi: “O Senhor é [...] meu libertador, meu Deus, [...] em quem confio; o meu escudo e a força de minha salvação, meu baluarte. Invocarei o Senhor, que é digno de louvor, e serei salvo de meus inimigos” (Sl 18.2,3).

Como o pastor Sibomana nos ensina a cantar: “Ele é meu escudo e broquel”.

Eis nosso refúgio: em Cristo somos justos diante de Deus como Jesus Cristo é justo, pois a única justiça que temos diante de Deus é a justiça de Jesus Cristo, à qual não acrescentamos nenhuma contribuição.

A fé não contribui em nada com essa justiça. Os anos que talvez tenhamos vivido como cristãos não contribuem em nada com essa justiça. Em contrapartida, nossos pecados não reduzem essa justiça.

Essa não é uma declaração perigosa? Seria, caso a distorcêssemos. A verdade, contudo, é que nenhum outro tipo de justiça pode nos justificar.

Mas, uma vez que essa é a justiça pela qual somos justificados, Paulo pode dizer: “Quem trará alguma acusação contra os escolhidos de Deus?” (v. 33).

A resposta, evidentemente, é ninguém, nem mesmo (e, especialmente não) o Maligno.

Quem nos condenará?

O terceiro dardo inflamado de Satanás é sua insinuação de que, apesar de termos recebido o perdão como cristãos, ainda enfrentaremos condenação algum dia. Como devemos nos defender dessa flecha incandescente?

Qual é a diferença entre acusação e condenação? A condenação ocorre quando uma acusação contra alguém se mostra devidamente fundamentada. Como vimos, Satanás acusa os crentes constantemente. Embora não tenha nenhum poder para condená-los — “Não há nenhuma condenação para os que estão em

Cristo Jesus” (Rm 8.1) — seu objetivo é fazer com que se sintam condenados.

Se Satanás me acusar e eu responder: “Você está certo. Olho dentro de meu coração e vejo minha pecaminosidade. Não tenho lugar na presença de Deus”, as palavras de condenação do Inimigo me vencerão, e não serei capaz de desfrutar a graça de Deus.

A verdade é que, de mim mesmo, estou condenado porque continuo a ser pecador. Por isso, por vezes, damos ouvidos equivocadamente a Satanás e somos tentados a crer nele em vez de crer em Deus. Cometemos o erro de dar ouvidos a suas acusações baseadas em nossa contínua pecaminosidade. Perdemos de vista a justiça de Cristo. Quando somos acusados e nos esquecemos de que nossa única justiça está em Cristo, sentimo-nos condenados.

Por isso é tão importante ter como apoio para nossa mente e nosso coração o evangelho exterior a nós, a justiça que está em Cristo e que vem a ser nossa por meio da fé nele.

Paulo pergunta: “Quem os condenará?” (v. 34a). Satanás certamente procura condenar. Mas Paulo responde: “Foi Cristo Jesus que morreu, e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós” (v. 34b).

Pense em Simão Pedro. Ele pecou. Negou seu Senhor. Isolado de Jesus e dos discípulos, deve ter ansiado por um esconderijo. Que dardos inflamados devem ter penetrado sua consciência naquela noite escura em Jerusalém. Que pensamentos de autocondenação devem ter inundado sua mente: “Não tive coragem de defender meu Senhor, e agora ele vai ser crucificado. Não há nada que eu possa fazer. Não há volta para mim. Minha situação não tem remédio. Estou perdido”.

Essa é uma experiência desoladora. Às vezes, porém, os verdadeiros crentes em Cristo dizem coisas desse tipo.

Para onde você olhará quando sua situação for irreversível? A resposta de Paulo é exatamente a mesma de Pedro: “Para Cristo Jesus que morreu, foi ressuscitado, está à direita de Deus e intercede por mim”.

Logo depois que Pedro negou seu Senhor pela terceira vez, Jesus se voltou, olhou para ele e “Pedro se lembrou da palavra do Senhor” (Lc 22.61). Será que se recordou desta palavra: “Simão, Simão! Satanás vos pediu para peneirá-los

como trigo. Mas orei por ti, para que tua fé não desfaleça; e, quando voltares para mim, fortalece teus irmãos” (Lc 22.31,32)?

O sacrifício de Cristo por nossos pecados foi consumado em sua morte na cruz. Seu ministério, contudo, não terminou ali, nem quando ele se levantou da sepultura, e nem mesmo quando ele subiu para a destra do Pai. Não, o ministério de Jesus continua até agora. Ele está presente com seu Pai para nosso bem. Está intercedendo por nós.

Que alívio saber disso quando você transforma sua vida em caos, quando sente as acusações de Satanás e se condena. Você tem vergonha de entrar na presença de Deus. Vai à igreja, olha em volta e se considera hipócrita. Você se sente um fracasso — de fato, você fracassou. Nessas horas, lembre-se de que Jesus está à direita do Pai. Lembre-se de que ele está lá para seu bem. Ele morreu por você uma vez; ele intercede por você para sempre.

Perante o trono lá dos céus,

com ousadia posso entrar.

O Sumo Sacerdote e Deus

sempre intercede por me amar.

Meu nome, escrito em suas mãos,

gravado está em seu coração.

Bem sei que, enquanto suplicar,

ao trono posso me chegar.

Quando o Inimigo quer vencer,

de toda culpa me acusar,

eu ergo o olhar e posso ver

a quem levou o meu pecar.

Porque morreu o santo Rei,

pra sempre, livre, viverei.

Tenho o perdão do justo Deus,

mediante Cristo, que morreu.⁶

Quando você for derrubado pelos dardos de condenação de Satanás, nunca esqueça: Deus o vê como seu filho porque olha para você pela lente do Filho — o Filho dele! — que intercede por você.

Quem nos separará?

O quarto dardo de Satanás motiva a última pergunta de Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (v. 35). Sim, há oposição, mas ela não prevalecerá. Sim, há acusação, mas esta não trará condenação.

Ainda existe, contudo, a possibilidade de separação?

Nas respostas de Paulo às outras perguntas, na verdade ele está dizendo: “Amigos cristãos, façamos uma pausa e analisemos essas questões”.

Aqui, porém, Paulo não oferece nenhum argumento. Ele já forneceu razão, lógica e tratamento suficientes. Não precisa de mais argumentos. Apenas apresenta a pergunta e, como réplica, faz outras perguntas para mostrar que há somente uma resposta concebível. Ao esquadrihar o Universo em busca de possíveis pressões, oposições e até mesmo catástrofes, ele simplesmente indaga: “Acaso isto, isto, ou isto, ou isto poderá, algum dia, nos separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor?”.

A resposta de Paulo nos leva de volta ao início da passagem e mostra o propósito

de Deus para nós em Cristo e a certeza absoluta de seu cumprimento: “E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou” (v. 30).

Deus não será frustrado em seu objetivo de nos conformar à semelhança de seu Filho, para que ele seja o Primogênito entre muitos irmãos. Um dia, compareceremos diante dele e lhe diremos: “Pai, qual foi o significado daquela escuridão? Qual foi o significado daquela pressão? Qual foi o significado daquelas experiências que quase me destruíram?”. Como resposta, ele nos mostrará, talvez de modo surpreendentemente detalhado, que foram os instrumentos usados por ele para nos moldar e nos preparar para a glória do céu. Além disso, veremos que em Jesus Cristo estava presente tudo de que necessitávamos para perseverar.

Brasões em nossos escudos

Paulo fala, portanto, de quatro tipos de ataques. Quem é contra nós? Quem nos acusará? Quem pode nos condenar? Quem pode nos separar? Contra cada um dos dardos inflamados do Maligno, o escudo da fé em Cristo — o próprio Cristo — é nossa defesa.

Escudos com frequência têm símbolos, brasões estampados em sua superfície. Que brasão encontramos no escudo da fé?

Olhe mais de perto. No meio você verá uma cruz e, em cada quadrante que ela cria no escudo, um símbolo.

No primeiro, o monte do Calvário, onde Deus proveu que ele é por nós.

No segundo, a justificação dos ímpios, prova de que nenhuma acusação contra nós se sustentará.

No terceiro, a intercessão do Senhor Jesus Cristo, garantia de que jamais seremos condenados.

No quarto, o amor indestrutível de Deus que nos convence de que nada jamais

nos separará de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Quando você creu em Jesus Cristo, não fazia ideia em que estava se metendo, não é mesmo? Talvez, ao prosseguir em sua jornada cristã, a vida por vezes tenha sido arrasadoramente difícil para você e, portanto, muito do que Paulo diz talvez corresponda a sua experiência. É espantoso imaginar que, mesmo antes de você vivenciar essas coisas, o Senhor proveu todo o necessário para conduzi-lo à glória.

É isso que torna a graça “surpreendente”.

Se é para esse mundo que fomos trazidos, qualquer graça que não seja surpreendente não será suficiente para nos fazer perseverar. A graça de Deus em Cristo Jesus, porém é, sem dúvida, surpreendente e perfeitamente adequada para nossas necessidades. Sua graça nos fará perseverar até o fim.

Talvez você esteja do lado de fora disso tudo. Talvez tema secretamente reconhecer que precisa de um Salvador, que precisa pertencer a Cristo, deixar para trás o pecado, abrir mão do velho modo de vida e sujeitar-se ao senhorio de Cristo.

E, no entanto, apesar de seus temores, você sabe que essa é a verdade. Tentou ignorá-la e negá-la, mas não pode mais fazê-lo. Há uma batalha em andamento em seu coração. Você dará as costas? Ou entrará no reino de Cristo?

Estenda suas mãos com fé para Jesus Cristo e ele o fará entrar. Ele o perdoará. Ele o fará perseverar. E ele o levará para seu lar. Então, você saberá de modo pleno e definitivo que nada jamais poderá separá-lo do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor.

E você começará a cantar:

“Como a graça de Deus me surpreende!”.

¹John Bunyan, *The pilgrim's progress* (publicado originariamente em 1678), edição de Roger Sharrock (Harmondsworth: Penguin, 1965), p. 57 [edição em português: *O peregrino*, tradução de Eduardo Pereira e Ferreira (São Paulo: Mundo Cristão, 1999)].

²John Bunyan, Grace abounding to the chief of sinners, in: G. Offor, org., The works of John Bunyan (Glasgow, 1854), 1:18 [edição em português: Graça abundante ao principal dos pecadores: uma autobiografia (São José dos Campos: Fiel, 2013)].

³John Bunyan, The pilgrim's progress, p. 57.

⁴Do hino Approach, my soul, the mercy seat, de John Newton (1779).

⁵Benjamin B. Warfield, Biblical doctrines (1929; reimpr., Edinburgh: Banner of Truth, 1988), p. 504.

⁶Do hino Before the throne of God above, de Charitie Bancroft (1863), tradução de Fabiano Silveira Medeiros.

capítulo 6

LIBERTOS do mal

*Senhor Jesus, ouve minha súplica,
concede-me tua graça;
quando maus pensamentos brotarem
pela artimanha do Inimigo,
expulsa-os para longe
e a cada dia preserva-me
debaixo de teu poder,
ó Rei de meu coração.*

Há algum livro do Antigo Testamento — aliás, de toda a Bíblia — que analise as estratégias de Satanás em mais detalhes que Jó?

Jó sente a força total dos ardis de Satanás contra ele e sua família. Uma porção de desastres lhe sobrevém. Em seguida, vê-se envolvido em uma série de diálogos com vários amigos que vêm para se solidarizar com ele em seu sofrimento, mas que, aos poucos, começam a criticá-lo. Empregam uma fórmula teológica simples: o sofrimento é resultado específico de pecado. Jó está sofrendo terrivelmente. Portanto, Jó deve ter pecado de algum modo específico.

No entanto, Jó, obstinada e tenazmente, se recusa a aceitar que essa seja a explicação verdadeira. Não cede aos argumentos dos amigos.

Um desses amigos, Bildade, faz um discurso eloquente a respeito de Jó e de sua necessidade; o discurso é registrado em Jó 8. Bildade diz: “Eis que Deus não rejeitará o íntegro, nem sustentará os malfeitores” (Jó 8.20).

A resposta de Jó se encontra nos capítulos 9 e 10. Embora seja longa, vale a pena lê-la devagar, pois ilustra muito bem as estratégias de Satanás e a defesa contra elas.

De dardos a artimanhas

Estamos esboçando as maravilhas da graça de Deus por meio dos temas do hino “Como a graça de Deus me surpreende”, de Emmanuel T. Sibomana.

Observamos anteriormente que uma das características mais incomuns desse hino sobre a graça é que duas das sete estrofes focalizam os poderes do mal e a escuridão sinistra que os cristãos deparam em sua peregrinação. Enquanto a terceira e a quarta estrofes são dedicadas à obra do Senhor Jesus Cristo, a quinta e a sexta estrofes refletem sobre a pessoa e a obra de Satanás.

No capítulo anterior, tratamos dos “dardos de Satanás”. Vimos que o evangelho de Jesus Cristo nos protege dos “dardos inflamados do Maligno” (Ef 6.16), por meio dos quais ele procura distorcer e arruinar nossa alegria cristã.

Satanás não tem poder para destruir completamente um crente em Cristo. No entanto, é capaz de destruir nossa segurança e nossa alegria, nosso prazer no evangelho. Precisamos, portanto, encontrar na graça de Deus uma defesa contra esses dardos inflamados do Maligno.

O versículo seguinte do hino, porém, fala da “artimanha de Satanás”: “Quando maus pensamentos brotarem pela artimanha do Inimigo”.

O que é a “artimanha do Inimigo”?

A “artimanha” de Satanás é sua capacidade de produzir pensamentos obscuros na mente do cristão.

Não me refiro, aqui, ao que a Bíblia considera obras da carne ou concupiscência dos olhos. Sem dúvida, Satanás usa a “porta dos olhos” e a “porta das paixões” para gerar pensamentos maus e enganar os crentes, como fez no caso do pecado de Davi com Bate-Seba. Em última análise, porém, os pensamentos mais sinistros que Satanás insinua em nossa mente não são tentações para pecar, mas suspeitas a respeito de Deus. O objetivo de suas tramas sempre é nos levar a “[trocar] a verdade de Deus pela mentira” (Rm 1.25).

É nesse aspecto que o livro de Jó pode ser bastante proveitoso para nós. A resposta com dois capítulos de extensão que Jó dá a Bildade é, ao mesmo tempo, magnífica e terrível. Em parte, tal resposta profere verdades gloriosas a respeito de Deus, mas também expressa o começo dos pensamentos maus a respeito de Deus que Satanás injetou na mente e no espírito de Jó.

Em um comentário parentético, convém observar que a inspiração e a inerrância das Escrituras não devem nos levar a imaginar que todas as declarações da Bíblia são verdadeiras em um sentido abstrato só porque fazem parte da Palavra de Deus. Como Palavra inerrante de Deus, as Escrituras registram de modo infalível as mentiras, os enganos e as meias verdades proferidas pelas pessoas. Isolar essas declarações e afirmar que devem ser verdadeiras em sentido absoluto porque estão na Bíblia é interpretar equivocadamente as Escrituras e ler a Bíblia de forma incorreta, como se fosse uma coletânea de axiomas isolados. Ela é, na verdade, um registro das interações de Deus com as pessoas em todos os seus pensamentos, palavras e atitudes caídos, distorcidos, confusos e, com frequência, rebeldes a respeito de Deus.

Jó: o drama

O livro de Jó é evidentemente um maravilhoso drama que se passa no antigo Oriente Próximo, provavelmente no tempo dos patriarcas.

É comum falar dos “sofrimentos de Jó”. Logo no início do livro, porém, recebemos a explicação desses sofrimentos. Consequentemente, como muitas vezes é o caso nas Escrituras, o leitor sabe muito mais sobre o que está acontecendo do que as partes envolvidas chegam a descobrir.

Jó sofre intensamente. Três amigos, aos quais se junta um quarto mais adiante, os famosos “consoladores de Jó”, vão visitá-lo. Devemos lhes dar grande crédito por estarem com ele uma semana inteira sem dizer absolutamente nada. Participam de sua perda; estão aturdidos a ponto de permanecer em silêncio nas profundezas de sua aflição.

Aos poucos, abrem um diálogo sobre o significado de seu sofrimento. É nesse ponto que começam a voar faíscas.

Pense no livro de Jó como uma peça de teatro. Antes de a cortina subir, ocorre diante de nós um prólogo duplo. Essas cenas retratam Satanás, o inimigo de Deus e, portanto, do ser humano, entrando na presença de Deus e discutindo se Deus é digno de confiança, amor e obediência pelo simples fato de que ele é Deus. Satanás aponta para a terra e diz a Deus: “Não é possível confiar no Senhor, amá-lo e obedecer-lhe simplesmente em razão de quem o Senhor é. Qualquer um que pareça agir desse modo o faz apenas por interesse naquilo que acredita que o Senhor dará em troca”.

Deus responde: “Vê o meu servo Jó? É um homem que confia em mim, me ama e me obedece. Ele me conhece e entende meu caráter. Faça o que quiser com ele, mas não toque em sua pessoa. Tire dele tudo o que ele tem e, ainda assim, ele confiará em mim” (veja Jó 1.6-12).

Em uma série de tragédias estarrecedoras, Satanás tira quase tudo de Jó. Ele perde seus bens e a maior parte de sua família. E, no entanto, continua a confiar em Deus (veja 1.13-22).

Satanás volta à corte celestial e diz ao Senhor: “Um homem pode perder muitas coisas, mas, desde que tenha saúde e forças, ele se apegará a um fio de esperança e confiará em ti” (veja 2.4,5).

Deus responde: “Creio que minha glória e minha honra serão promovidas na vida desse homem. Você pode fazer o que quiser com ele, exceto tirar-lhe a vida, e ele continuará a confiar em mim” (veja 2.6).

Outra cena preliminar se desenrola diante de nós antes de a cortina subir. Satanás recebe e usa a permissão de fazer o que quiser com a saúde de Jó:

Satanás saiu da presença do

Senhor

e afligiu Jó com feridas terríveis, da sola dos pés até o alto da cabeça. Jó pegou um caco para se raspar, sentado entre as cinzas. Então sua esposa lhe disse: “Tu ainda te apegas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre!”. Mas ele lhe disse: “Tu falas como uma mulher insensata. Aceitaremos de Deus o bem, e não aceitaremos a adversidade?”. Em tudo isso Jó não pecou com os lábios (Jó 2.7-10).

A pergunta central tratada no tribunal do céu é esta: “Jó honrará a Deus e sua glória, confiará nele, lhe servirá por causa de quem ele é? Ou sucumbirá?”.

De modo contrastante, os amigos de Jó veem apenas que ele está sofrendo intensamente. Não sabem que Satanás tem inveja da glória e da honra de Deus. Também não fazem ideia de que, por trás das tragédias da vida de Jó, há um combate de vida ou morte que diz respeito à glória e à honra de Deus, e à confiança absoluta de seu povo nele.

Veem apenas a dor de Jó. Para tentar ajudá-lo, a única coisa que podem fazer é procurar entender o motivo de seu sofrimento.

O restante do drama acompanha, portanto, uma série de diálogos entre três dos amigos e Jó; em seguida, Eliú, mais jovem, entra em cena e conversa com Jó; por fim, o próprio Deus vem ao palco e se dirige pessoalmente a Jó. Perto do fim do drama, graças à revelação que Deus fez de si mesmo, Jó aparece prostrado em adoração diante dele. Quando a cortina finalmente desce, Jó está se deleitando nas riquezas que o Senhor lhe restaurou.

Entendimento limitado

É esperado de nós, leitores de Jó, que, ao refletir sobre esses discursos magníficos, façamos a seguinte pergunta: “Jó descobrirá aquilo que já

sabemos?”.

Sabemos que ele está sofrendo porque Deus glorificará sua honra na vida dele.
Sabemos que está sofrendo porque confia em Deus, e não porque pecou.
Sabemos que está sofrendo porque é vítima do ataque violento de Satanás.

No entanto, Jó sabe apenas que está sofrendo. Não sabe o motivo.

Será que, em algum momento desses discursos e monólogos, Jó penetrará o véu que cobre seu entendimento? Perceberá que está vivenciando, ao mesmo tempo, a atividade mais maligna do Inimigo para destruir sua capacidade de ter prazer em Deus e, também, a graça sustentadora de Deus para suportar uma investida violenta cujo propósito ele não consegue entender? Ou jamais descobrirá?

Essas são as perguntas.

Os capítulos 9 e 10 de Jó trazem palavras angustiantes. Jó está no ápice de tormento. Foi oprimido, e não ajudado, pela seguinte argumentação lógica de seus amigos:

Premissa principal: Todo sofrimento é resultado de pecado e de julgamento sobre ele.

Premissa secundária: Você está sofrendo.

Conclusão: Logo, você pecou.

Isso é o que lógicos chamam silogismo, ou argumento desenvolvido de forma lógica.

Jó argumenta de modo oposto.

Premissa principal: Estou sofrendo.

Premissa secundária: No entanto, não pequei de nenhum modo específico,

como afirmam meus “amigos”.

Conclusão: Logo, a explicação para meu sofrimento não é meu pecado, embora eu não saiba qual é o motivo nem o significado dessa aflição.

Ouçá Jó, ao acompanharmos suas palavras nos capítulos 9 e 10.

Jó 9

No capítulo 9, Jó lida com uma pergunta fundamental:

Nos versículos de 1 a 13, sua indagação é, em essência: “Como posso defender minha causa diante de Deus? Como posso argumentar que sou inocente diante de Deus? Afinal, ele é Deus. Jamais conseguirei defender com sucesso minha causa diante dele”.

Nos versículos de 14 a 20: “Mesmo que eu conseguisse desenvolver uma argumentação, como em um tribunal, como poderia suportar a força do interrogatório de Deus? Seria desmascarado por ele. A lógica divina seria poderosa demais para mim. Não conseguiria suportar a pressão incessante de suas perguntas”.

Nos versículos de 21 a 24: “Que diferença fará qualquer coisa que eu diga?”.

No final do capítulo, ele vai ainda mais longe: “Que diferença fará qualquer coisa?”.

Seu dilema visceral é: “Como tratar dessa questão com Deus? Como exigir dele uma explicação para aquilo que estou vivenciando? Parece absolutamente impossível”.

Ainda assim, Jó diz: “Eu me pronunciaria sem medo se soubesse que alguém tomaria meu partido no tribunal. Na presente conjuntura, porém, não posso fazê-lo. Minha situação não tem saída” (veja 9.35).

Jó 10

E, no entanto, como muitas vezes é o caso em tempos de grande agitação pessoal, Jó faz exatamente aquilo que ele disse que não adiantaria fazer. Tendo perguntado no capítulo 9: “Como posso defender minha causa diante de Deus?”, ele relata o que diria para Deus se pudesse defender sua causa diante dele. Na verdade, portanto, conta para Deus o que está em sua mente (10.3-7).

As palavras que aparecem em seguida estão entre as mais comoventes do livro, senão de todo o Antigo Testamento. Temos aqui um homem que procura ser fiel a Deus quando não consegue entendê-lo e quando seus amigos (e o Inimigo que está por trás deles) transpassam sua alma com a adaga de seu sofrimento e colocam em perigo sua confiança na bondade de Deus.

No capítulo 10, Jó despeja perguntas sobre Deus:

Versículo 3: “O que o Senhor está fazendo comigo? Por que está fazendo isso comigo? É para seu prazer? O Senhor se agrada em me oprimir?”.

Versículo 4: “O Senhor vê apenas com olhos humanos? Tem olhos de carne? Não consegue enxergar dentro de mim e saber o que está acontecendo comigo?”.

Versículos de 5 a 7: “Resta-lhe pouco tempo de vida? É por isso que está me tratando desse modo, como se o Senhor fosse morrer em breve? Seus anos são como os de um homem, para que esquadrinhe meus pensamentos e sonde em busca de meus pecados?”.

Versículos de 8 a 12: “Por quê? Por que esse sofrimento, tendo em conta que o Senhor me deu esses sinais visíveis de sua bondade, gentileza e amor? Por que, por que, por que agora o Senhor esconde de mim seu verdadeiro propósito?”.

Versículos de 13 a 17: “Agora entendo. É isso que o Senhor escondeu em seu coração. O Senhor estava me vigiando para me castigar, esquadrinhando meus pensamentos e sondando meu pecado”.

Por fim, em palavras angustiantes registradas nos versículos de 18 a 22, Jó pergunta ao Deus do Universo, seu Criador, como se não soubesse mais ao certo a quem está se dirigindo: “Por que vim ao mundo? Por que o Senhor me tirou do ventre? Teria sido melhor se eu tivesse ido direto do ventre para a cova. Será que o Senhor não pode me dar alívio de seus ataques incessantes, a fim de que eu tenha apenas um momento de alegria antes de me exaurir completamente e minha vida chegar ao fim? Gostaria de não ter nascido”.

Duas pistas

As aparências podem ser enganosas. Duas pistas, contudo, nos ajudam a entender o que está acontecendo aqui.

A primeira é esta: Jó tem a impressão de que se encontra em total, absoluta e completa escuridão. Não tem para onde ir. Não tem argumentos para apresentar. Não parece haver socorro para ele no céu nem na terra. Tudo parece desanimador. Seu desejo era ter morrido no ventre materno.

A segunda pista é esta: o prólogo do livro nos permite, como espectadores, entender que Jó está errado.

Ao ouvir Jó, percebemos algo que ele ainda não consegue perceber a respeito de si mesmo. Sim, ele está em trevas. A escuridão é tanta para Jó que ele não se dá conta de que ainda é capaz de enxergar.

Mas Jó ainda enxerga.

Para começar, ele faz uma descrição belissimamente poética e profundamente comovente de sua criação:

Tuas mãos me fizeram e me formaram,
uma complexa unidade;
porém agora queres me destruir.
Lembra-te, peço, de que me formaste como barro.
Agora me tornarás pó novamente?
Não me derramaste como leite
e não me coalhaste como queijo?
Não me revestiste de pele e carne,
e me teceste de ossos e tendões?
Tens-me concedido vida e favor
e teu cuidado tem conservado meu espírito (Jó 10.8-12).

Essa é uma fé que se debate, que está agonizando. Ainda assim, é fé real que se pronuncia aqui. Fala com eloquência da maravilha extraordinária da obra das mãos do Criador. Essa é uma meditação profunda e bela sobre a delicadeza, bondade, criatividade e inventividade de Deus. A eloquência de Jó vai muito além do que a maioria de nós jamais conseguiria expressar ao descrever o que Deus fez ao nos criar.

Em certo sentido, Jó enxerga muito bem.

Visão distorcida

Observe, porém, o que ele também diz: “Escondeste no coração teu propósito real”, ou seja, “Deus, tudo isso é apenas fachada. Tudo isso é uma cenoura

pendurada na frente de um burro. Esse não é teu propósito real. Tu demonstraste essa bondade, mas, por trás dela, como agora percebo, há malícia terrível” (cf. 10.13).

O salmo 102 registra uma experiência parecida. O salmista diz, em essência: “Tu me levantaste, mas agora me abateste” (Sl 102.10b).

Deus é uma criança petulante que abre um presente na manhã de Natal e, no meio da tarde, já o quebrou e o deixou de lado?

Aqui, escuridão e luz se mesclam. Jó acredita que está nas mais densas trevas. Ao ouvir as palavras dele, porém, percebemos que não é o caso. Ele vê algo.

A maioria das pessoas mora em centros urbanos e raramente ou nunca experimenta escuridão total. Ela é impossível em uma cidade moderna, a menos que haja um apagão em uma noite completamente nublada. Sempre há luz suficiente para os olhos se adaptarem e entreverem algo na escuridão.

Minha família morava na ilha habitada que fica no mais extremo norte do Reino Unido. Se surgiam nuvens no meio da noite, não havia nenhuma luz residual. Era possível colocar a mão na frente do rosto e não enxergá-la. Isso é escuridão total.

Jó não está nessa espécie de escuridão. Qual é a prova disso? Ele ainda fala com Deus.

Pela graça de Deus, a maioria de nós jamais experimenta trevas como as de Jó. Por vezes, contudo, grande escuridão sobrevém aos filhos de Deus. Isaías fala da possibilidade de filhos da luz caminharem em trevas por um tempo (cf. Is 50.10).

Imagine que você é o pastor de Jó ou, quem sabe, simplesmente um dos amigos dele. A essa altura, sua tarefa seria convencer esse homem que pensa estar em escuridão total de que não é o caso. Você tentaria pegar esses fios de luz presentes no entendimento de seu amigo e colocá-los diante dos olhos dele.

A chave para ajudar Jó seria sentar-se ao lado dele e lhe dizer: “Jó, na verdade você consegue enxergar; suas palavras mostram isso. Consegue enxergar Deus. Consegue enxergar graça. Consegue enxergar sinais do propósito divino. Consegue ver a maravilha, a beleza e a genialidade das obras de suas mãos. Não está em escuridão total. Não está, de maneira nenhuma, em trevas completas”.

Mas como mostrar essa realidade para ele?

Ao fazer duas perguntas.

Primeira pergunta: como Deus é de verdade?

A pergunta sobre a natureza de Deus é fundamental para a vida cristã. Em certo sentido, todos os fracassos da vida cristã têm como origem uma resposta incorreta para essa indagação. A forma de vivermos a vida cristã é sempre expressão daquilo que pensamos a respeito de Deus.

“Como Deus é de verdade?”, é a grande pergunta do livro de Jó.

As palavras de Jó em 10.13 (ESV) são especialmente tocantes: “Contudo, ocultaste estas coisas em teu coração; sei que esse foi teu propósito”.

Elas nos levam a perguntar: “O que Deus escondeu em seu coração?”.

Jó percebe que Deus é magnífica e criativamente soberano. Entende equivocadamente, porém, como Deus usa sua soberania: “Ainda que eu o chamasse, e ele me respondesse, não creia que ele estivesse escutando minha voz” (9.16).

O que levou Jó a uma lógica tão distorcida? Ele está sofrendo. Está clamando a Deus. Contudo, Deus parece não ouvir. Parece indiferente à necessidade de Jó.

O que Jó não sabe é que Satanás é o instrumento e o agente imediato de seu sofrimento. Há em sua mente uma confusão de identidades. Satanás é que não dá alívio nem paz a Jó.

Essa é, exatamente, a “artimanha de Satanás”. Ele procura deturpar nosso conceito de Deus e nosso entendimento de seu caráter bondoso. Consequentemente, nossa disposição para com Deus se torna distorcida. Começamos a pensar em Deus e interagir com ele como se ele tivesse a identidade do Maligno. O plano de Satanás é nos cegar para a graça de Deus e reduzir nossa confiança nele, aniquilando nosso amor por ele e destruindo todos

os prazeres de sua graça.

Ouçá Jó mais uma vez: “Me formaste como barro” (10.9). Agora, porém, ele imagina que Deus o está vigiando: “Se minha cabeça é exaltada, tu me caças como um leão feroz [...] Renovas contra mim tuas testemunhas” (10.16,17).

Percebe como essas asserções são diferentes dos primeiros capítulos de Jó? Deus disse: “Este homem confia em mim. Ele me ama. Posso apostar minha reputação nele”. Deus não está contra Jó; antes, Deus tem confiança na obra que realizou dentro dele. Jó é, por assim dizer, seu melhor aluno; confia em Deus pelo simples fato de que ele é Deus e se mostrou inteiramente digno de confiança.

É essa confiança que Satanás procura destruir.

Para esse fim, Satanás usa uma estratégia abominável. Procura confundir Jó a respeito da identidade daquele que o está atacando. Uma vez que Satanás alcança algum sucesso, Jó começa a fazer asserções comprovadamente falsas a respeito de Deus. Está à beira de “[trocar] a verdade de Deus pela mentira” (Rm 1.25).

Por isso, João Calvino diz: “O objetivo de Satanás é, por meio do desespero, levar o santo à loucura”.¹

É terrível ver cristãos serem levados à beira do desespero por causa dessa confusão de identidades entre Deus e Satanás. O guerreiro feroz que os ataca (como Jó 16.14 o denomina) não é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. É seu inimigo, o Maligno. Felizmente, como Martinho Lutero costumava dizer, “o Diabo é diabo de Deus”; Deus não abdicou seu trono.

Lampejos

Observe que há pequenos lampejos aqui.

Vejas as palavras de Jó 10.16: “Se minha cabeça é exaltada, tu me caças como um leão feroz”.

O que essa imagem traz à memória? Sem dúvida, 1Pedro 5.8,9: “Sede sóbrios, sede vigilantes, pois vosso adversário, o diabo, anda em derredor como leão que ruge procurando alguém para devorar. Resisti-lhe firmes na fé”.

Se fôssemos espectadores de “Jó, o drama” em um teatro, a essa altura nossa vontade seria de jogar um Novo Testamento no palco e gritar: “Jó, você tem razão de imaginar que está sendo devorado por um leão, mas leia 1Pedro 5.8,9, que dá uma pista”. A forma de Jó se referir a Deus aqui é como o Novo Testamento se refere a Satanás. Houve uma confusão de identidades, arquitetada pelo Enganador. Não é de admirar que Jó esteja à beira do desespero.

Mais adiante, Jó volta a expressar essa mesma confusão de identidades: “Eu estava tranquilo, mas ele me arrebentou; pegou-me pelo pescoço e me despedaçou; fez de mim seu alvo, seus flecheiros me cercam. Atravessa meu coração e não me poupa; derrama no chão a minha bÍlis” (Jó 16.12,13).

Coloque-se, mais uma vez, no lugar de espectador que assiste a esse drama em andamento e ouve essa linguagem ser derramada das profundezas da alma de Jó. O que lhe ocorre mais naturalmente? Também neste caso, sua vontade é pegar um Novo Testamento, jogá-lo no palco e gritar: “Jó, leia Efésios 6.10-18. Você não está lutando contra carne e sangue. Deus proveu uma armadura para você usar”.

O pobre Jó é como um homem à procura de uma pista em meio a uma experiência que o enche de perplexidade.

Por um momento, parece que a verdade está quase ao seu alcance. Aquele que o confronta é como leão que procura devorá-lo e, ao mesmo tempo, como inimigo que atira dardos contra ele para destruí-lo. Será que ele é mesmo Deus? Ele seria tão inexorável em suas investidas?

Quando Jó responde a Bildade (Jó 9), clama com palavras que saltam da página. São como um farol no meio da escuridão. Jó apresenta o que imagina que Deus está fazendo com ele. Em seguida, porém, há um rápido lampejo. Jó se pergunta se talvez as coisas não sejam o que parecem. Será que há uma explicação diferente para as provações pelas quais ele está passando? Ele clama: “Se não é ele, quem mais poderia ser?” (v. 24).

Nesse momento, mais que em qualquer outro, se você fosse um espectador desse drama, certamente desejaria gritar a plenos pulmões: “Jó, não é Deus que está

fazendo isso. Ele o ama e apostou a reputação dele em você. Satanás é que está fazendo tudo isso com você, Jó. Você está quase lá. Continue a perguntar: ‘Deus, se não é o Senhor, então quem mais pode ser?’. Quem sabe você chegará à resposta”.

Satanás, porém, continua a exaurir Jó, especialmente por meio de seus amigos.

Embora os discursos dos amigos tragam algumas das considerações teológicas mais sublimes da Bíblia, sua aplicação falsa da verdade ameaça destruir Jó. Com certeza não poderá salvá-lo, nem trazê-lo para a luz.

À medida que Satanás o engana e o desgasta, é como se estivesse dizendo: “Peguei você, Jó! Você está começando a confundir meu caráter com o de Deus. É exatamente o que planejei. Quero levá-lo a odiar a Deus”.

Uma estratégia comprovada

Logo no início da Bíblia, Satanás empregou a mesma estratégia com sucesso contra Eva. Disfarçado de serpente, Satanás disse: “Vocês não percebem que Deus os colocou neste jardim maravilhoso, mas está escondendo a disposição maligna dele em relação a vocês? Acaso ele não disse: ‘Não comam do fruto de nenhuma dessas árvores’?”.

Na verdade, Deus tinha dito: “Tudo isso lhes pertence. É minha dádiva para expressar meu amor por vocês e minha alegria em vocês. Quero que mostrem, porém, que confiam em mim e que esse amor é recíproco. Quero ter com vocês o tipo de relacionamento em que se contentam em ser pessoas, e não Deus. Quero que me obedeçam, não simplesmente por causa daquilo que lhes dei, mas porque confiam que sou um Deus bom e repleto de graça. Portanto, ordeno que não comam do fruto de uma árvore específica, a árvore do conhecimento do bem e do mal. No momento, não explicarei em detalhes o motivo de lhes dar essa ordem. Quero apenas que confiem em mim. Quero que sejam confirmados em seu amor e em sua obediência a mim. Quero que mostrem que vocês creem que sou um Deus bondoso e digno de confiança em todas as coisas”.

Satanás, porém, sussurrou para Eva: “Deus os proibiu de comer todos os frutos

do jardim?”. Eva tentou discutir. Em poucos minutos, porém, como a própria Eva reconheceu, foi enganada (Gn 3.13). Na realidade, Deus tinha dado todos os frutos ao homem e à mulher para o prazer deles, exceto um. Somente a árvore do conhecimento do bem e do mal não estava ao seu alcance.

Por quê? Essa árvore era venenosa? Provavelmente não. É apresentada da mesma forma que todas as outras árvores frutíferas (cf. Gn 3.6 com Gn 2.9). No entanto, Deus havia escolhido essa árvore específica como teste. Amor por ele e confiança nele só poderiam crescer se fossem provados. O teste consistiu em Deus dizer: “Façam o que lhes peço, simplesmente porque sabem que sou eu que lhes peço. Mostrem seu amor por mim ao colocarem minha vontade em primeiro lugar. Desse modo, terão maior entendimento daquilo que é bom”.

No entanto, Eva deu ouvidos à voz errada. Talvez, afinal de contas, Deus estivesse retendo deles alguma coisa boa. “Esse fruto não parece delicioso?”, insinuou a serpente. “Por que Deus lhes negaria algo bom?”. Eva comeu do fruto e, depois, Adão também comeu. O resto da história é conhecido.

Eva foi enganada e creu naquilo que Satanás disse a respeito de Deus, em vez de crer naquilo que Deus revelou sobre si mesmo.

Adão e Eva trocaram a verdade de Deus por uma mentira.

Essa é a explicação definitiva para o medo profundamente arraigado e apenas ligeiramente disfarçado no coração dos incrédulos de que Deus pretende causar-lhes mais mal que bem. Afinal, se você verdadeiramente cresse que o Criador absolutamente bondoso do Universo deseja enriquecer sua vida, você não o buscaria?

Apesar de todas as declarações das pessoas de que creem em um Deus de amor, no fundo, creem no oposto. Temem que Deus destrua sua vida. Não confiam nele; não o amam; não lhe obedecem; não o adoram; não o desejam. Também trocaram a verdade de Deus por uma mentira.

Até os crentes que fizeram algum progresso em sua peregrinação, todavia, são confrontados com a mesma mentira. Ela pode vir à mente em razão de circunstâncias, provações e perplexidades. Aparece por “artimanha de Satanás”. Por que ele aposentaria uma arma que tem usado com tanto sucesso ao longo de milênios?

Se você sabe que Deus é seu Pai afetuoso e se crê que ele é generoso em derramar sua bondade sobre você; se sabe que ele o guardará nesse mundo até que seu trabalho esteja concluído, que nenhum bem lhe faltará e que, no final de sua vida, ele o conduzirá à presença dele para sempre, tudo isso porque o ama, acaso não deve confiar nele em todas as situações?

Satanás odeia nos ver provar as bênçãos de desfrutar Deus, bênçãos que transformam nossa vida. Talvez seja porque ele próprio as perdeu. Por isso trama essa confusão de identidade. Por isso faz de tudo para distorcer nossos pensamentos a respeito de Deus.

Ele sussurra: “Talvez Deus esteja escondendo algo de você. Talvez a Palavra dele não seja verdadeira. Talvez ele deseje arruinar sua vida. Já pensou nisso?”.

Se dermos ouvidos a essas palavras, não deve nos surpreender que a confusão de identidade comece a ocorrer em nossa mente. Em pouco tempo, talvez atribuamos a Deus algumas das características de seu aqui-inimigo, o Diabo. De modo paradoxal, é exatamente isso que Satanás quer.

O cristão enfrenta, portanto, o mesmo conflito que Jó, mesmo que não passe por seus sofrimentos terríveis.

O Senhor é absolutamente bom, verdadeiro, fiel e repleto de graça. Desfrutá-lo, porém, depende em grande medida daquilo que pensamos a seu respeito.

Por isso, enganar-nos a respeito do caráter de Deus é tão importante para a estratégia de Satanás contra nós.

Segunda pergunta: onde posso encontrar ajuda?

Se a primeira pergunta é: “Como Deus é de verdade?”, a segunda pergunta que Jó precisa fazer é: “Onde posso encontrar ajuda?”.

Jó faz outra declaração expressiva a respeito de Deus: “Ele não é homem como eu, para que eu lhe responda, vindo juntamente a juízo. Nem há entre nós um mediador que ponha a mão sobre nós dois” (9.32,33).

Ele diz: “Se ao menos houvesse alguém para ser árbitro entre nós, alguém poderoso como Deus, mas que, ao mesmo tempo, entendesse o que significa ser fraco e humano como eu. Se ao menos houvesse uma pessoa que pudesse colocar uma das mãos sobre o Deus todo-poderoso e a outra sobre mim. Então, de algum modo, poderia nos aproximar um do outro. Se ao menos houvesse alguém assim para servir de árbitro, então, quem sabe...”.

Posteriormente, ele vai ainda mais longe: “Ó terra, não encubras meu sangue, e não haja lugar de repouso para meu clamor! Certamente, agora mesmo, minha testemunha está no céu, e minha prova está nas alturas. Meus amigos zombam de mim; meus olhos derramam lágrimas diante de Deus. Quem dera alguém pudesse defender a causa do homem diante de Deus, como um homem defende a causa de seu próximo” (Jó 16.18-21).

Jó é como um homem que entrou em uma sala escura. Tropeça e estende a mão para agarrar o braço de alguém em busca de segurança. Não consegue, contudo, ver a pessoa em quem se segura. Agarrou o braço de alguém que estava ali o tempo todo. Mas quem é? Será que há, afinal de contas, um Amigo no céu para defender sua causa?

Enquanto Jó dá passos trôpegos no escuro, profere o clamor mais angustiante de todo o drama. Nós, os espectadores, percebemos:

“Se não é ele, quem mais poderia ser?” (Jó 9.24b).

Aqui, Jó quase toca no interruptor de luz da sala escura. A mão obscura em ação em sua vida é quase revelada; é sobrenatural, mas não é a mão de Deus. Se ao menos ele acendesse a luz, veria seu inimigo. Se ao menos tivesse um Mediador, encontraria paz.

É exatamente disso que todos nós precisamos. O valente Jó deparou acidentalmente com a mais importante pista para lançar a âncora de sua alma no meio da tempestade. Sua escuridão é resultado da artimanha de Satanás, dos ataques dele contra o desejo de Jó de glorificar a Deus em todas as coisas. Satanás quer distorcer o caráter de Deus aos olhos de Jó a fim de destruir a confiança e o amor dele pelo grande e glorioso Criador. No entanto, Jó se apegou a um vislumbre de esperança de que alguém — Alguém, sabemos, como o Senhor Jesus Cristo — o socorrerá.

De acordo com o apóstolo João, o Filho de Deus veio ao mundo para destruir as

obras do Diabo (1Jo 3.8). Somente o Deus-Homem poderia colocar uma das mãos sobre Deus e a outra sobre o ser humano e dizer: “Agora estaremos juntos”. A fim de ser nosso Salvador, ele assumiu nossa carne; tornou-se membro de nossa família, experimentou nosso sofrimento e provou a escuridão absoluta, clamando na cruz do Calvário: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). Entrou na escuridão de Jó, lutou contra o inimigo de Jó e confiou no Deus de Jó em trevas impenetráveis. Ele tem todas as qualificações necessárias para ser nosso Salvador.

A única resposta

Jó não desiste enquanto luta com duas perguntas que o confrontam: “Como Deus é de verdade?” e “Onde posso encontrar ajuda?”.

A resposta para as duas perguntas é a mesma.

Mas qual é?

Quando estamos em trevas, de nada adianta fingir que estamos na luz, não é mesmo? Não podemos apontar para algo em nossa vida e dizer: “Essa área está indo bem. Talvez as coisas não estejam tão ruins quanto eu imaginava”. Não. Quando estamos em trevas, essa resposta não oferece nenhum consolo.

Talvez digamos: “Bem, veja as bênçãos que desfrutei em outros tempos”. Essas bênçãos do passado, contudo, podem parecer as bênçãos do passado de Jó. “Sim”, disse ele, “vejo essas bênçãos. Mas será que, por trás delas, Deus estava escondendo um propósito diferente e mais obscuro?”.

No fim das contas, há somente um lugar em que podemos procurar a resposta para essas perguntas: “Deus mostra seu amor por nós no fato de que Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8).

É impossível depender das próprias experiências para provar o amor de Deus. É verdade que elas podem dar provas desse amor. No entanto, quando estamos em trevas, essas mesmas coisas talvez pareçam zombar de nós.

Há um lugar para o qual você pode correr. James Denney, teólogo escocês, disse certa vez que a única coisa que ele invejava nos padres católicos era o fato de poderem segurar um crucifixo diante dos fiéis e dizer: “É desse modo que Deus os ama”.

Não precisamos desse símbolo para proclamar a realidade para nós mesmos. Pois, como Paulo declara em Romanos 8.32, Deus não poupou o próprio Filho, mas o entregou na cruz por todos nós. Não há nenhuma outra evidência ou argumento a serem apresentados em meio às trevas da experiência humana capaz de resistir à lógica poderosa da evidência do Calvário. Se Deus disse: “Amo você a ponto de ter entregado meu Filho em seu lugar”, você pode confiar nele em todas as coisas e para todas as coisas.

*Não preciso de outro argumento,
não preciso de outro apelo,
basta que Jesus tenha morrido,
e que tenha morrido por mim.²*

Em algum momento, todos nós deparamos com essas duas perguntas fundamentais. Elas não são, de maneira nenhuma, triviais. São as perguntas mais importantes do mundo: “Quem é Deus de verdade?” e “Onde posso encontrar ajuda?”.

A resposta para ambas é uma só palavra: Jesus.

Se você está em trevas, dentro ou fora do reino de Cristo, deve ir antes de tudo até o Salvador Jesus Cristo, que morreu por nós na cruz.

Confie nele. Ele frustra as artimanhas de Satanás.

¹John Calvin, Institutes of the Christian religion, tradução de Henry Beveridge (Peabody: Hendrickson, 2008), p. 136 [edições em português: João Calvino, As

institutas, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols., e A instituição da religião cristã, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008)].

²Do hino My faith has found a resting place, de Lidie H. Edmunds (1891).

capítulo 7

verdadeira liberdade

*Venha agora todo o meu ser,
olhos, ouvidos e voz.
Acompanhe-me toda a criação,
com gritos de alegria:
louve aquele que me livrou
do domínio do pecado
e me libertou!
Cante e regozije-se!*

Começamos nossa investigação da graça de Deus ao observar que muitos hinos cristãos se referem a ela como “surpreendente” ou “maravilhosa”. E, no entanto, muitas vezes não parecemos muito surpresos com a graça.

Infelizmente, é possível não se maravilhar com a graça de Deus, vê-la como algo comum, como se fosse nossa por direito ou, pior, por mérito. Com isso, desgraçamos a graça de Deus, e a melodia da vida cristã se perde.

O hino de Emmanuel T. Sibomana, “Como a graça de Deus me surpreende”, mostra como voltar a nos surpreender com a graça de Deus. A última estrofe retorna ao tema com que o hino começou. Por que a graça é tão surpreendente? Porque a graça nos liberta.

Voltamos a esse tema, contudo, em um nível diferente. Somos incentivados a louvar:

... aquele que me livrou

do domínio do pecado

e me libertou!

Cante e regozije-se!

Paulo desenvolve esse tema de modo detalhado em Romanos 6, um dos capítulos mais importantes do Novo Testamento. É essencial ter conhecimento prático desse texto.

A Carta aos Romanos foi escrita para cristãos que, em sua maioria, não conheciam Paulo. Nela, o apóstolo explica o que chama “meu evangelho” (Rm 2.16; 16.25). Pressupõe que devam ter conhecimento de várias das coisas que ele quer lhes dizer. No capítulo 6, recorre à importância do batismo deles para ajudá-los a entender que morreram para a antiga vida e foram ressuscitados para uma nova vida. Destaca que, agora, estamos “libertos do pecado” (6.18).

Paulo considera esse ensinamento fundamental para a vida cristã.

Por vezes, imaginamos que nossa maior necessidade é caminhar em direção ao ensino mais “elevado” ou “profundo” do evangelho. Na verdade, porém, nossa real necessidade é ter uma compreensão mais profunda e firme das verdades principais do evangelho. Fraqueza nesses pontos costuma produzir fraqueza em outras áreas. Paulo vê a necessidade de pensarmos com calma e atenção no que significa ser cristão e, especialmente, no que significa estar unidos a Cristo. Sem dúvida é o caso em Romanos 6. Seu ensino é fundamental para a vida cristã e, ao mesmo tempo, exige esforço da mente do cristão.

Paulo faz uma pergunta básica: “Você verdadeiramente compreende como a graça de Deus funciona?”.

Libertos do domínio do pecado, vivendo em sua presença

Para nos situarmos, pode ser proveitoso apresentarmos seu ensinamento de forma resumida antes de considerarmos os detalhes.

O cristão já foi liberto do domínio do pecado.

No entanto, o cristão ainda não está livre da presença do pecado.

Logo, o cristão precisa resistir ao pecado, pois não é mais seu servo.

O domínio, ou reino, do pecado foi quebrado por nossa união com Cristo. Em Cristo, não somos mais as pessoas de outrora; pertencemos à nova criação; as coisas velhas passaram e surgiram as novas (2Co 5.17).

Morremos para o pecado; não podemos mais viver nele.

Esse princípio é tão importante que um dos maiores teólogos puritanos, John Owen, o considerava essencial para todo aconselhamento pastoral:

Por isso, há duas coisas problemáticas e difíceis nesse caso:

1. Convencer aqueles sobre os quais o pecado evidentemente exerce domínio que esse é, verdadeiramente, seu estado e sua condição [...]
2. Deixar claro para alguns que o pecado não exerce mais domínio sobre eles, não obstante a inexorável e inquietante ação do pecado em seu interior e a guerra dele contra sua alma; e, no entanto, a menos que o façamos, é impossível desfrutarem paz e consolo nesta vida.¹

Em Adão e em Cristo

As palavras de Paulo em Romanos 6.1-14 não surgem em um vácuo. São inteiramente relacionadas a sua argumentação na seção anterior, Romanos 5.12-21. Nessa passagem, Paulo descreve os efeitos do pecado de Adão e seu impacto sobre toda a humanidade.

Como primeiro homem, Adão é o representante de toda a raça humana diante de Deus. Sua queda trouxe complicações para toda a humanidade. Nesse sentido, todos nós participamos do pecado de Adão. Todos nós pecamos e todos nós morremos em Adão (5.12-14).

O evangelho, porém, traz boas-novas. Deus enviou um segundo Adão, Jesus Cristo (estritamente falando, “o Último Adão”; 1Co 15.45). Ele também representa toda a humanidade ao desfazer aquilo que Adão fez e ao fazer aquilo que Adão não fez.

Oh, terna sabedoria de nosso Deus!

Quando tudo era pecado e vergonha,

veio o Segundo Adão,

para lutar e nos salvar.

Oh, mais sábio amor! Carne e sangue

que em Adão falharam,

contendem outra vez com o inimigo,

contendem e prevalecem.²

Paulo argumenta, portanto, que, assim como a desobediência de um só homem, Adão, transformou muitos em pecadores, também pela obediência de Cristo, o novo Adão, muitos serão tornados justos. Consequentemente, onde se ressaltou o pecado no mundo, a graça agora fica ainda mais evidente (Rm 5.20b).

Nas palavras de Isaac Watts,

Nele as tribos de Adão desfrutam

*mais bênçãos do que seu antepassado perdeu.*³

Paulo sabia que, diante desse ensinamento, alguns diriam: “Sua afirmação de que mais pecado produz mais graça deixa implícito que, quanto mais pecarmos, mais Deus manifestará sua graça. Se é o caso, de acordo com a lógica de seu ensinamento, podemos pecar o quanto desejarmos para que a graça fique ainda mais evidente”.

Será que essa é a implicação lógica do ensinamento de Paulo? “Continuaremos em pecado para que a graça aumente?” (Rm 6.1). Paulo responde que a lógica da graça é exatamente o oposto: em vez de “mais pecado leva a mais graça, portanto podemos continuar a pecar”, a verdade é que “mais graça leva a menos pecado, portanto a graça nos liberta do pecado”.

Essa verdade se torna a plataforma sobre a qual Paulo constrói seu ensinamento em Romanos 6. Tornar-se cristão implica nada menos que uma libertação radical do domínio do pecado.

Como Paulo prova esse fato? Uma forma proveitosa de traçar nosso curso até a resposta é fazer quatro perguntas básicas a respeito de seu ensino.

Primeira pergunta: por quê?

Pergunta: Por que o cristão não continua a pecar?

Resposta: Porque o cristão morreu para o pecado e, portanto, não pode mais viver nele.

Paulo responde em dois níveis à proposta de que continuemos a pecar para que a graça fique ainda mais evidente. Primeiro, ele apresenta a “reação visceral”. Responde de acordo com o instinto cristão. Em seguida, fornece uma resposta teológica de acordo com o entendimento e o raciocínio cristãos.

O cristão em crescimento interage com todas as coisas dessa forma dupla. Por um lado, desenvolvemos instintos cristãos, como um atleta desenvolve “memória muscular”. Reações norteadas pelas Escrituras se tornam habituais para nós. Além disso, desenvolvemos uma mente cristã consciente das motivações que impelem os instintos piedosos e a ligação entre verdade do evangelho e vida conforme o evangelho.

A resposta inicial de Paulo à pergunta é: “De modo nenhum!” (Rm 6.2a), ou, mais vividamente na versão King James: “Deus nos livre!”. “Continuaremos a pecar para que a graça fique mais evidente?”. “Não!”, diz ele. “Deus nos livre!”

Essa é a resposta instintiva. Paulo não precisa parar, procurar versículos na Bíblia e, então, refletir sobre a questão. Ele sabe instintivamente que essa pergunta deve ser baseada em uma premissa falsa. É evidente que qualquer coisa contrária ao caráter sagrado de Deus e ao estilo de vida santo não pode ser coerente com o evangelho.

No entanto, Paulo também responde de modo criterioso em relação à mente cristã. Ele segue o próprio princípio: “Quanto ao mal, sejam como crianças, mas, quanto ao modo de pensar, sejam maduros” (1Co 14.20, ESV). Por isso a explicação começa com a expressão característica “Não sabeis...?” (Rm 6.3). A transformação de nossa vida ocorre pela renovação da mente: pensar de modo correto a respeito da verdade do evangelho nos motiva a viver de modo correto no poder do evangelho (Rm 12.1,2).

A lógica da graça

Por que, então, maior graça não justifica maior pecado? É simples: a natureza e a lógica da graça o proíbem: “Nós, que morremos para o pecado, como ainda viveremos nele? Não sabeis que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados em sua morte?” (Rm 6.2b,3).

O batismo é uma cerimônia de nomeação. Somos batizados em nome de Cristo (Mt 28.18-20). Somos transferidos simbolicamente de uma ligação familiar para outra, da família de Adão para a família de Jesus Cristo. Não temos a mesma identidade de outrora.

O batismo também sinaliza como essa transferência ocorre: por nossa união com Cristo em sua morte para o pecado e sua ressurreição para a nova vida. As implicações são profundas: se morremos para o pecado e fomos ressuscitados para a nova vida em Cristo, segue-se que não podemos mais viver para o pecado para o qual morremos.

Qual é a lógica?

Cristo Jesus morreu e foi ressuscitado.

A morte de Cristo foi uma morte para o pecado e sua ressurreição foi uma ressurreição para novidade de vida (Rm 6.10).

Somos batizados em Cristo Jesus.

Ao sermos batizados em Cristo, somos batizados em sua morte para o pecado e em sua ressurreição para a novidade de vida.

Portanto:

Ao sermos batizados na união com Cristo, fomos batizados em sua morte para o pecado e em sua vida para Deus.

Diante disso, tendo sido batizados nele em sua morte para o pecado e ressuscitados em sua nova vida, não podemos mais viver para o pecado.

Na realidade, as palavras de Paulo são cuidadosamente pormenorizadas. Suas palavras: “Nós, que morremos para o pecado, como ainda viveremos nele?” (v. 2) podem ser traduzidas mais precisamente por algo nesta linha: “Nós, que somos o tipo de pessoa que morreu para o pecado, como é possível gente como nós continuar a viver nele?”. Viver em pecado é uma contradição para o tipo de pessoa que nos tornamos em Cristo.

A resposta para a primeira pergunta: “Por que o cristão não continua a pecar?” é, portanto, que o cristão não é mais a mesma pessoa de outrora e, conseqüentemente, não tem mais o mesmo estilo de vida de antes. Uma vez que morremos para o pecado, não é mais possível vivermos nele.

Esse fato levanta, contudo, uma segunda pergunta.

Segunda pergunta: o quê?

Pergunta: O que significa ter morrido para o pecado?

Resposta: Somos libertos do domínio do pecado e não estamos mais debaixo de sua autoridade.

Todo cristão morreu para o pecado. Se você não morreu para o pecado, não é cristão. É simples assim.

A expressão “morrer para o pecado” ocorre somente nesta passagem do Novo Testamento. O que significa?

Observe o que Paulo não tem em mente.

Primeiro, Paulo não usa o tempo presente. Não diz que estamos morrendo para o pecado. Não fala de algo que está acontecendo, mas de algo que aconteceu.

Segundo, Paulo não usa o modo imperativo (o “modo de comando” do verbo). Não diz: “Vocês devem morrer para o pecado”. Nem mesmo diz: “Prossigam em morrer para o pecado”. Antes, diz que morremos. Não fala de algo que realizamos, mas de algo que já se aplica a nós.

Terceiro, Paulo não diz que nos tornamos imunes ao pecado. Essa ideia foi amplamente difundida em algumas ocasiões. É expressa na paráfrase de J. B. Phillips: “Pode-se dizer com certeza que um homem morto é imune ao poder do pecado”.⁴

Certa vez, encontrei uma cristã que dizia ser isenta de pecado. Durante nossa conversa, ela ficou bastante irritada, começou a discutir e, então, se enfureceu. A seu ver, porém, isso não era pecado.

Evidentemente, Paulo não está dizendo que o cristão é imune ao pecado. Essa ideia é contrária ao ensino do restante do Novo Testamento em geral, à experiência pessoal e ao que Paulo diz adiante nesse capítulo (Rm 6.11-14), uma exortação que não seria necessária se fôssemos imunes ao pecado.

O que é, então, essa morte para o pecado?

O contexto mais amplo é de ajuda. Ao longo de toda a passagem de Romanos 5.12—6.23, o apóstolo praticamente personifica o pecado, ou seja, usa linguagem pessoal para se referir à natureza e à influência do pecado. Diz que o pecado não é um ato isolado de desobediência, mas um poder que nos prende e nos controla. O pecado é, portanto, um rei que governa (5.21; 6.12), um senhor de escravos do qual somos servos (6.6,16) e um general do qual nos tornamos armas (6.13, “instrumentos”; o termo grego é *hopla*, “armas”). Também fala do “salário do pecado” (6.23) — o pecado é um patrão cujo sistema de pagamento para os pecadores só lhes traz morte.

Portanto, com base em Romanos 5.12 a Romanos 6.23 (e além), Paulo considera o pecado sobretudo um poder obscuro que nos escraviza. Somos dominados por ele, dependentes dele (como esposas que sofrem violência por vezes o são do marido cruel) e impotentes para nos libertar dele.

Que diferença faz estar “em Cristo”?

Antes, o pecado era nosso rei, proprietário, general e empregador. Agora não é mais. Fomos libertos. Na morte de Cristo para o domínio do pecado, morremos com ele. Desse modo, o pecado não tem mais nenhum direito sobre nós. Não somos mais seus cidadãos, não estamos mais debaixo de seu governo ou de sua autoridade, embora continuemos a perceber sua influência.

Saímos de um reino e nos tornamos cidadãos de outro. Agora pertencemos à comunidade daqueles que morreram para o reino do pecado. O pecado não nos governa mais como nosso rei.

Paulo desenvolve essa mesma argumentação de forma sucinta em Colossenses 1.13,14: “Por meio de Jesus Cristo fomos resgatados do reino do pecado e das trevas e transportados para o reino de graça e luz”.

Imagine que você tenha obtido a cidadania de outro país. Seu rei ou presidente anterior exige sua lealdade. Você tem direito a responder: “O senhor não exerce mais autoridade sobre mim”. Aliás, seria contraditório o cidadão de um novo país viver como se estivesse debaixo da autoridade do país anterior. De modo semelhante, viver em pecado depois que morremos para ele é uma espécie de traição de nossa nova identidade em Cristo.

Necessidade de clareza

Talvez você seja cristão há algum tempo e ainda não tenha compreendido sua nova condição em Cristo. Talvez se sinta intimidado pelo caráter dominador do tirano que outrora o governou.

Por vezes, crentes supõem equivocadamente: “Pequei; isso significa que o pecado ainda exerce autoridade sobre mim. Não posso ter ‘morrido’ para o pecado”.

Paulo contradiz explicitamente essa ideia. O pecado não tem autoridade sobre ninguém que esteja em Cristo. Você não está mais debaixo do domínio do pecado. Recebeu uma nova identidade. Morreu para aquele antigo reino e,

portanto, não faz mais parte dele. Foi ressuscitado por meio de Cristo para um novo reino em que ele (e não o pecado) governa. Desse ponto de vista, você pode olhar para trás, para seu antigo rei e para o reino dele, e dizer: “No passado você me governava, mas agora não mais. Sou cidadão do reino de meu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Agora, somente ele reina sobre mim”. Talvez você ainda não seja o que será um dia; mas, graças a Deus, não é mais o que foi no passado (Rm 6.17,18).

Paulo pergunta aos cristãos de Roma: “Vocês não sabem isso? Havia um erro no ensino que lhes foi dado? No tempo em que foram batizados e vieram à companhia de Jesus Cristo, ninguém disse o que significa ser cristão?”.

Talvez esse fosse o caso em algumas das igrejas primitivas. Nem sempre os crentes sabiam dessas coisas, ou talvez ninguém dissesse a eles. Se naquele tempo era assim, é ainda mais provável que isso seja verdade nas igrejas contemporâneas. Talvez ninguém tenha explicado a você que não importa o que o tirano pecado possa dizer, em seus diversos disfarces, pois não estamos mais sob seu domínio. Ele não tem mais como nos chantagear, não tem direito de nos paralisar, fazendo-nos pensar que nunca fizemos nenhum avanço real na vida cristã porque nunca seremos livres do pecado dominante.

Gosto de literatura de ficção sobre investigação criminal e, em diversas viagens longas, relaxei lendo livros de Anne Perry. Muitos deles se passam em Londres no século 19.

Um dos personagens centrais é um detetive chamado William Monk (que não deve ser confundido com o detetive Adrian Monk da série de televisão americana). Sua vida e suas aventuras são especialmente interessantes em razão de um acontecimento em seu passado. Quando era policial em Londres, Monk foi atirado de uma carruagem em alta velocidade. Sobreviveu ao acidente, mas perdeu a memória. Há situações em que ele fica em grande desvantagem pelo fato de não se lembrar do que lhe aconteceu no passado. Não sabe quem era e, portanto, não entende claramente quem é.

Esse é um problema fundamental para muitos cristãos. Perdemos contato com a pessoa que as Escrituras dizem que somos. Talvez nunca tenhamos verdadeiramente entendido que tornar-se cristão significa receber uma nova identidade em Cristo.

Paulo está dizendo: “Cristãos em Roma, vocês precisam entender sua verdadeira identidade. Vocês são pessoas com uma nova cidadania. Não estão mais sob o domínio do pecado. Esse fato faz uma diferença radical na forma de viver a vida cristã. Liberta-os do cativoiro”.

É fácil ler essa passagem e dizer: “Paulo, você não está falando de mim. Com certeza não me considero alguém que morreu para o pecado”.

Se esse é o caso, um sério acidente ocorreu. Você é como William Monk, sempre em situações com as quais não consegue lidar devidamente porque sofre de amnésia espiritual. Não entende claramente sua identidade em Cristo. Está sempre tentando decifrá-la, mas não consegue visualizá-la de modo claro.

Quando, porém, você começa a entender que, em Cristo, você morreu para o pecado e foi liberto do domínio do pecado; que não é mais escravo do pecado e não precisa ser vítima de sua sutil paralisia, então se pega dizendo não apenas: “Essa graça não é surpreendente?”, mas também: “Que gloriosa liberdade Jesus Cristo comprou para mim na cruz”.

Terceira pergunta: como?

Pergunta: Como morremos para o pecado?

Resposta: Morremos para o pecado ao sermos unidos a Jesus pela fé, o que nos leva a participar de sua morte para o pecado e de sua ressurreição para a nova vida.

O que aprendemos?

Primeiro, nós cristãos não podemos continuar em pecado porque morremos para o pecado.

Segundo, morrer para o pecado significa que fomos libertos do domínio do pecado e não estamos mais debaixo de sua autoridade (embora ainda não

tenhamos sido libertos da presença do pecado).

A terceira pergunta, portanto, é absolutamente fundamental: Como morremos para o pecado?

Paulo responde: “Pense no significado do batismo”. Vocês não sabem que todos que foram batizados o foram em Cristo Jesus? Isso significa que fomos batizados em sua morte e em sua ressurreição.

O batismo (Paulo está falando do batismo com água) é um sinal visível de tudo o que recebemos pela fé em Jesus Cristo.

Quando o batismo é considerado apenas algo feito com água, não é nada de si mesmo. A água é apenas água comum. Como sinal com um respectivo significado, porém, o batismo se torna um espelho das riquezas espirituais que temos em Cristo. A fé que atende ao sinal do batismo se apega a Jesus Cristo e realiza nossa união com ele de tal modo que tudo o que ele fez por nós passa a ser nosso no momento em que cremos.

Cristo morreu por nossos pecados, mas também morreu para o pecado, isto é, para o domínio do pecado. Ressurgiu para nova vida de ressurreição. Portanto, no instante em que creio em Jesus Cristo, participo de sua morte para o domínio do pecado e sou unido a ele no poder de sua ressurreição para a novidade de vida, a nova vida que ele vive para sempre com Deus (Rm 6.10).

Desse modo, as forças de outrora em cujas garras me encontrava foram terminantemente vencidas. A antiga cidadania que me mantinha prisioneiro do pecado foi anulada de uma vez por todas.

Observe como Paulo explica isso em Romanos 6.5: “Porque, se fomos unidos na semelhança de sua morte, certamente também o seremos na semelhança de sua ressurreição”.

“Certamente também o seremos.” Você sabe disso?

Essa perspectiva não tem como base nossos sentimentos. Nós a desenvolvemos a partir da Palavra de Deus. Se você não sabe dessa verdade, deve se dedicar a aprendê-la. Estude essa passagem e outras semelhantes (p. ex., Cl 3.1-16). Continue a pedir ao Senhor para que ele o ajude a entender sua Palavra e para que ela habite em você ricamente. Rumine essas passagens, como o boi ruma o

capim. Persevere nesse ensinamento até que ele tome conta de você. Interaja com ele até que a luz se acenda e você diga: “Como a graça de Deus me surpreende!”.

Velho homem crucificado

O cerne do ensinamento de Paulo está na declaração bastante condensada que ele faz em Romanos 6.6,7: “Pois sabemos isto: nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado fosse destruído e para que não fôssemos mais escravos do pecado. Pois quem morreu foi liberto do pecado”.

O que ele quer dizer?

Primeiro, uma vez que se tornar cristão significa ser unido a Jesus, nosso “velho homem” [literalmente “antigo homem” ou “homem anterior”] foi crucificado com ele. A que Paulo está se referindo?

Romanos 6.1-14 é construído sobre Romanos 5.12-21. Na passagem de Romanos 5, Paulo situa a universalidade do pecado e a maravilha da salvação em seu contexto mais básico. Seu ensinamento pode ser expresso em termos simples:

Por natureza, estamos em Adão. Adão, o primeiro homem, era pai e cabeça representativo de toda a raça humana. Como tal, sua interação com a ordem de Deus determinou a condição de toda a família humana.

Adão pecou e caiu. Nele nós também pecamos. Além disso, uma vez que participamos de sua humanidade, seu pecado se espalhou para todos nós. Consequentemente, em Adão todos pecaram e todos morrem. Nossa união com Adão nos coloca debaixo da culpa e do poder do pecado; em Adão, somos dominados pela velha ordem.

No entanto, Deus recomeçou em Jesus Cristo; ele é o novo Adão.

Pela graça, estamos em Cristo. Semelhante a Adão, Cristo é nosso cabeça representativo. Veio na condição de segundo Adão.

Ao contrário de Adão, Jesus foi obediente. O Novo Homem reverteu a desobediência do primeiro homem. O efeito da obediência de Jesus sobre a vida e a morte é o oposto do efeito da desobediência de Adão. Sua obediência produz justificação em lugar de condenação e vida em lugar de morte.

Portanto, o ensinamento de Paulo em Romanos 5.12-21 pode ser resumido da seguinte forma:

Dois homens, Adão e Cristo, foram designados por Deus para serem cabeças representativos.

Duas interações opostas com Deus marcaram a vida de cada um deles: Adão lhe desobedeceu, enquanto Jesus lhe obedeceu.

Seguiram-se dois resultados: morte no caso de Adão e vida no caso de Cristo. A velha e decaída ordem foi estabelecida em Adão; a nova ordem é estabelecida em Cristo.

Por natureza, portanto, pertencemos à família de Adão e estamos debaixo do domínio do pecado; vivemos dentro do âmbito da rebeldia contra Deus. Agora que nos apegamos a Cristo, porém, fomos transferidos da família desse velho homem, Adão, para a família do segundo Adão, o Novo Homem, Jesus Cristo.

O resultado de tudo isso é que “o velho homem”, tudo o que éramos quando estávamos ligados a Adão, morreu.

Nossa biografia como cristãos é escrita em dois volumes. O primeiro volume descreve nossa antiga vida sem Cristo; o segundo volume descreve nossa nova vida em Cristo. Mas não é apenas a isso que Paulo se refere. Esses são dois reinos, duas famílias, duas ordens de realidade à qual homens e mulheres pertencem, por natureza e pela graça, em Adão e em Cristo.

Tornar-se cristão, portanto, não é apenas aprender uma língua estrangeira. Passamos a ser cidadãos de um novo reino, membros de uma nova família. O domínio que a velha ordem exercia sobre nós foi quebrado. A ligação com Adão foi rompida. As influências que controlavam nossa vida foram vencidas. O

“encanto” do pecado sobre nós foi quebrado de uma vez por todas. Sim, verdadeiramente, “nosso velho homem foi crucificado”.

Mas como o domínio do pecado pode ter sido quebrado se ainda pecamos e se estamos continuamente em conflito com a carne?

Pense na seguinte situação: um homem foi liberto de um vício. Ele se torna, instantaneamente, exemplo de condição física perfeita? Não. É possível que tenha causado grande estrago a si mesmo. Agora está livre da tentação? De modo nenhum. E, no entanto, o domínio do vício sobre ele foi quebrado. Agora ele tem liberdade de recomeçar, de desfazer o que foi feito de maneira incorreta e de fortalecer sua saúde física, moral e espiritual.

Quando uma pessoa é liberta de um vício, os efeitos persistem e a atração do velho modo de viver permanece. É essencial vigiar constantemente. O mesmo se aplica ao “vício” do pecado (e, por natureza, todos nós somos viciados em pecado de uma forma ou de outra). O vício foi quebrado de forma que sua força não domina mais a nossa vida. Não o desejamos mais; não faz parte da vida em família que agora desfrutamos. Mas, embora não desejemos o velho modo de vida, não fomos libertos definitivamente de sua influência. Podemos ser cada vez mais santificados, mas ainda não fomos glorificados. Estamos livres do cruel domínio do pecado, mas ainda não estamos livres de sua presença sedutora. Por isso, lutamos contra sua influência para o resto da vida.

No entanto, ser influenciados pelo pecado que habita em nós não é o mesmo que estar debaixo de seu domínio. Em Cristo, reina a graça. Estamos livres. Estamos debaixo de uma nova autoridade.

O corpo do pecado é anulado

Agora Paulo diz que o velho homem foi “crucificado com ele [Cristo], para que o corpo de pecado fosse destruído e para que não fôssemos mais escravos do pecado” (Rm 6.6). Ao falar de “corpo de pecado”, é provável que Paulo esteja se referindo ao corpo físico humano.

A Bíblia não ensina que o corpo em si é pecaminoso. Contudo, nosso corpo se

tornou instrumento do pecado e tem parte em nosso vício em pecado.

Em nosso corpo, e por meio dele, o pecado domina. Ele expressa esse domínio por meio dos olhos, dos ouvidos, das mãos, da língua, dos pés. O corpo é, por natureza, dominado pelo pecado. “Mas”, diz Paulo, “nesse corpo — sim, nesse corpo — fui liberto do domínio do pecado. O velho homem foi crucificado com Cristo a fim de que esse corpo, como corpo em que o pecado dominava, não seja mais o corpo em que o pecado agora domina”.

Quando uma febre ameaça nossa saúde, somos subjugados por ela. Depois de algum tempo, contudo, a febre passa e o corpo consegue se recuperar. É o mesmo corpo; talvez a febre deixe marcas, mas o corpo agora está saudável. Aos poucos, começa a ganhar forças.

O mesmo acontece na vida do cristão. Nosso vício supremo no domínio do pecado é quebrado. Sim, o corpo será liberto da presença do pecado e tornado perfeito na ressurreição. Mas o corpo em que o cristão vive agora é, pela graça, solo pobre para o pecado e fértil para a santidade. No entanto, solo “pobre” não significa solo “impossível”. Por isso Paulo insiste em que permaneçamos extremamente vigilantes (Rm 6.11-14).

O cristão santificado

Paulo diz adiante, em Romanos 12.1,2, que a santidade se expressa por meio do mesmo instrumento que o pecado usava para se expressar: “Rogo-vos, portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é vosso culto racional. Não vos amoldeis a este mundo, mas sede transformados pela renovação de vossa mente...”.

Uma vida transformada é expressa em nosso corpo: por meio dos olhos e daquilo que você vê; por meio dos ouvidos e daquilo que você ouve; por meio das mãos e daquilo que você toca; por meio da língua e daquilo que você diz; e por meio dos pés e de onde você vai. Tudo se torna solo fértil para Cristo. Por isso, cantamos: “Toma a minha vida, ó Deus. / Vem, consagra-a aos planos teus. [...] Toma e usa minhas mãos / em amor, em compaixão. / Os meus pés, ó vem tomar, / e formosos vem tornar. [...] Toma a minha voz, ó Rei: / só por ti eu cantarei. /

Os meus lábios vem tomar: / enche-os, Deus, do teu falar. [...] Minha mente, vem tomar; / vida, força, respirar”.⁵ Em outras palavras: “Toma tudo o que sou no corpo; agora tudo pertence a ti, Senhor Jesus”.

Tudo isso depende da “renovação da vossa mente”. Em outras palavras: “Pense!”. É isso que precisamos aprender a fazer.

Pense nessas coisas especialmente se você entregou seu corpo ao pecado. Jesus Cristo pode restaurar esse corpo por sua graça e para sua glória. Pode transformar você, pois nele você foi liberto do domínio do pecado. É exatamente isso que Paulo está dizendo: “Nosso velho homem [nossa velha identidade] foi crucificado com ele [Cristo], para que o corpo do pecado fosse destruído [se tornasse infrutífero] e para que não fôssemos mais escravos do pecado”.

Ainda assim, alguns que pertencem a Cristo pensam que continuam a ser escravos do pecado. Não costumam dividir esse segredo com ninguém. Lutaram com fortes tentações para cometer certos pecados e concluíram que continuam a ser escravos do pecado.

Deve ficar absolutamente claro que cristãos são escravos de Jesus Cristo, não do pecado. Fomos libertos da escravidão do pecado. É possível, contudo, a presença do pecado em nossa vida nos levar a pensar equivocadamente que ainda estamos debaixo de seu domínio.

Durante a segunda metade do século 20, às vezes era noticiada a descoberta de um soldado vivendo na selva anos depois do fim da guerra em que ele havia lutado. A guerra tinha acabado; esses homens estavam livres há muito tempo; poderiam ter voltado para a sociedade sem medo de serem capturados, sem terror do inimigo. Não sabiam, contudo, a verdade de sua situação e de sua condição.

Por vezes, o mesmo acontece com cristãos. A presença contínua do pecado pode nos levar a pensar equivocadamente que somos escravos dele. Talvez sejamos até levados ao desespero. Não entendemos que a graça de Deus em Jesus Cristo nos liberta do domínio do pecado e, conseqüentemente, permite que entremos em conflito aberto com a presença do pecado e o vençamos.

Eis, portanto, a resposta para a pergunta: “Como morremos para o pecado?”. Fomos unidos a Jesus Cristo em sua morte para o pecado e em sua ressurreição para nova vida. Fomos ressuscitados para uma realidade inteiramente nova em

que o pecado não exerce mais domínio porque a graça reina.

Quarta pergunta: o quê?

Pergunta: O que esse ensinamento acarreta?

Resposta: Somos chamados, primeiro, a crer nesse ensinamento e, depois, a viver de acordo com ele.

A primeira pergunta foi: “Por que o cristão não continua a pecar?”.

A resposta: O cristão morreu para o pecado e, portanto, não pode continuar a viver nele.

A segunda pergunta foi: “O que significa ter morrido para o pecado?”.

A resposta: Somos libertos do domínio do pecado e não estamos mais debaixo de sua autoridade.

A terceira pergunta foi: “Como morremos para o pecado?”.

A resposta: Morremos para o pecado ao sermos unidos a Jesus pela fé e, com isso, também viemos a participar de sua morte para o pecado e de sua ressurreição para nova vida.

Paulo responde à quarta pergunta para nos ensinar o resultado prático do evangelho.

Primeiro, diz ele: “Da mesma forma, considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6.11). Não entenda Paulo equivocadamente. Ele não está dizendo que morreremos para o pecado apenas se crermos que morremos para o pecado. Está dizendo que, se você é cristão, essa é a verdade a seu respeito. Você morreu para o pecado. Portanto, conte com essa realidade; viva de acordo com ela.

Conte com essa realidade

O vocabulário que Paulo usa aqui vem do âmbito da contabilidade. O que um contador faz? Ele identifica valores, conta, calcula. Em seguida, diz para seu cliente: “A situação é a seguinte; esses são seus recursos; é com isso que você pode contar”.

É o que Paulo está dizendo. Por esse motivo ele enfatiza que há coisas que precisamos saber. Se formos ignorantes a seu respeito, não poderemos contar com elas.

Se você não compreendeu que, por meio da união com Jesus Cristo, você morreu para o domínio do pecado e foi ressuscitado para a novidade de vida, jamais contará com essa realidade e jamais viverá de acordo com ela.

Deus diz: “Meu filho querido, você não entende o que fiz ao atraí-lo à fé em meu Filho, o Senhor Jesus? Nele, você morreu para a velha forma de vida e foi ressuscitado para a nova vida. Morreu para o pecado; ele não exerce mais domínio sobre você. Conte com isso! Considere-se morto para o pecado, mas vivo para Deus em Cristo Jesus”.

Agora você tem condições de não deixar que o pecado domine seu corpo mortal e o faça obedecer a desejos perversos do pecado (v. 12). Você é capaz de resistir à pressão que ainda sente do pecado que habita em você. Pode dizer: “Sei que você está aí; sinto sua influência e percebo sua presença, mas não estou mais debaixo de sua autoridade. Portanto, não permitirei que me governe. Pela graça de Deus, fui liberto de seu domínio e estou decidido a viver como alguém que está debaixo do domínio do Senhor Jesus Cristo”.

É isso que leva Paulo a sua exortação: “Não apresenteis os membros de vosso corpo ao pecado como instrumentos de injustiça; mas apresentai-vos a Deus como vivificados dentre os mortos, e apresentai vossos membros como instrumentos de Deus para a justiça” (v. 13).

Eis, portanto, como devo pensar a respeito de mim mesmo:

Quem sou eu?

Fui ressuscitado para a novidade de vida em Jesus Cristo.

Não estou mais debaixo do domínio do pecado.

O que devo fazer, então, com esses instrumentos que Deus me deu?

O que estou preparado para ouvir com meus ouvidos?

O que verei com meus olhos?

O que farei com minhas mãos?

O que direi com minha língua?

Para onde irei com meus pés?

Esta é a resposta do cristão:

Toma a minha vida, ó Deus.

Vem, consagra-a aos planos teus.

Horas, dias vou te dar,

gastos só em te adorar.

Toma e usa minhas mãos

em amor, em compaixão.

Os meus pés, ó vem tomar,

e formosos vem tornar.

*Toma a minha voz, ó Rei:
só por ti eu cantarei.
Os meus lábios vem tomar:
enche-os, Deus, do teu falar.*

*Prata e ouro eu te dou.
Agarrar-me a nada vou.
Minha mente, vem tomar;
vida, força, respirar.*

*Toma o meu querer, meu Deus,
seja teu e não mais meu.
Vem meu coração tomar
faze nele o teu reinar.*

*Toma o meu amor, Senhor,
a teus pés eu o venho pôr.
Toma tudo que há em mim:
teu serei até o fim.⁶*

Oferecerei tudo o que sou — olhos, ouvidos, mãos, língua, pés — a meu Senhor Jesus Cristo. Então, o reinado de sua graça será estabelecido em minha vida e transbordará à medida que eu o servir para sua glória.

Essa é a verdade: “Pois o pecado não terá domínio sobre vós, porque não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (v. 14).

Já vivo no novo mundo da graça. Não vivo mais no Reino do Pecado, mas no Reino da Graça. Finalmente estou livre.

Esse é o significado da última estrofe do hino do pastor Sibomana:

... louve aquele que me livrou

do domínio do pecado

e me libertou!

Cante e regozije-se!

Ela reflete palavras de um hino muito mais antigo.

Sê do pecado a cura dupla.

Limpa-me de sua culpa e de seu poder.⁷

Você começou a experimentar “a cura dupla”? Ela se encontra no perdão da culpa e do pecado e na quebra do poder do pecado. Essas duas coisas são nossas pela fé em Jesus Cristo. E são nossas somente pela graça.

Essa é a graça de Deus. Quando você a descobre, é absolutamente surpreendente. Ela o faz cantar:

Oh, como a graça de Deus

me surpreende!

¹John Owen, A treatise of the dominion of sin and grace (1688), in: William Goold, org., The works of John Owen (Edinburgh: Banner of Truth, 2001), 7:517.

²Newman, The dream of Gerontius.

³De Jesus shall reign, de Isaac Watts (1719), uma paráfrase cristã do salmo 72.

⁴J. B. Phillips, The New Testament in modern English (London: Geoffrey Bles, 1960), p. 323 [edição em português: Cartas para hoje (São Paulo: Vida Nova, s.d.)].

⁵Do hino Take my life and let it be, de Frances R. Havergal (1874), tradução de Fabiano Silveira Medeiros.

⁶Take my life and let it be, de Frances R. Havergal (1874), tradução de Fabiano Silveira Medeiros.

⁷Do hino Rock of ages, cleft for me, de Augustus M. Toplady (1776). [Uma tradução desse hino, de Manoel da Silveira Porto Filho, denominada Rocha eterna, encontra-se em Salmos e hinos: com músicas sacras (Rio de Janeiro/São Paulo: Igreja Evangélica Fluminense/Vida Nova, 1990), sob número 408.]



SINCLAIR B. FERGUSON

(PhD, University of Aberdeen) é professor de Teologia Sistemática no Redeemer Seminary, em Dallas, e também leciona no Ligonier Ministries. Ferguson foi pastor da First Presbyterian Church, de Columbia, e é autor de diversos livros, entre eles *Um coração voltado para Deus* e *Somente Cristo*, publicados por Vida Nova.